

MAIS PORCO EM MENOS TEMPO



Lançado em 1º de junho, o novo programa cooperado de suínos estabelece limites mínimos de produção, visando uma arrancada decisiva para a suinocultura da região. Através dele, o produtor deve produzir mais leitões em menor espaço de tempo, tornando a própria indústria mais competitiva — 8 e 9

MILHO

Suporte para um novo modelo produtivo



Baixa produtividade deve ser superada

Entraves de produção e o potencial da cultura foram discutidos em Curso de Atualização sobre o Milho

— 5, 6 e 7

AGROINDÚSTRIA

Projeto aprovado pelo BNDES

Com apoio financeiro garantido, a Cotrijuí se prepara para construir a sua indústria de cereais, contando com a melhor tecnologia no gênero — 10

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Júlio de Castilhos, 342
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 -
Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Granelero - 4ª Secção
da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122
Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

— Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
- CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155
Telex 511433 CTXT

— Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
- CEP 90030 - Fone (0512) 21-0809
Telex 511433 CTXT

— Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 -
Fone (067) 421-3815 - Telex 674102 TSCO

— IRFA - Instituto Riograndense de
Febre Aftosa Ltda
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

— SOPROSUL - Ind. e Comércio de
Plásticos Ltda.
Rua Padre Diogo Feijó, 37 - Bairro Navegantes
- Porto Alegre - RS - CEP 90240
Fone (0512) 43-71-19

**ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente
Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente
Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira
Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)
João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral,
Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto,
José Rieth de Oliveira, Floriano Breitembach,
Waldir Domingos Zardin, Erno Schneider,
Juarez Padilha, José Dalísio Marchese e
Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Camiel, Arlindo Valk, Luiz Fernando
Lôw, Ezio Barzotto, João Pedro Lorenzon,
Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas,
José Moacir da Conceição, Ari Göergen e
Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Otaliz de Vargas Montardo, Amário Becker
e Ingbert Döwich.

Suplentes

Elbio Gorostide Galarza, Rudi Bönmann e José
Atalides Conceição.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira. 26
Dom Pedrito. 3
Total. 29

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira..... 585.800 t
Rio Grande..... 220.000 t
Dom Pedrito..... 91.000 t
Total..... 896.800 t

Órgão de circulação dirigida ao quadro social,
autoridades, universidades e técnicos do setor,
no país e exterior.



Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora;
Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto
Alegre; e Lucilene Zafalon, Rio Grande

REVISOR

Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa
Solna, na "A Tribuna Regional",
Santo Ângelo/RS.

Num momento crítico e de redefinição para a agricultura, especialmente a regional, o milho ganha importância significativa, principalmente se levamos em conta a estrutura de nossas propriedades e a capacidade que a cultura tem de transformar-se em proteína, atendendo as necessidades de mercado, nas mais variadas atividades produtivas. Essas palavras são do presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva, durante o encerramento do curso de atualização sobre milho, realizado no final de maio em Ijuí. Em dois dias, técnicos, pesquisadores, estudantes debateram os estrangulamentos da cultura, que não são poucos, mas reafirmaram, sobretudo, a necessidade de superação dos inúmeros problemas de produção para que o milho ocupe um espaço merecido nas lavouras. A análise do mercado do milho, o seu valor industrial, a sua importância no controle de pragas e as recomendações de plantio estão incluídas numa ampla radiografia da cultura. Páginas 5, 6 e 7.

Frente a um mercado exigente em produtividade e qualidade do produto, o programa cooperado de suínos da Cotrijuí reformula todas as suas regras, colocando ao

produtor a chance de ganhar um pouco mais pelo leite produzido na Cooperativa. O novo programa foi lançado no dia 10 de maio, depois de várias discussões com os associados, somadas às quais também são convocados a responder as demandas mais eficientes na produção, tendo maior responsabilidade pela atividade que vem espermeando ao longo do tempo. Apesar da tradição existente na região, o lucro do suinocultivo sempre tem sido ínfimo e a produção nem mesmo chegou a atingir a capacidade de abate da Cooperativa. Por isso, a partir de agora, estabelece, agora, regras bastante rígidas com o intuito de fazer com que o produtor de suínos crie uma estrutura produtiva condizente com o padrão exigido pelo mercado. Para isso, o produtor vai contar não só com o repasse de informações, mas também com um programa de multiplicação de matrizes, além de uma programação diária dos custos da alimentação, além de também com um programa de multiplicação de matrizes, além de que possibilita a reposição de animais de qualidade com condições com maior economia. O novo programa também inclui também uma análise do momento em que ele é lançado, nas páginas 8 e 9.

DO LEITOR.

O comportamento do setor agrícola e as alterações no Governo

* Paulo Roberto Nunes da Silva

No que diz respeito ao aspecto mais abrangente da conjuntura político-econômica, a queda da ministra Zélia significou a derrota de uma equipe que incorporou o discurso do presidente Collor e exerceu a função de administrar a política econômica dizendo-se independente em relação a sociedade organizada. A ministra, uma desconhecida antes da candidatura Collor, logrou alcançar, segundo alguns analistas, mais poderes do que Delfim Neto em sua segunda gestão.

A sua postura autocrática criou-lhe sérios obstáculos. Alguns segmentos do empresariado, descontentes com o rumo tomado pelo controle de preços, vinham intensificando suas queixas, alegando falta de diálogo e acusando abertamente a equipe de implementar medidas de forma autoritária.

A queda da ministra abriu caminho para a implantação da nova postura do governo que, a partir de agora, deverá buscar o diálogo com políticos e empresários. No discurso do último dia 23 de maio, Collor foi claro: "não há governo democrático se não há sintonia entre a ação política e a atividade administrativa, obtida através do diálogo e do entendimento". Resta saber qual a distância entre discurso e prática e quando o restante da sociedade poderá participar efetivamente da discussão de temas como: política salarial, política educacional, política de saúde, política agrícola, etc. . .

No que diz respeito a sua relação com o setor agrícola é inegável que a ministra Zélia desgastara-se profundamente. O seu atrito com o ministro Cabrera tornara-se de conhecimento público e era grande o descontentamento do setor em relação à condução da política agrícola.

A decisão de adotar preços mínimos e VBC's diferenciados, desestimulando a lavoura de soja no Centro-Oeste desagradara profundamente os agricultores daquela região. O corte dos recursos financeiros para financiamento da atividade agropecuária foi talvez o



"A decisão de adotar preços mínimos e VBC's diferenciados desestimulando a lavoura de soja no Centro-Oeste, desagradou profundamente os agricultores daquela região"

maior motivo de descontentamento dos agricultores em geral.

Ultimamente as lideranças do setor agrícola vinham se queixando de que a equipe econômica propagandeava injustamente a ineficiência e a falta de competitividade dos produtos agrícolas brasileiros. Em contraposição argumentavam que as razões da falta de competitividade dos produtos agrícolas brasileiros estavam em sua maioria do lado de fora das porteiras.

Enfim, havia motivos suficientes para justificar um descontentamento do setor agrícola com a gestão da ministra Zélia.

Neste tópico quero chamar a atenção para as tendências observadas na evolução da produção agrícola nacional e gaúcha nos últimos 20 anos, fazendo uma relação entre volume de produção, área colhida e rendimento físico das cinco principais lavouras de grãos e o volume de recursos financeiros destinados ao crédito rural.

Durante a década de 70, o volume produzido pelas cinco principais lavouras de grãos a nível nacional cresceu a uma taxa de 5,90 por cento ao ano (no RS 6,59 por cento), enquanto a área colhida crescia a 4,41 por cento (no RS 4,90 por cento), resultando num crescimento da produtividade da ordem de 1,43 por cento ao ano (no RS 1,60 por cento). Neste mesmo período o volume de recursos destinados ao financiamento da atividade agrícola cresceu a uma taxa de 14,73 por cento ao ano. Não foram obtidas informações de crédito para o RS, mas admite-se que a tendência seja semelhante à observada a nível nacional.

Durante a década de 80, o volume produzido pelas mesmas lavouras a nível nacional cresceu a uma taxa de 3,06 por cento ao ano (no RS 1,49 por cento), enquanto a área colhida apresentava um acréscimo de 0,85 por cento ao ano (no RS - 0,45 por cento), resultando em um crescimento da produtividade da ordem de 1,86 por cento ao ano (no RS 2,45 por cento). Durante a década de 80, consideramos o período 1980/88, o volume de recursos destinados ao financiamento da atividade agrícola decresceu, em termos reais, a uma taxa de 4,59 por cento ao ano.

Estes dados quando relacionados com as conjunturas de preços no mercado que vigiram durante as últimas décadas mostram uma forte transformação no comportamento da produção. Como é possível tal quadro? Como é possível que o setor produtivo que sofre um corte de recursos dessa ordem consegue alcançar aumentos de produtividade e reduções de área? O espaço não me permite discutir tais questões. Contudo, é importante que reflitamos o significado de tais transformações, tendo em vista que a agricultura está passando por um período de transição entre um período de paternalismo e de banjamentos e um outro período de escassez de recursos e seus efeitos seriam conduzindo o setor à redução da produção. A conjuntura de restrições da década de 80 que se iniciou com a gestão da ministra Zélia parece estar empurrando o setor agrícola para o aumento da eficiência técnica, o que se apresenta com a integração do Cone Sul e as repercussões da abertura da Uruguai do GATT.

Enfim, o setor agrícola parece estar encontrando as saídas para os problemas, apesar das dificuldades técnicas. Entretanto, as grandes diferenças entre os resultados alcançados pelos agricultores de ponta e os agricultores nacionais e regionais, demonstram ainda há muito a ser feito.

* Economista Paulo Roberto Nunes da Silva, Técnico da Fundação de Economia e Estatística

Sangue novo na Ocergs

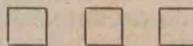


Diretoria da Ocergs
Eleição aconteceu no salão de atos da Farsul

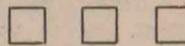
Tendo como lema a integração e a participação, foi eleita e empossada no dia 10 de maio, a nova diretoria da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul - Ocergs. A promessa do novo presidente, Hélio Zawatski, que dirige a entidade juntamente com Antoninho Cigana e Ely Luiz Liska, "é dar uma chacoalhada no sistema". O trio, segundo proclamação à imprensa, quer provocar a sociedade gaúcha para debater e entender o cooperativismo e mostrar as vantagens que esse sistema tem em relação aos métodos tradicionais da economia.

Zawatski, que substitui a diretoria encabeçada por Adelar da Cunha, fez entusiasmado discurso antecipando algumas decisões que serão tomadas para tornar a Ocergs mais eficiente. A integração do sistema é a meta principal. Com esse objetivo inicial falou sobre a idéia de realizar uma conferência de cooperativas do Cone Sul, como um primeiro passo à integração entre as entidades, visando o Mercosul.

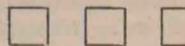
FECOLÁ - Empossado no dia 18 de abril, já está dirigindo a Federação das Cooperativas de Lã do Brasil - Fecolá - o agropecuarista Carlos Silveira Gadret, com sua sede em Porto Alegre. Ele foi eleito juntamente com Nery Antonio Pinto Gonçalves e Darnô Fonseca, que assumiram os cargos de primeiro e segundo vice-presidentes. Foram eleitos para o conselho: Décio Prates da Silveira, Hermes Silva Pinto, presidente da Valuruguai; Roberto Brisolará Martins, Paulo Roberto Rotta, Helder Bulcão de Souza e José Hilton Schlee.



SINTARGS - No dia 20 de abril passado foram empossados os novos delegados das 46 delegacias dos Sindicatos dos Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul, juntamente com a nova diretoria do órgão estadual, agora presidida pelo técnico Guebarth da Silva, de Porto Alegre. A 3ª Delegacia do Sintargs que compreende além de Ijuí mais oito municípios da região, passa a ser coordenada pelo técnico agrícola da Cotrijuí, Joceli João Schiavo, tendo como delegado substituto Ildo Kock da Cotripal em Panambi; secretário, Ervino José Megier e como tesoureiro, Jaime Lorenzoni, ambos da Cotrijuí, unidade de Ijuí. O Sintargs agrega mais de quatro mil técnicos no Estado e se prepara para uma ampla programação para este ano.



DAC - Antonio Gilson Brum, ex-vereador no município de Espumoso, é o novo diretor do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, órgão da Secretaria da Agricultura e Abastecimento. Ele tomou posse no último dia 21, na presença do secretário Aldo Pinto. Além de político, o novo titular do DAC da Secretaria da Agricultura é de formação técnico-agrícola. No ato de posse ele disse pretender, de imediato, visitar todos os assentamentos existentes no Estado, para avaliar a situação dos colonos. Diz estar entusiasmado com as novas atividades que passou a coordenar, e que dedicará atenção especial ao setor de pesquisa na agropecuária que, segundo ressaltou, possui informações importantes sobre a maioria dos municípios do Rio Grande do Sul.



CÓDIGO DO CONSUMIDOR - Os produtores que desejarem vender hortigranjeiros, queijo, manteiga, nata, mel e enfim, toda espécie de produtos coloniais deverão fazer uma cadastro junto a Emater, Secretaria de Saúde ou Postos de Saúde. Esta exigência, que não traz nenhum ônus ao produtor é feita pelo Código de Defesa do Consumidor, através do seu Art. 31: "A oferta a apresentação de produtos ou serviços devem assegurar informações corretas, claras, precisas, ostensivas e em língua portuguesa, sobre suas características, qualidade, quantidade, composição, preço, garantia, prazo de validade e origem, entre outros dados, bem como sobre os riscos que apresentam a saúde e segurança dos consumidores".

PEJUÇARA



Os programas de atuação e também um pouco da história da Cotrijuí estiveram presentes na 3ª Expofeira de Pejuçara, realizada de 11 a 19 de maio e que contou com a presença de algumas autoridades como o ministro da Educação Carlos Chiarelli e o representante do governo do Estado, o deputado Cesar Schirmer. A participação da Cotrijuí atendeu a um convite da Comissão Organizadora, responsável pela festa no Parque de Exposições, integrando os 25 anos de emancipação do município.

Credipel em Cel. Barros



Bruno Van Der Sand

Posto da Credipel Estímulo a emancipação

A Cooperativa de Crédito de Augusto Pestana acaba de estender os seus serviços para mais uma localidade da região. É em Coronel Barros, distrito de Ijuí, que está trabalhando pela sua emancipação político-administrativa e que inaugurou no dia nove de maio um posto avançado da Credipel. É o quarto posto da Cooperativa que este ano comemora 66 anos de fundação. O atendimento ficará a cargo de Celso Norbert.

Situado à rua dos Imigrantes, o posto da Credipel teve a inauguração prestigiada pela Cotrijuí, Banco do Brasil, representante do Legislativo Municipal, da administração pública e do presidente da Credipel, Bruno Van Der Sand, além de membros da comunidade.

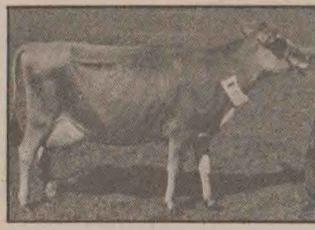
O presidente da Credipel lembrou o permanente apoio que a Cooperativa recebeu para instalar o seu posto. Dizendo-se "irmão" à organização política buscada pelo distrito, salientou a necessidade de união para trabalhar, principalmente em épocas difíceis como a de agora".

Por último fez um apelo à comunidade "para que aposte nesta casa, que junto com o Banco do Brasil é a única repassadora de crédito rural".

O gerente da agência do Banco do Brasil de Ijuí, Dorildo Berger, parabenizou a Credipel por mais este ato corajoso, qualificando a inauguração do posto como mais uma entidade que vem somar para o desenvolvimento da localidade. O vereador Donário Schirmer reafirmou este propósito, sendo complementado pelo presidente da Comissão Emancipacionista, Gilberto Rohde, que mais uma vez destacou "a busca da auto-suficiência do distrito". Por fim falou o representante da Cotrijuí, o assessor de Comunicação Valmir Beck da Rosa, que depois de lembrar a necessidade cada vez mais urgente de mudanças no campo, citou a abertura do posto como um fato marcante para isso e exigente da responsabilidade de todos para o seu desenvolvimento.

Jersey em destaque

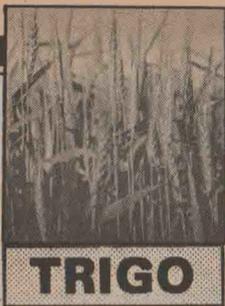
Elerson Krampe, um dos produtores de leite mais organizados de Ijuí e possivelmente da região, tem o seu trabalho cada vez mais reconhecido. Depois da ótima premiação alcançada na última Feira Agropecuária de Ijuí, o proprietário de 70 hectares na Linha 9 Leste se destaca novamente pelo arremate de vários prêmios na Expopal - Exposição Agropecuária de Palmeira das Missões, realizada de 2 a 6 de maio. A já premiada Melody Winter Bernard, da raça Jersey PC se classificou como a Grande Campeã Vaca Jovem (3 anos). O prêmio de Grande Campeã Vaca Adulta ficou com Pituxa Magic Title; o de Grande Campeã Vitalícia (mais de 5 anos) com Boneca Bold Torono, todas da raça Jersey PC. Além disso, o produtor obteve os melhores prêmios em produção leiteira. Os mesmos animais. Seguindo a ordem anterior, ficaram com o primeiro lugar através de uma produção de 26,499 Kg/leite em três ordenhas feitas em 24 horas. O segundo lugar por uma produção de 17,300 Kg/leite e o terceiro com 16,630 Kg/leite.



Melody Faturando os melhores prêmios

COTRIEXPORT

Complementando o registro sobre as mudanças internas da Cotrijuí, publicado na edição passada, estamos divulgando agora o nome do novo gerente da Cotriexport. É Luiz Artur Fogliatto. Aproveitamos também para retificar o nome do gerente de Compras e Abastecimento: Valdemar Heldwein.



TRIGO

Lavoura de indefinições

Área só não será menor na região porque Cotrijuí adotou programa troca-troca para sementes de trigo

O que vai ser da próxima lavoura de trigo, ninguém sabe ainda ao certo, embora o prazo oficial para plantio esteja se esgotando. As indefinições e incertezas em relação a comercialização do produto, a falta de recursos para o plantio das lavouras, já que o governo ainda não liberou o tão prometido dinheiro de custeio, o próprio VBC que, segundo a Fecotrigo não cobre 50 por cento da necessidade dos produtores e o preço de garantia do produto, estão tirando a triticultura da rota em direção a auto-suficiência. Somam-se a todos estes dissabores as notícias da importação do produto.

Muito se tem falado em redução na lavoura de trigo, mas os percentuais desse encolhimento ainda continuam numa incógnita, pois nem o próprio produtor está sabendo o rumo a tomar. Muitos deles continuam à espera da liberação dos recursos anunciados para a lavoura. Na área de ação da Cotrijuí Pioneira, a situação não é diferente. A redução sobre a intenção de

plantio da região é de 20 por cento. Em vez dos 104.500 hectares cultivados ano passado, a lavoura poderá ficar ao redor dos 82 mil hectares.

"Em torno de uns oito mil hectares de lavoura ficarão assegurados pelo programa troca-troca para sementes de trigo", avalia o Alcio Schneider, gerente da unidade de Ijuí, sem querer fazer qualquer previsão. A meta da Cotrijuí é colocar 20 mil sacos de sementes de trigo à disposição do produtor associado dentro do programa troca-troca de sementes, "mas acreditamos que em Ijuí os contratos totalizem 3 mil sacos", observa o gerente.

Até o dia 10 de junho, a unidade da Cotrijuí em Ijuí já havia recebido 114 propostas envolvendo 2.009 sacos de sementes. Já a unidade da Cotrijuí em Santo Augusto fechou, até esse dia, segundo o chefe administrativo José Natalino Cardoso, 84 contratos, correspondendo a 2.042 sacos. "786 hectares de trigo a serem plantados em Santo Augusto estão sendo assegura-

dos pelo troca-troca", ressalta José Cardoso.

A procura por sementes em Ijuí, segundo o Alcio Schneider, só aumentou depois que a Cotrijuí anunciou o programa troca-troca, mas mesmo assim, o produtor está andando com cautela, pegando sementes em pequenas quantidades, "provavelmente para plantar mais para o consumo da propriedade", diz o Alcio. Até acredita que muitos destes produtores nem iriam plantar trigo neste inverno, já que ninguém tem semente própria em casa e dinheiro da soja que é bom, não existe. Os produtores que estão levando sementes, estão pegando, em média 18 sacos, o que dá uma área de oito hectares de lavoura por produtor", calcula o gerente da unidade de Ijuí, preocupado com o nível tecnológico das lavouras. Sabemos que alguns produtores estão comprando adubo com o dinheiro do leite, outros continuam esperando a liberação do repasse feito via Credipel".

SÓ SEMENTE - O programa

troca-troca é específico para semente de trigo, sem envolver insumos. "A única exigência que a Cotrijuí está fazendo, lembra Euclides Casagrande, é que o associado tenha entregue na cooperativa toda a soja colhida na safra passada". O fato de continuar

devendo 50 por cento do troca-troca da soja não limita o acesso a semente de trigo. Para cada 50 quilos de semente que o produtor levar para a formação de sua lavoura, terá que devolver 100 quilos de trigo destinado à indústria de PH 78.

Política errada

Já estamos na época de plantar trigo, e algumas regiões até já lançaram sementes no solo, mas nunca se viveu tanta incerteza a respeito do futuro da safra, como neste ano. A triticultura vive seu pior momento. A dúvida é tanta que nenhuma entidade técnica da área arrisca dar opinião sobre esse importante assunto.

Para o assessor da diretoria da Fecotrigo, agrônomo Paulo Roberto da Silva, o que se tem como certo mesmo é que esse é um assunto muito complicado. E diz: "agente ativo e passivo do processo, o agricultor se sente colocado entre o punhal e o muro, precisando decidir-se em meio a uma série de elementos adversos".

E enumera alguns fatores. Nada foi definido ainda com respeito a comercialização após a extinção da compra estatal do trigo. As cooperativas, que são as grandes estimuladoras da triticultura, ainda não sabem como, e para quem vender, e se terão de assumir o papel que antes foi desempenhado pelo Ctrin.

PREÇO BAIXO - O preço de garantia fixado em 116 dólares a tonelada, ou Cr\$ 32.072,00 em maio, ao invés dos 221 dólares reivindicados pela Fecotrigo, é fator de desestímulo.

Ante esse cenário, adverte Paulo Roberto, qualquer previsão de safra neste momento é chutar completamente no escuro. E isso é tanto mais lamentável levando-se em conta que ocorre após 20 anos de desenvolvimento tecnológico e estímulos financeiros à triticultura, onde já estivemos a um passo da auto-suficiência, diz o técnico, que chega a pensar que seja

fato inédito no mundo um país dominar a técnica de cultivo de uma planta nobre e acabar por abandonar o cultivo por problemas nunca suficientemente explicados.

Quanto ao Valor Básico de Custeio - VBC, para a próxima safra, que ainda será dividido para pagamento em três parcelas, Paulo Roberto diz que não atende nem em 54 por cento as necessidades dos produtores.

PAÍS DEPENDENTE - A conclusão que se pode chegar ante o atual quadro recessivo que alcança a lavoura de trigo, é que: "inviabilizada a produção nacional, os efeitos negativos se estenderão, abalando drasticamente a já precária economia nacional, com graves prejuízos em outros segmentos da produção. Os primeiros a terem sua situação, já crítica, ainda mais abalada, serão o setor de maquinaria agrícola e o de fertilizantes".

"Esse quadro coloca o país numa grande dependência em relação ao mercado internacional, por jogar por terra todo o esforço de 20 anos feito pela sociedade brasileira. A história tem mostrado que os preços internacionais do trigo foram sempre mais elevados quando nossa dependência do cereal é maior. Se outros argumentos não fossem já suficientes, para demonstrar o erro que o governo está cometendo, finaliza Paulo Roberto da Silva, a condição do preço internacional do trigo já seria motivo para que, alertado como está, modificasse essa política, que é totalmente errada e contraproducente".

TROCA-TROCA/SOJA CONFISSÃO

Dívidas já podem ser renegociadas

Aqueles produtores que entregaram soja para cumprir os 50 por cento do contrato feito através do sistema troca-troca para formação da lavoura de verão e aqueles produtores que não conseguiram atingir metade da dívida com a colheita, mas entregaram toda a sua produção na cooperativa, já poderão, a partir do dia 17 de junho, renegociar o saldo devedor. "Estes são os produtores que se enquadram nessa negociação", deixa claro o diretor vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande.

Os produtores que desviaram a produção, não atendendo os seus compromissos com a cooperativa, receberão tratamento diferenciado. "Os produtores que agiram desta forma serão considerados inadimplentes", avisa Casagrande lembrando que a Cotrijuí, por sua vez, foi obrigada a cumprir com todos os compromissos contratados. "Entendo que assim como a Cotrijuí quer manter o crédito

com os compradores, os produtores também têm que fazer um esforço para manter em dia suas dívidas com a cooperativa", observa.

NEGOCIAÇÃO - Dentro desta negociação estão incluídos a soja confissão, e os programas troca-troca, de soja, de milho, de milho pipoca e de hortigranjeiros. "O associado com débito em Conta Corrente fica de fora desse negócio", avisa o gerente Financeiro da Cotrijuí Pioneira, o Júlio Feil. "Esse vai ter que pagar suas dívidas", lembra.

Para melhor operacionalizar todas as dívidas contraídas, sejam elas do troca-troca de soja, de milho, de milho pipoca e de hortigranjeiros, e soja confissão, a Cotrijuí vai juntar todos os contratos num só, "embora o produtor continue com a opção de saldá-la com o produto comprometido dentro do vencimento correspondente à época de colheita. Um exemplo: o produtor que optar por pagar sua dívida de milho

com o produto contratado, só vai saldá-lo em fevereiro, época da colheita.

Mas o produtor também poderá saldá-las com trigo, em novembro, ou então com soja, ano que vem, depois da colheita. "O que a Cotrijuí quer, explica o Júlio Feil, é facilitar a vida do produtor. Se ele tiver condições e assim o desejar, poderá pagar essas dívidas com trigo ou milho, por exemplo, evitando, desta forma, um acúmulo de contas para serem saldadas com o produto soja".

ACRÉSCIMO - Todas as dívidas enquadradas para renegociação terão um acréscimo de 25 por cento, "que não é juro e nem multa", avisa Euclides Casagrande. É um cálculo que a cooperativa encontrou para cobrir custos financeiros. O cálculo é semelhante a uma venda futura. É como se o produtor recebesse o dinheiro agora, mas só entregasse o produto na próxima safra", explica.

A defesa do milho em paiol. Contra traças e carunchos.

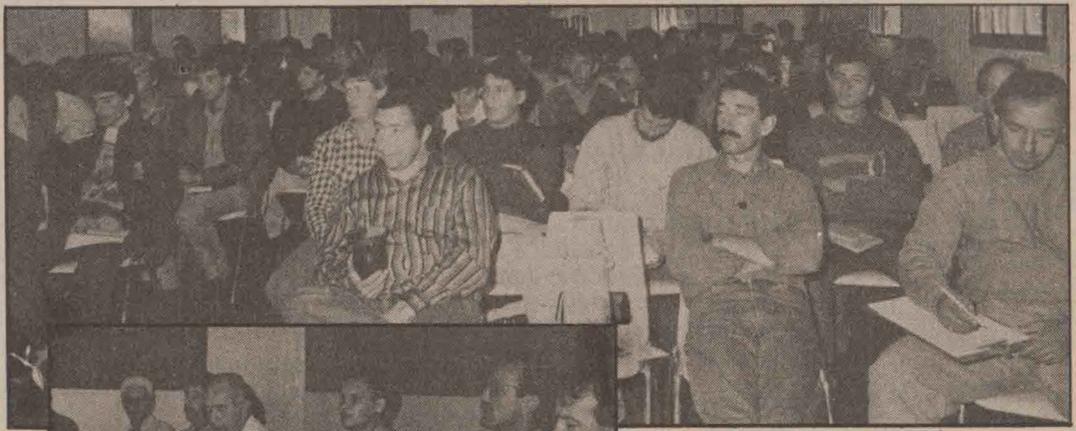
ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

K-Obiol® 2P

QUIMIO
divisão agroquímica

Mais milho, com maior tecnologia



Na Afucotri, em Ijuí
Técnicos, pesquisadores e estudantes
debateram o milho

O milho vive uma espécie de retomada no Rio Grande do Sul, devendo mobilizar técnicos, pesquisadores e produtores que reconhecem nele o grande suporte para a implementação de um novo modelo produtivo. Principalmente pelo incremento das atividades de produção, como a suinocultura e a produção leiteira da região. Os entraves para tirar a cultura de uma situação total incoerência ao seu potencial genético e nutritivo, contudo, não são poucos, como mostrou o curso de valorização sobre o milho, realizado em Ijuí. É preciso enfrentar desde o rato até as intervenções inoportunas do governo, contando, evidentemente, com lavouras bem mais produtivas

Produzir mais milho com maior tecnologia foi a indicação que norteou o curso de atualização sobre a cultura nos dias 22 e 23 de maio, na Afucotri, em Ijuí. Um número de 150 pessoas, entre técnicos, pesquisadores e produtores estiveram presentes ao evento promovido pela Cotrijuí, Associação dos Profissionais de Agronomia, em Apaju e Comissão Regional de Tecnologia Agropecuária, com o apoio da Cargil-Sementes. Uma palestra discutiu com os palestrantes os poucos problemas que a cultura enfrenta no Estado e no Brasil em produção ou comercialização, confirmando sobretudo, a necessidade de superação dos entraves técnicos para que o milho venha ocupar o espaço merecido e exigido pelo mercado, cada vez mais ávido por produtividade.

A valorização do milho foi assinalada pela direção da Cotrijuí, durante a abertura do encontro, através do presidente Euclides Casagrande, que destacou os investimentos que a cooperativa vem fazendo no setor de industrialização. Ele lembrou ainda a falta de tecnologia empregada à cultura e por isso a urgência de se buscar os maiores índices produtivos. A produtividade não só da nossa região, mas também a brasileira é muito baixa em relação a outros grandes produtores de milho, como os Estados Unidos e a Europa, até mesmo quando eles contam com pesados subsídios à agricultura", disse Casagrande.

REGULAMENTO - Se são muitas as dificuldades, também é grande o potencial de aproveitamento e produção de milho, afirmou um dos organizadores do encontro, o pesquisador do CTC, Roberto Carbonera, já que sua utilização é prioritária para a reestruturação do modelo produtivo. "Seja como rotação de culturas ou como opção econômica de produção de suínos e leite, e até mesmo do excedente, o milho tem grande valor, desde que os pontos de estrangulamento sejam devidamente solucionados". Entre esses, Carbonera apontou a correção na época de plantio; a utilização de materiais mais produtivos; a semeadura adequada, seja com máquina ou com saraquá; a manutenção das boas condições de solo e a atenção cuidadosa com a armazenagem.

Tanto empenho para uma cultura pode ser traduzido pela sua adoção praticamente todas as lavouras do Estado. São 400 mil produtores produzindo milho no Rio Grande do Sul, a maioria minifundiários, desvalorizado o produto basicamente para o consumo, através da produção de suínos, aves, e leite, principalmen-

te. A produtividade dessas lavouras é baixíssima, tanto no Estado como no Brasil - 2200 quilos e 1800 quilos por hectare, respectivamente, e as perdas por armazenagem são alarmantes. A industrialização do produto também é pouca. Dados da Fecotri e do IBGE apontam que apenas 10 por cento de uma produção avaliada em 4 milhões de toneladas é industrializada no Estado. De cinco a seis por cento é vendido direto ao consumidor e de oito a nove por cento a intermediários.

Esses dados foram colocados pelo veterinário Carlos Cogo, representante da Companhia Nacional de Abastecimento em Porto Alegre, ao proferir palestra sobre as Perspectivas da Cultura do Milho no Estado e no Brasil. A constatação de Cogo serve para salientar a desorganização atual



Carlos Cogo

da oferta e da demanda no país, frente ao grande potencial de aproveitamento para as atividades integradas de suinocultura, da pecuária leiteira, mas principalmente da avicultura, que

é o setor de carnes mais promissor em todo o mundo.

PRODUÇÃO - A produção é insuficiente para tocar às atividades, assim como a venda do excedente, quando ele acontece, não encontra preço por causa das intervenções governamentais, feitas pela colocação de estoques com preços subsidiados em épocas inoportunas. Através de vários estudos, Cogo mostrou que uma única vez o governo acertou na sua intervenção. Foi em 1987, propiciando uma lenta e pequena recuperação de preços, sentida porém, somente nos maiores estados exportadores como Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná. No resto do País os produtores que conseguiram juntar um excedente não tiveram rentabilidade, pois não possuem estrutura de armazenagem que suporte a espera de reação de preço na entressafra.

Com esse ânimo oficial, a cultura não cresce e nem o mercado se torna atrativo, destaca o veterinário, dizendo que "é difícil falar em mercado do milho no Rio Grande do Sul e mesmo no Brasil". No que diz respeito à produção, o milho como cultura de venda só é possível com três mil e 500 quilos por hectare, salientou.

Maior ponto de estrangulamento, a baixa produção no milho foi ainda demonstrada pelo veterinário da CNA, pela ausência do produto no

suprimento interno. Desde 81, o milho se tornou insuficiente para o abastecimento do Estado, perfazendo uma falta anual de 500 a 700 mil toneladas. Este ano, por causa da seca, essa falta foi às nuvens, fazendo com que a CNA estime uma lacuna de um milhão e 400 mil toneladas. "Dos últimos 20 anos é o pior em termos de abastecimento", afirmou.

À lacuna na produção colhida, Cogo junta ainda um outro fator que vem agravando o abastecimento estadual: são as perdas por armazenagem em torno de 20 por cento do total produzido. "O Rio Grande do Sul importa a mesma quantidade que perde devido ao ataque do caruncho, fungos e dos roedores".

AS CARAS IMPORTAÇÕES - Em todo o Brasil a situação não é tão diferente. Para uma demanda cada vez mais crescente, há uma produção, atualmente estimada em 23,5 milhões de toneladas - tão mal distribuída e encarecida pelos fretes, que acaba sendo ultrapassada pelas importações subsidiadas do exterior. Em 89, por exemplo, a produção foi de 26,6 milhões de toneladas para um consumo de 26,1 milhão de toneladas. Mesmo assim a "falta" foi de 1,8 milhão de toneladas, supridas à base de importações. Para este ano, o consumo é estimado em 25,5 milhões, e se conta com um estoque governamental de um milhão, devendo o País importar no mínimo um milhão de toneladas.

As importações do milho, que basicamente são feitas na Argentina, somente saem mais baratas na aparência, avaliou Cogo. Na verdade, o seu valor é salgado e a tendência, segundo o veterinário, é que as cotações do produto se mantenham em alta. "Importar não sai mais tão barato", ressaltou, dizendo que mesmo uma importação do tipo draw-back hoje não sai menos de 150 dólares a tonelada. Por outro lado, a nível interno o preço do milho deve evoluir com a variação do dólar, o que equipara os patamares de preços.

Por tudo isso, Cogo diz que "quem tem milho hoje, tem um produto até melhor do que a soja", embora reconhecendo as dificuldades de se fazer um programa de abastecimento. De qualquer forma, lembrou a importância da cultura no abastecimento interno e a inexistência de qualquer subsídio oficial para a cultura em toda a sua história. Subsídios tinham as contas do trigo, do álcool e outros, disse o veterinário, contrariando a falsa imagem que se criou sobre um crédito barato enquanto se permitem importações com subsídios na origem, como no caso do trigo e da carne.

O valor industrial

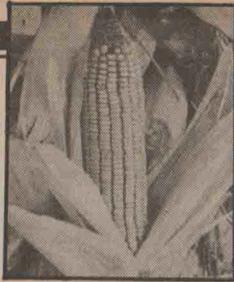
O processo de transformação e utilização do milho foi apresentado pelo assessor de projetos e planejamento da Cotrijuí, o bioquímico Robin Bahr, responsável pelo acompanhamento técnico do projeto de agroindústria que está por ser implantado pela Cooperativa. Robin fez uma breve explanação sobre os três processos básicos de industrialização do milho a nível mundial, a industrialização a seco, a semi-úmida e a úmida. Essa diferença, segundo Robin, se deve ao fato de que para cada uma delas resulta um produto diferente, com maior ou menor qualidade do produto final. Na industrialização, cada parte do milho tem seu preço, de acordo com a sua utilização e o seu valor nutritivo.

Devido a sua eficiência econômica, a degerminação semi-úmida é adotada pela maioria das indústrias em todo o mundo, onde as mais modernas já procuram aprimorar o processo, ou seja, ter maior eficácia na extração daquelas partes de milho que realmente interessam.

Com uma estrutura tecnológica cada vez mais avançada, a indústria do milho deve ser incrementada cada vez mais, segundo Robin, inclusive no Brasil, onde a farinha de milho sempre teve como forte concorrente a farinha de trigo, subsidiada na origem. A partir daí, acredita o bioquímico, não somente a farinha mas também as rações, que são de grande valor para a produção animal, poderão ser fabricadas em maior escala. Além disso poderão ser colocados no mercado, pela indústria nacional, uma infinidade de produtos e subprodutos oriundos de modernos processos de transformação do milho. Do processo de extrusão, por exemplo, que seria um pós-processamento com alta temperatura e vapor, resulta uma farinha para bebidas lácteas, para sopas, a panificação, nos snacks (salgadinhos) e toda uma série de alimentos pré-cozidos. A modificação do amido, no entanto vai mais longe e já pode ser encontrado até na indústria metalúrgica, através da farinha de milho pré-gelatinizada, ou na indústria de papel, têxtil e farmacêutica.

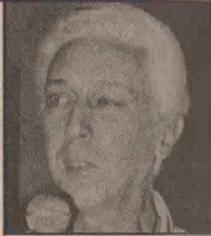


Robin Bahr



Os entraves técnicos

Ao contrário de outras grandes regiões produtoras de milho, a obtenção de variedades mais produtivas é ainda incipiente no Rio Grande do Sul. Além disso, o milho sofre com a falta de armazenagem



Eliezer Winkler
Pesquisador
CPABT/Embrapa

O milho tem clima favorável, gente e sistema fundiário que permite superar os quatro milhões de toneladas ao ano. A afirmação é do pesquisador do CPABT/Embrapa de Pelotas, Eliezer Winkler, durante a palestra sobre melhoramento varietal e caracterização dos híbridos comerciais. A afirmação de Eliezer foi feita para chamar a atenção sobre um das culturas mais ricas em termos genéticos, mas que necessariamente precisa ser trabalhada (ou melhorada) pelo homem. Esse trabalho de melhoramento que tem levado o milho a atingir até 16 mil quilos por hectare é ainda muito escasso no Rio Grande do Sul, onde em anos normais (sem grande deficiência hídrica) atingimos apenas os parcos dois mil e 200 quilos por hectare.

A razão para este baixo rendimento não está vinculada somente aos poucos trabalhos de pesquisa existentes no Estado, mas em função deles os resultados têm sido mais demorados. Atualmente a cultura conta com uma grande variedade de híbridos comerciais, porém nem todos

apresentam grande capacidade de adaptação para regiões de poucas diferenciações climáticas.

O mercado de sementes, contudo, é muito amplo e diversificado, considerou Winkler, comparando-o ao mercado de automóveis, onde cada modelo atende a um tipo de demanda. Quer dizer, trabalhar em cima do melhoramento genético para obtenção de híbridos é uma decisão muito acertada. Ao longo do tempo este processo tem comprovado a sua rentabilidade já que os híbridos têm a seu favor o fator heterose, ou seja, maior vigor e maior uniformidade. O valor do híbrido, contudo, não retira a possibilidade de se trabalhar com populações melhoradas, as quais, mesmo não atingindo os índices de rendimento do primeiro podem elevar a produtividade das lavouras.

ROTEIRO DA PESQUISA - O que é fundamental compreender, disse o Winkler, é fazer uma adequação entre o mercado e o que temos disponível nos programas de pesquisa. Estes programas devem seguir um roteiro completo

de forma a não prejudicar o aproveitamento final, alertou o pesquisador, apresentando didaticamente todos os passos para obtenção de um híbrido. Em primeiro lugar, citou o estudo do material básico, a sua variação hereditária, a obtenção de populações superiores e por fim o melhoramento das populações. Este último é o ponto chave para a confecção do novo híbrido e inclui o estágio de seleção, a qual pode ser feita de várias maneiras, sendo aquela feita com teste de progênese, (avaliação de cada espiga) a de menor risco para a obtenção de um híbrido com alto potencial de produtividade.

Todas estas questões foram destacadas pelo pesquisador antes de mostrar necessidade de integração de progra-

mas para o fortalecimento da pesquisa. E como exemplo, citou um melhoramento realizado no Centro de Treinamento da Cotrijui, sob a coordenação do pesquisador Luiz Volney Viau, iniciado em 1988, quando houve uma grande escassez de sementes. Híbrido de quatro linhagens, e BR-451 conseguiu superar três testemunhas comerciais e além disso é rico em lizina e triptofano, dois elementos que em grande quantidade tem elevado impacto sobre a produtividade da carne animal. Na suinocultura, a utilização do BR-451 pode elevar a produtividade do rebanho em 43 por cento e na piscicultura em até 70 por cento.

Tudo isso deve ser levado em conta na pequena propriedade, onde o milho tem

um grande aproveitamento para a produção animal. Eliezer Winkler, disse ao mesmo tempo, que apesar das variedades altamente produtivas o panorama não é muito preciso controlar problemas de doenças, pragas, além de superar o problema de armazenagem. Esse parece ser um dos maiores entraves da cultura nas propriedades, frisou o pesquisador, ao citar o milho como um grande concorrente do milho. Tecnologia e o produtor, mesmo com hectares de produção precisam investir nisso, disse Winkler anunciando um programa de confecção de painéis que serão divulgados nos próximos meses pela rede de extensão oficial, através da Emater junto com a Embrapa e as cooperativas.

Capina na hora certa

Além de boa semente, o milho também exige controle de invasoras e das pragas, principalmente os insetos do solo

Crioulo ou híbrido, o milho, como qualquer outra cultura precisa receber todas as práticas de manejo corretas, a fim de que o seu desenvolvimento não seja prejudicado. Entre essas práticas é fundamental o controle de invasoras e de pragas que comumente atacam a cultura. Os dois pontos foram apresentados pelos pesquisadores da Fundação Centro de Experimento e Pesquisa Fecotrijo, de Cruz Alta, José Ruedell e Mauro Braga da Silva.

Embora o Rio Grande do Sul seja carente neste tipo de informação, os trabalhos que vem sendo conduzidos por determinados órgãos como a Fundacep já permitem uma avaliação sobre a questão, contribuindo para a retomada que o milho está realizando nas lavouras gaúchas. Ruedell enfatiza, por exemplo, que a falta de um controle eficaz das invasoras sobre a cultura do milho pode provocar uma redução de 20 a 90 por cento no seu rendimento.

Somente este dado já serve como um grande alerta e é decisivo para que o produtor tome as precauções necessárias. A primeira citada por Ruedell é o de sair com uma população de plantas bem distribuída - 50 mil plantas por hectare, pois são muitas as invasoras altamente resistentes. Outra medida se refere a época de plantio, capina, manual ou mecânica ou ainda pelo controle químico. O tempo ideal é de 45 dias após a emergência das plantas, já que a partir daí o risco de afetar a produção é mínimo. Ainda assim é bom saber que a permanência das invasoras poderão ocasionar a produção de sementes para outras culturas.

ROTAÇÃO DE CULTURAS - Ao fazer esta consideração, o pesquisador da Fundacep disse que se restringir ao controle de invasoras somente na lavoura de milho pode ser um erro fatal para outras culturas que



José Ruedell



Mauro Braga

seguirem o esquema de rotação. O milho, segundo Ruedell pode controlar totalmente em dois ou quatro anos, invasoras de folhas largas como o leiteiro e a guanxuma, porém, ao longo do tempo, traz sérias implicações para culturas subsequentes como a soja.

PRAGAS E INSETOS - O pesquisador Mauro Braga falou da grande importância do milho no controle dos insetos sobre a cultura da soja, especialmente em relação ao tamanduá da soja, que ano a ano vem causando prejuízos às lavouras gaúchas e também a nível nacional. Ele impede o ciclo biológico do inseto, chegando a zerar o número de larvas na lavoura.

Ao encerrar sua palestra, o pesquisador chamou atenção para uma praga específica no milho, o coró, que como o tamanduá da soja tem sua incidência aumentada nas lavouras da região. Através de um acompanhamento que vem sendo feito nos últimos anos, constata-se que o número de larvas do coró tem crescido bastante. Em 88 algumas lavouras apresentavam até três larvas por metro quadrado e hoje já se registram 16 larvas na mesma área. Plantar no cedo é uma boa proposta para evitar o aparecimento do coró, confirmou o pesquisador, lembrando, por fim, que a proporção de quatro larvas por metro quadrado já é sinal de dano econômico.

Banvel® 480

O HERBICIDA EFICIENTE PARA QUEM EXIGE TRIGO SEM CIPÔ-DE-VEADO.

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEI

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

SANDOZ

RO

O melhor é plantar no cedo

Dois trabalhos de pesquisa, um sobre a agrometeorologia do milho, realizado por Ronaldo Matzanauer da UFRGS e outro sobre a análise dos componentes de rendimento da cultura, por Olivier Réchauchér, integrando os estudos do Departamento Agrário da Unijuí comprovam que os riscos da cultura diminuem quando ele é semeado no mês de agosto



Ronaldo Matzanauer: estudo permite melhor planejamento no plantio

damente cinco mil quilos por hectare, constantemente, isto é, como volume médio de vários anos e não de anos isolados onde a cultura pode até ultrapassar os cinco mil quilos.

Em razão disso, o pesquisador recomenda o plantio da cultura o mais cedo possível, a fim de fazer com que o milho escape de períodos mais secos, que ocorrem principalmente no mês de dezembro, em anos normais. Em regiões mais altas, Ronaldo alerta que o escape deve acontecer no sentido inverso, a fim de evitar os danos da geada. Fora do plantio ocorrido durante o mês de agosto e início de setembro, teria tranquilidade somente o produtor que contar com um bom sistema de irrigação. Um processo eficiente e que assegura uma produtividade de até 80 por cento, mas que pode sair muito caro para quem não tem água disponível na propriedade.

DEFICIÊNCIA HÍDRICA - Para justificar estes cuidados, Ronaldo apresentou ainda os efeitos da deficiência hídrica, especialmente no que diz respeito a evapotranspiração, que engloba todos os processos de absorção e transpiração da água feita pela planta, em determinadas etapas do seu desenvolvimento. Segundo o pesquisador, 90 por cento da água absorvida pela planta é perdida para atmosfera, principalmente em função da radiação solar.

A quantificação de todas essas perdas e em quais períodos elas ocorrem com maior frequência em cada região, é o objetivo maior do trabalho de Ronaldo. Tudo isso serve para se saber em que época o milho vai florescer e qual a disponibilidade hídrica, em função do trabalho da planta ou do quanto ela expele nesse período, afirmou Ronaldo, lembrando que embora a pesquisa não se estenda até a maturação, é possível dizer com precisão qual o período mais indicado para fazer o plantio.

nomo, ao falar sobre a necessidade de se fazer uma adaptação das plantadeiras para cada situação de lavoura. Isso vale ainda mais para solos argilosos como o da região Pioneira da Cotrijuí, onde são constantes os problemas de profundidade e distribuição de sementes de maneira uniforme. Esses dois elementos formam o chamado stand da lavoura, que para ser correto exige um plantio adequado, isto é, para que sejam colocados 5 sementes por metro, as quais podem gerar uma lavoura onde a população de plantas na colheita alcance os 50 mil pés por hectare.

No Brasil esta etapa, da lavoura é feita por quatro tipos de máquinas, conforme registram os dados de Evandro Mantovani, Embrapa/Sepe Lagoas. A primeira, de alta precisão, coloca uma quantidade de semente correta, com

Os componentes do rendimento

O plantio do milho durante o mês de agosto foi também confirmado pelo palestrante Olivier Réchauchér, engenheiro agrônomo francês e doutorando INAPG/Unijuí, que falou sobre a elaboração dos componentes de rendimento no curso de atualização do milho. O trabalho de Olivier integra as análises do Departamento de Estudos Agrários da Unijuí, sobre os problemas e perspectivas do cultivo do milho no município de Ijuí, em que se procura avaliar os componentes de rendimento. Essa avaliação, conforme Olivier, consiste basicamente em decompor o rendimento em número de grãos por metro quadrado e o peso médio do grão.

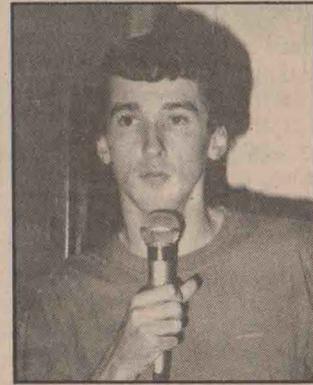
Com esse método é possível ter um melhor entendimento da causa dos níveis de rendimento obtidos, disse Olivier, já que se verifica qual o componente mais limitante e em que época do ciclo total da cultura ele ocorre. Para o seu desenvolvimento foram utilizados dois trabalhos: um a nível de campo, através do acompanhamento de lavouras de milho de ciclo precoce, realizada pela professora da Unijuí Celina Whitaker Ferreira, durante a safra 88/89. O outro, a nível experimental, conduzido pelo próprio Olivier, por meio do estudo das condições de alimentação hídrica na área do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

O primeiro estudo, de campo, demonstrou que a causa principal dos baixos rendimentos nem sempre são provocadas por baixas densidades utilizadas, como poderia se esperar. Particularmente foram identificados problemas de populações de plantas irregulares causados por plantadeiras, explicou o pesquisador, mas sobretudo problemas no crescimento das plantas, em função das condições de enraizamento muito desfavoráveis encontrada na maioria dos casos devido a compactação do solo.



Roberto Jasper: Plantio mal feito não tem correção

distribuição e profundidade uniformes, devido a facilidade de regulagem. É uma máquina sofisticada, qualificou Jasper, e tem como desvantagem a sua inutilização para qualquer outro plantio que não seja o milho, como soja, por exemplo. Em segundo lugar vêm as plantadeiras de média precisão, as quais precisam de muitas adaptações para se chegar às exigências da lavoura. São as mais comuns no Brasil, ocupadas pela maioria dos agricultores, mas tem como desvantagem os discos horizontais que devem ser adequados para cada peneira de semente, entre outros pontos. Depois dessas, somente as rudimentares, que apresentam sérios problemas de plantio e não são passíveis de muitas adapta-



Olivier Réchauchér: quantificação do risco climático

ALIMENTAÇÃO HÍDRICA - A parte mais específica do trabalho de Olivier realizado a nível experimental foi feito com um estudo das condições de alimentação hídrica junto ao Centro de Treinamento da Cotrijuí, através do qual pode se quantificar melhor o risco climático para a cultura do milho. Segundo Olivier, este trabalho confirma que a época de menor risco de deficiência hídrica na floração corresponde aos plantios muito precoces (fins de agosto) e ainda comprova que este risco vai crescendo na medida que se atrasa a data de plantio, decaindo novamente, somente nos plantios feitos no início de dezembro. Aqui, o pesquisador ressalta os problemas de maturação e qualidade do grão que geralmente ocorrem nos plantios muito tardios.

O conjunto destes dois trabalhos que integram o programa do Deag da Unijuí, de acordo com os dois pesquisadores, tem como objetivo geral o entendimento das práticas agrícolas partindo do pressuposto da coerência das decisões tomadas pelos agricultores frente aos vários condicionamentos da produção". E, segundo eles, o interesse por parte dos agricultores é significativo, principalmente porque os métodos de estudo usados permitem melhor entender o efeito das técnicas utilizadas sobre os resultados obtidos.

ções. Têm menor custo, mas normalmente têm menor chance de troca da engrenagem para mudar a quantidade de semente.

Além dessas três, Jasper citou as plantadeiras superturbo, movidas a pressão, e o maquinário francês, que através do sistema de fitas é a melhor forma de plantar. É movida a vácuo e tem um custo elevadíssimo.

EXCESSO DE VELOCIDADE - Mas se não contamos com o melhor sistema de plantio do mundo, não fazemos a regulagem necessária, que segundo o agrônomo deve acontecer em julho, peca-se ainda pelo excesso de velocidade. "Se o operador plantasse numa velocidade correta - não ultrapassando os seis quilômetros por hora - estaríamos com 50 por cento do caminho andado", afirmou o agrônomo.

Embora muitos não levem em conta estes aspectos do plantio, as diferenças entre uma boa e uma incorreta semeadura são grandes, podendo, segundo Jasper, serem observadas pelo peso da espiga. A ocorrência de muitas falhas originam espigas de apenas 80 gramas, enquanto, do contrário, pode se chegar a uma espiga de 200 gramas.

Agrometeorologia na cultura do milho foi o assunto tratado pelo pesquisador do Instituto de Pesquisa Agrícola, Ipagro, e doutorando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ronaldo Matzanauer. Ele estudou a relação entre os elementos meteorológicos no desenvolvimento do rendimento do milho, dando destaque aos efeitos da temperatura e da umidade presente na comunidade da lavoura.

De acordo com Ronaldo, o milho é uma cultura de grande adaptação em todo o país, característica que pode muito bem ser observada pela abrangência a nível nacional. Aos países de cultivo elevados, no entanto, não corresponde médias de produtividade tão altas devido a vários fatores, como por exemplo o da má administração da semeadura em relação às condições climáticas de cada região. **TEMPERATURA** - Da temperatura, por exemplo, que tem influência direta sobre a germinação da semente, a ativação das raízes, no crescimento das plantas e no aparecimento de doenças, o milho requer como temperatura ideal aquela situada entre 27 e 30 graus centígrados. Ele até suporta a faixa entre 10 e 35 graus, mas acima ou abaixo disso as plantas não respondem a todo seu potencial, mesmo se a semente tenha alto valor produtivo. Para explicitar melhor essa relação de rendimento com a temperatura, Ronaldo apresentou alguns trabalhos experimentais, onde o milho plantado tardiamente, se encontrar uma temperatura abaixo de 16 graus centígrados, tem aumentado a duração do subperíodo, o que provoca, consequentemente, um baixo stand para a cultura e levaria mais tempo para completar o seu ciclo de desenvolvimento.

Quanto a relação da água sobre o desenvolvimento da cultura, Ronaldo lembrou o milho como planta medulosa, isto é, exige quantidades médias de água (nem pouca nem muita água). No Rio Grande do Sul esse fator tem sido bastante comprometedor para a cultura, já que os últimos dados registrados pela pesquisa levam em conta uma média de chuvas de 1.200 mm por ano, apontam uma constante falta de água na lavoura. "A maior parte das regiões do Estado apresenta deficiência hídrica", disse o pesquisador, lembrando que, segundo ele, impede a obtenção de uma média de aproxima-

Excesso de velocidade prejudica o stand

Semente boa, tratada com fungicida, solo bem corrigido, clima favorável, mas plantio desregulado. Resultado: todo o esforço anterior perdido, inclusive contando o controle de ervas daninhas, porque o plantio foi mal feito. Isso significa que, tudo o que fizermos de errado no plantio, não pode ser corrigido depois, especialmente no caso do milho, onde o replante da planta não funciona. E se o replante for feito, os custos inviabilizam a lavoura. Esse, em resumo, o teor da palestra proferida pelo engenheiro agrônomo Roberto Jasper, professor da Universidade de Ponta Grossa, Paraná, que apresentou os tipos de plantadeiras no Brasil e os cuidados da sua má utilização.

"Em nenhum local do mundo a plantadeira resolve todos os problemas de plantio do milho que ela vem da fábrica", enfatizou o agrônomo.

Para mudar a curva de produção

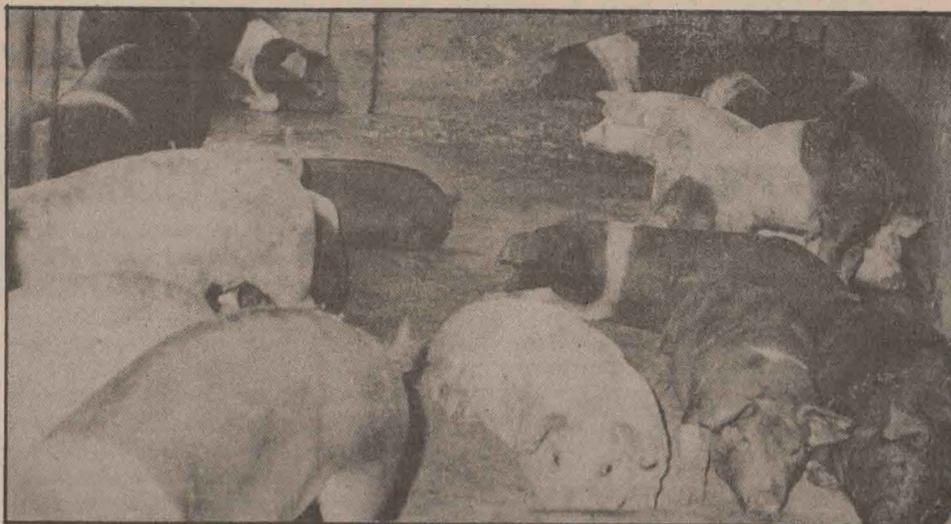
Para viabilizar a suinocultura local e atender às necessidades de abate próprio, a Cotrijuí reformula o seu programa cooperado de suínos. O programa atende aos níveis apontados pela pesquisa e integra um projeto maior para trazer eficiência ao setor na região Pioneira

O suinocultor precisa produzir suínos e não esperar que a porca dê leitões. Esse alerta, que tem sido levado constantemente aos produtores de suínos da Cotrijuí nos últimos tempos, ganhou conotação oficial com o lançamento do programa cooperado de suínos. Em funcionamento desde o dia primeiro de junho, o novo programa foi implantado após uma rodada interna de discussão que incluiu a diretoria eleita, os produtores e os setores envolvidos com a atividade, em todas as unidades da Cooperativa.

Baseado na realidade da suinocultura local, nos rendimentos apontados pela pesquisa e também pelos resultados obtidos por outras empresas, tanto de capital privado como do próprio sistema cooperativo, "o cooperado de suínos pretende dar um salto de qualidade a curto prazo na produção regional", como afirma o veterinário Gerson Madruga, coordenador da área de suinocultura na Cotrijuí, de forma a atender as necessidades fundamentais de produção e comercialização.

"A suinocultura é um dos elementos principais na diversificação, principalmente pelo aproveitamento de grãos produzidos na propriedade", aponta o veterinário, juntando a esta afirmação a existência de uma estrutura de abate que a Cooperativa possui, cuja capacidade é de 120 mil animais ao ano. No ano passado, pouco mais da metade desse volume passou pelo frigorífico, assinala Madruga, explicando a partir daí um dos primeiros objetivos do novo cooperado, que é o de garantir um recebimento adequado à estrutura de abate, através de uma programação rígida de produção e fornecimento de insumos. Na ponta do programa, a valorização do produtor, que tem na suinocultura uma das suas principais atividades de diversificação.

OS CRITÉRIOS - Estes objetivos, hoje muito bem definidos pelo programa, são frutos de um levantamento minucioso da produção regional, onde se constatou um grande inaproveitamento do plantel. Em Ijuí, por exem-



Produção
Sintonizada com o abate

plo, são 155 produtores que comercializaram 10 mil e 400 suínos em 1990. "É muito pouco", salienta Madruga, e por isso o cooperado quer investir decisivamente, seja em assistência técnica ou alojamento de reprodução, através do repasse de insumos necessários a todo o produtor que estiver capacitado a dar uma resposta concreta ao programa. Essa resposta começa pelos próprios critérios de participação, colocados de forma bem clara em contrato único feito pelo associado junto a cooperativa.

O primeiro critério é o de o suinocultor se enquadrar como um produtor 100 por cento, ou seja, aquele que entrega toda a sua produção na cooperativa. Em segundo lugar, ele precisa ter no mínimo 5 matrizes tipo carne. Essa exigência faz parte de uma estratégia que evite o produtor a se desfazer de todo o seu lote em um período de baixa da suinocultura, como tradicionalmente tem acontecido. Com este número mínimo de matrizes, ele poderá programar dois partos a cada dois meses, obtendo dois partos por porca ao ano e a venda de seis lotes de aproximadamente 20 suínos anualmente. O estabelecimento dessa escala mínima faz parte de uma meta que prevê para 1994 a exigência de um número mínimo de 10 matrizes e se aproxima da recomendação econômica da pesquisa de 15 matrizes.

Um outro critério diz respeito a necessidade de instalações adequadas, as quais podem parecer um investimento caro, mas que, com eficiência de produção, podem ser pagas a médio prazo sem maiores transtornos.

Não adianta ter oito ou 15 matrizes sem instalações que possibilitem uma boa produtividade para estas porcas", justifica o veterinário, lembrando ainda que o produtor, como se estruturou para produzir soja, tem que se estruturar para produzir suínos. Com boas instalações que incluem tanto a parte de gestação, maternidade, creche, recria e terminação, pode passar para mais de 20 leitões por porca ao ano.

Por causa dessa exigência de cinco matrizes, o programa cooperado também estabelece como critério a instalação de pelo menos um hectare de milho por matriz instalada, como forma de o produtor baratear o custo da ração, sem deixar de fornecer a proteína recomendada. O alimento produzido na propriedade pode ser ainda complementado pela inclusão de todos os grãos de inverno como a cevada, centeio, triticale, aveias etc.

Como último critério aparece a fichação de todos os lotes de suínos produzidos. O produtor, independente do financiamento de insumos que fizer na cooperativa, deve fichar todos os leitões nascidos na propriedade, num prazo máximo de três dias após o nascimento. No ato de fichamento recebe, então, uma autorização de retirada de insumos, que traz discriminadas as quantidades, os tipos e as datas de retirada da ração. Estas datas estabelecidas têm uma flexibilidade de retirada de dois dias. Esgotado o prazo, a autorização perde a sua validade. A primeira retirada acontece somente após sete dias do fichamento do lote.

Novo programa cooperado de suínos

- Garantia de recebimento de suínos do associado
- Programar o recebimento a nível de frigorífico
- Programar a produção na fábrica de ração
- Valorização do associado produtor de suínos
- Agilização do atendimento ao produtor

OS BENEFÍCIOS - A todos estes critérios necessários ao cumprimento dos objetivos propostos pelo programa, o produtor tem em contrapartida uma série de benefícios, muitos já desenvolvidos em programas anteriores, como o da assistência técnica e médica veterinária gratuita e do desconto sobre rações e concentrados adquiridos na Cotrijuí. Afora isso, o produtor participante tem agora uma bonificação mais alta sobre o preço do dia. Todos os animais fichados, independente do financiamento de ração, receberão 4 por cento de bonificação sobre o preço do dia. Como bonificação de carcaça continua vigorando o índice de 5 por cento para o padrão de 3 centímetros de estrutura de toucinho e de 70 a 80 quilos de carcaça.

Para quem resolver financiar os insumos, a correção é feita a partir da TRD (Taxa Referencial Diária), mais quatro por cento, percentual mantido atualmente. Além disso, o suinocultor tem ainda como benefício o alojamento de reprodutores, caso queira aumentar o seu plantel de matrizes, e evidentemente a garantia de comercialização de todos os seus lotes produzidos, mais o programa de inseminação artificial.

FICHA CADASTRAL - Os mesmos dados computados pelo levantamento da produção estão incluídos em uma ficha cadastral feita para cada produtor. Ali, além da descrição do plantel, estão registrados todos os dados referentes a propriedade, como sua área, consumo de energia, disponibilidade de fontes d'água, equipamentos e instalações, informações de manejo, capacidade de investimentos, dívidas, etc.

Com esse cadastro, o produtor passa por uma rápida avaliação no comitê de crédito, e após isso, faz então um contrato único de prazo indeterminado com a Cooperativa. O contrato único já é uma vantagem, salienta Madruga, pois através dele acabam aqueles inúmeros projetos feitos a todo o momento em que o produtor necessitava retirar um pouco de ração. Por fim, o programa prevê ainda que para se retirar do cooperado, o produtor deve formalizar um aviso num prazo de antecedência de 180 dias.

"A reformulação integral do cooperado de suínos é uma forma de nos adequarmos aos outros sistemas de produção", avalia Madruga, dizendo que através dele estão sendo repassados os benefícios, seja em preço ou em assistência técnica, mas também exigindo o que o mercado requer para garantir uma boa produtividade e a viabilidade da produção".

As granjas multiplicadoras

Lançado em meio a uma crise na lavoura de grãos, agravada pela frustração da safra de verão, o cooperado de suínos entram em funcionamento no momento em que o produtor procura efetivar alternativas de produção. Para atingir isso, o veterinário Gerson Madruga chama a atenção para o incremento das Apsats e a profissionalização do produtor e aponta alguns investimentos que devem ser feitos na área de suinocultura a fim de complementar um projeto integrado para o setor.

Um desses investimentos se refere às Granjas Multiplicadoras, uma estrutura de apoio fundamental

para a obtenção de melhoramento genético e distribuição de fêmeas ao produtor. Atualmente, somente o CTC e a propriedade de Alípio Friedrich funcionam como granjas multiplicadoras, e por isso, prevê-se a médio prazo, a utilização de mais duas propriedades produtoras de suínos, que passarão de granjas comerciais para granjas multiplicadoras. As quatro granjas juntas poderão ter 430 matrizes instaladas e produzir metade do volume de matrizes necessárias à região Pioneira. Essas novas granjas estão localizadas na propriedade de Jaime Wender e de João Rosanelli, em Ijuí.

Paralelamente a estas medidas

domésticas, a Cotrijuí trabalha um projeto de criação de uma ampla Granja Multiplicadora para 500 matrizes a ser instalada próxima a área do CTC, onde também deve funcionar uma central de inseminação artificial com mais de 20 suínos machos. As duas obras estão sendo pleiteadas junto ao Finep (Fundo Nacional de Investimentos de Pesquisa), órgão governamental que financia a maioria dos grupos de genética de suínos. Segundo Madruga, esse programa permitiria a instalação de nove mil matrizes e consequentemente a produção de 120 mil suínos no mesmo período.

Responsabilidade dobrada

O novo cooperado deve mexer com a produção regional, mas para isso o produtor precisa se capacitar, aumentando os níveis de produtividade, através de um manejo mais eficiente e do uso da inseminação artificial



Gerson Madruga
Suinocultura
exige muito
trabalho

Uma das últimas apresentações do novo programa cooperado de suínos foi feita na unidade de Ijuí, no dia 15 de junho, quando estiveram reunidos na Afucotri produtores, a diretoria da Cotrijuí, através do superintendente Celso Sperotto, gerente agrotécnico Leo Goi e o veterinário Gerson Madruga. A reunião serviu para fazer esclarecimentos finais sobre critérios e benefícios do novo cooperado e sua importância dentro de uma reestruturação do sistema produtivo da região.

O superintendente da Cotrijuí Celso Sperotto abriu o encontro abordando de início a situação da suinocultura local e a estrutura atual da cooperativa para manter o setor. "Licenças não faltam, afirmou o superintendente lembrando a inexistência de um frigorífico próprio e a frustração da lavoura de verão." Reafirmou, contudo, a vontade permanente da Cotrijuí em viabilizar a suinocultura, mesmo frente às dificuldades de comercialização do produto industrializado. De outra parte, falou sobre o incremento da lavoura de milho como suporte à produção animal e a sua utilização no projeto de agroindústria, qual deverá processar um milhão de sacos de cereais por ano. "Esperamos que este seja o último ano de falha de milho nas propriedades", finalizou o superintendente.

O momento de impasse vivido pela agricultura, em particular a produção regional, foi caracterizado pelo engenheiro agrônomo Leo Goi, que salientou mais uma vez o esvaziamento do modelo produtivo baseado apenas na produção de grãos. Depois de apontar a receita gerada com a produção leiteira, de suínos, peixes e hortigranjeiros, ressaltou como vantagem a região Pioneira o trabalho de pesquisa que permite a evolução produtiva de grãos para outras demandas que não somente a sua comercialização, como a agroindústria e no aproveitamento interno da propriedade. A suinocultura, neste panorama tem um lugar importante, disse Leo Goi antes de reafirmar a necessidade de plantar mais milho com maior tecnologia.

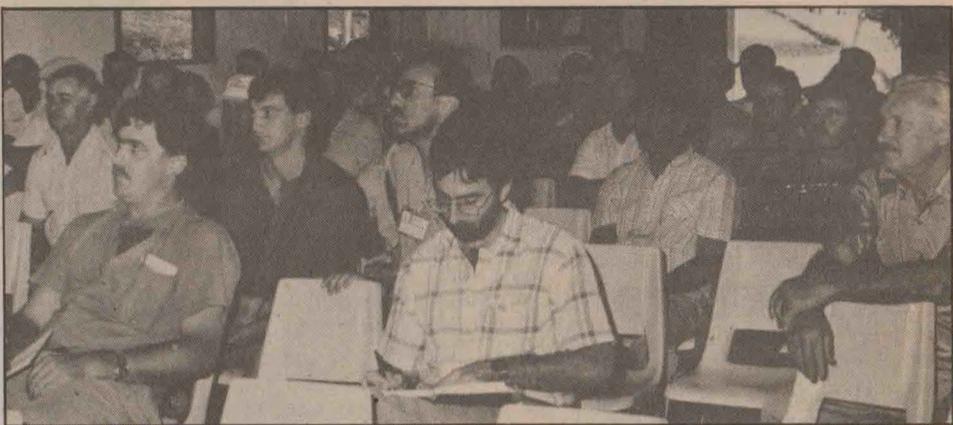
Antes de apresentar o novo programa cooperado de suínos, o veterinário Gerson Madruga fez uma palestra sobre a situação da suinocultura mundial, relacionando-a com os números de produção e comercialização da região Sul. Números estes que demonstram a estagnação da produção nacional, as disparidades regionais brasileiras, e por isso mesmo, a necessidade urgente de implementar programas mais amplos como o do novo cooperado, e buscar mais responsabilidade por parte do produtor que conseguir se manter na atividade.

Distante dos patamares de produção e produtividade obtidos pelos maiores produtores de carne suína, como a China e a União Soviética, o Brasil; que segundo os dados da FAO de 1987, possui o 4º maior rebanho a nível mundial, ocupa o 14º lugar em produção de carne. Para piorar, o país não conta nem mesmo com uma estrutura de marketing favorável à carne suína, o que somente agrava o quadro de consumo per capita de 6,4 quilos por pessoa ao ano, provocado pelo baixo poder aquisitivo da população.

DIFERENÇA - Por outro lado, a superação dessas diferenças internacionais não se apresenta de forma equilibrada dentro do país. Os 2.714.476 de criadores brasileiros, dos quais 80 por cento são proprietários de não mais do que 50 hectares (dados do IBGE, 1985), possuem uma produção e produtividade desigual e portanto respondem ainda de forma diferente às crises estruturais e cíclicas da atividade. Para exemplificar esta disparidade, Madruga fez uma relação entre os três estados do sul, que juntos possuem o maior rebanho e maior produção. Santa Catarina possui o terceiro rebanho, mas em contrapartida é o primeiro estado em produção, lugar conquistado graças a uma série de ajustes técnicos e econômicos, os quais vêm sendo permanentemente acentuados pela pesquisa.

Em fevereiro deste ano, por exemplo, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, da Embrapa, em Concórdia explicava a necessidade de aprimoramento por parte de empresas e também de produtores ao apresentar um custo de produção relacionado ao número determinado de leitões produzidos por porca ao ano. Como número mínimo e insustentável para continuar na atividade, a pesquisa apontou a produção de 13 leitões, já que uma porca, como salienta o veterinário pode produzir tranquilamente até 23 leitões ao ano. Como número máximo, a produção de 18 leitões, índice capaz de viabilizar a atividade durante qualquer crise.

A colocação desses parâmetros frente a produção local da região deixam um claro sinal de estrangulamento para a atividade, o qual somente pode ser superado se houver uma resposta efetiva do produtor. "Se isso não



Novo cooperado
Discussão das novas regras

ocorrer, nenhum programa vai para frente", alertou Madruga, já falando do novo cooperado, mas sem deixar de lembrar que a sua potencialidade como alternativa de produção exige muito trabalho e dedicação. Diante das oscilações de preços tradicionais da desorganização de consumo provocada pelas políticas do governo que bem se refletem nos preços, a suinocultura é hoje uma atividade muito complexa não pode ser vista como uma tábua de salvação. "Somente obtém lucro quem não sai do mercado e investe em manejo e melhoramento genético."

APOIO - Depois de apresentar aos produtores os objetivos, os critérios e os benefícios do novo cooperado, o veterinário falou também sobre uma estrutura de apoio que está sendo formada, através do acompanhamento de custos diários dos componentes de ração, de forma que o produtor possa manter uma alimentação econômica aos animais. Destacou a inseminação artificial como ponto fundamental para obter o melhoramento genético e consequentemente um produto de maior qualidade e mais competitivo no mercado.

cooperado. "É o sistema ideal para o momento, desde que as regras sejam cumpridas" reafirma ele, mesmo que para alguns a exigência de cinco matrizes seja um critério pesado. "Mas é a única forma, continua, de fazer o produtor entender que na suinocultura, a gente entra para ficar, pois o lucro do porco só vai acontecer se a nossa estrutura de comercialização estiver bem programada".

Pelo lado do produtor, Jaime Wender considera que a escala mínima de cinco matrizes pode fazer com que ele amplie sua atividade. "Quem tem bastante porco ganha em volume, e quem tem pouco ganha somente com o porco", resume, avaliando as oscilações do mercado.

Acreditando que a mesma organização que lhe deu condições de chegar a uma granja multiplicadora pode ser mantida por qualquer produtor interessado, o suinocultor de Ijuí vê com bons olhos a reformulação geral do

cooperado. "É o sistema ideal para o momento, desde que as regras sejam cumpridas" reafirma ele, mesmo que para alguns a exigência de cinco matrizes seja um critério pesado. "Mas é a única forma, continua, de fazer o produtor entender que na suinocultura, a gente entra para ficar, pois o lucro do porco só vai acontecer se a nossa estrutura de comercialização estiver bem programada".

Pelo lado do produtor, Jaime Wender considera que a escala mínima de cinco matrizes pode fazer com que ele amplie sua atividade. "Quem tem bastante porco ganha em volume, e quem tem pouco ganha somente com o porco", resume, avaliando as oscilações do mercado.

Porco exige persistência

Acho que as medidas do cooperado estão corretas, mas é preciso que cumpram rigidamente as regras". Assim diz isso é o suinocultor Jaime Wender, um dos maiores produtores de suínos da região e principalmente dos mais persistentes no seu trabalho. Para chegar a um plantel que hoje beira a 100 matrizes e com uma sala de comercialização de mil porcos terminados ao ano, Jaime Wender como ele próprio afirma "lutando há 25 anos", ou seja, investindo tudo o que for necessário à produção, mesmo com as constantes baixas da suinocultura.

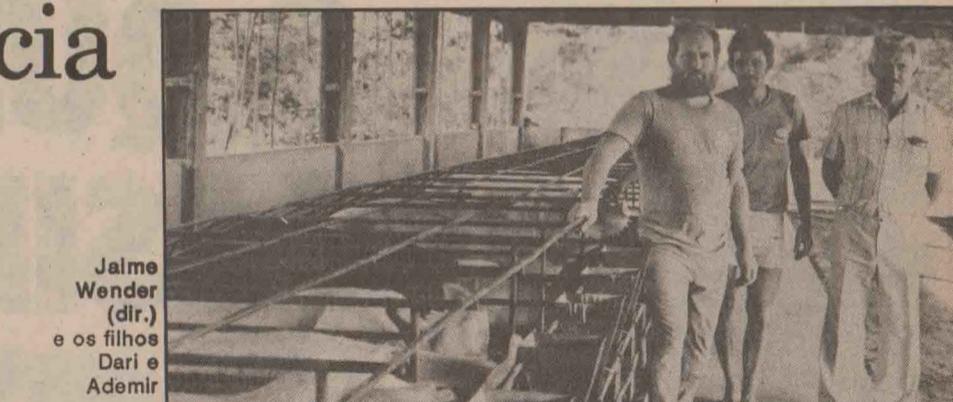
Essa persistência do produtor foi transmitida aos filhos Ademir e Dari Wender, que hoje administram junto com o pai uma estrutura de ciclo completo para a criação, numa área que ultrapassa 32 hectares na localidade de Parador, Ijuí. Não falta praticamente nada em termos de instalações para os porcos de Jaime Wender. Atualmente a família está dando um acabamento final a duas salas, uma de gestação e outra de cobertura com capacidade para 100 porcos. Na frente dessa obra está sendo erguida uma ampla casca para os leitões que saem das celas parideiras, as quais em pou-

co tempo, vão se transformar em 32 celas.

MULTIPLICAÇÃO - As novas instalações estão bem próximas aos antigos chiqueiros em que ficam abrigados os inúmeros animais em terminação e os reprodutores, os quais, junto com os demais, servem-se de uma estrutura onde são preparadas as rações, de acordo com o estágio de crescimento de cada porco. E para completar, não falta nem mesmo uma pequena oficina onde, segundo o produtor, é confeccionado parte do material empregado nas instalações, que já estão sendo preparadas para dar a granja, um funcionamento de granja multiplicadora.

Para quem ainda conta com os simples chiqueiros-de pouca divisão, essas construções todas podem até parecer um negócio inviável. Pode até ser se elas forem feitas sem planejamento, na época errada, analisa o produtor, lembrando que para chegar nesse estágio ele insistiu muito. "Passei por fases críticas, fases de empate, mas também fases muito boas", acentua o suinocultor, ao recordar um período em que, com o porco, comprou uma camioneta e um caminhão.

O exemplo, pode não ser uma ver-



Jaime Wender (dir.) e os filhos Dari e Ademir

dade absoluta para a maioria dos produtores que vem esperneando para tirar um lucrinho da atividade, mas serve para comprovar o quanto significa administrar bem a suinocultura, quando ela se torna prioritária na propriedade. De um trabalho iniciado com uma porca, o produtor chegou a 100, o que seguramente, lhe garante experiência para afirmar que partir do nada para isto é difícil, mas com cinco já é relativo", e ainda aconselhar que "todo o dinheiro ganho com o porco deve ser investido na atividade".

Acreditando que a mesma organização que lhe deu condições de chegar a uma granja multiplicadora pode ser mantida por qualquer produtor interessado, o suinocultor de Ijuí vê com bons olhos a reformulação geral do

cooperado. "É o sistema ideal para o momento, desde que as regras sejam cumpridas" reafirma ele, mesmo que para alguns a exigência de cinco matrizes seja um critério pesado. "Mas é a única forma, continua, de fazer o produtor entender que na suinocultura, a gente entra para ficar, pois o lucro do porco só vai acontecer se a nossa estrutura de comercialização estiver bem programada".

Pelo lado do produtor, Jaime Wender considera que a escala mínima de cinco matrizes pode fazer com que ele amplie sua atividade. "Quem tem bastante porco ganha em volume, e quem tem pouco ganha somente com o porco", resume, avaliando as oscilações do mercado.

A indústria da diversificação

Com aprovação oficial da diretoria do BNDES para o seu projeto de agroindústria, a Cotrijuí se prepara para edificar uma obra de grande suporte para a produção diversificada

Mercado expressivo

"Não existe nada no Rio Grande do Sul nem no Brasil semelhante a este projeto", destaca o assessor de projetos e planejamento da Cotrijuí, Robin Bahr. Segundo o bioquímico, o empreendimento da Cooperativa significa o mais moderno complexo na área de grãos no País, sintetizando o que há de melhor em termos de qualidade e atualização tecnológica no mundo inteiro.

Para a transformação de uma série de cereais - o milho, a aveia, o trigo, a cevada, o centeio, o arroz e o painço - o complexo industrial contará com duas unidades. A Unidade de Processamento de Milho, formada por um moinho, de onde sairão os mais diferentes tipos de farinha, inclusive a zootécnica que será utilizada na fábrica de ração, além de subprodutos como a canjica e também o germe que pode ser usado na fabricação de óleo comestível.

A capacidade dessa unidade é para 44 mil toneladas de milho ao ano e conta ainda com o setor de pré-cozidos, onde a partir da obtenção do griz deverá se produzir as polentas instantâneas, flocos de milho, as farinhas inativadas (matéria-prima para alimentos infantis). Afora estes, muitos outros subprodutos que poderão servir de matéria-prima a outras indústrias, como as fabricantes de "snacks".

Já a Unidade de Aveia com capacidade para o processamento de 10 mil toneladas por ano, é ainda mais versátil. A partir dela são extraídas as farinhas e flocos não somente da aveia, mas de todos os outros cereais. E ainda mais. Desse setor poderá ser obtida a farinha de ervilha, muito utilizada na fabricação de sopas.

O beneficiamento de todos esses produtos encontra um mercado expressivo, segundo Robin, já que o espaço para o produto industrializado ultrapassa inclusive as barreiras do Brasil. "Temos produto de exportação até para a Europa, avalia o bioquímico, salientando que "a garantia de qualidade trazida pela estrutura tecnológica assegura competitividade dos nossos produtos em qualquer lugar do mundo".

"Estamos deixando de ser repassadores de matéria-prima para entrar definitivamente no processo de agregação de valores". A afirmação é do vice-presidente da Cotrijuí Euclides Casagrande, ao anunciar a aprovação do projeto de agroindústria junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. A agroindústria de Cereais da região Pioneira, da Cooperativa tem funcionamento previsto para o final do próximo ano e conta com uma estimativa de faturamento na ordem de 24 milhões de dólares.

O projeto completo está orçado em 10 milhões de dólares, sendo parte dele financiado e outra metade sustentado com recursos próprios. A viabilização das obras civis será feita pelo BNDES e a aquisição dos equipamentos pelo Finame, podendo ainda ser complementado, para efeito de amortização dos primeiros financiamentos, pelo Fundopen (Fundo de Desenvolvimento das Pequenas Empresas).

DIVERSIFICAÇÃO - Fruto de um trabalho pioneiro de diversificação, iniciado em 1972, o projeto da indústria de cereais se realiza graças a implementação de uma tecnologia de produção que vem permitindo a colocação de inúmeras variedades melhoradas a cada ano. São quase 20 anos de pesquisa agrícola voltada a culturas que hoje participam de um sistema de produção diversificado.



Euclides Casagrande
É hora de complementar o trabalho da diversificação

"Passamos pela fase mais difícil e agora é hora de complementar este trabalho, através da ampliação de mercado com maior valorização do produtor, frisa o vice-presidente, citando em destaque a consolidação da produção de aveia, que junto com o milho e outros cereais darão o suporte a indústria. "Nós investimos muito na pesquisa da diversificação, porém, por um longo tempo apenas repassamos os frutos para outras empresas", ressalta Casagrande lembrando que implementação da indústria é um ponto de partida para alicerçar a efetiva verticalização da produção pretendida pela Cooperativa.

TECNOLOGIA MODERNA - A garantia do empreendimento se viabiliza pela própria tecnologia a ser empregada na indústria, a qual é seguramente uma das melhores em termos mundiais. No Bra-

sil, por exemplo, são poucas as indústrias desse gênero que possuem tecnologia tão avançada. Na Cotrijuí, o equipamento será adquirido junto a empresa suíça Bühler, através da sua filial brasileira e uma pequena parte da Alemanha, fazendo da indústria cooperativa a única no Rio Grande do Sul e também no Brasil. No dia 24 de maio, o presidente da empresa no Brasil, Otto Taube, e o representante no Estado, André Jardim estiveram visitando a Cotrijuí, e informando que o prazo de entrega dos equipamentos se dá em 12 meses.

Com estes equipamentos serão beneficiadas 54 mil toneladas de cereais ao ano, onde estão incluídos de início não somente o milho e aveia como também o centeio, a cevada, painço, e o trigo. A partir deles será obtida uma gama de produtos e subprodutos, uns repassados a outras indústrias e outros acabados pela própria Cooperativa, como a utilização do germe de trigo na fábrica de ração, trazendo maior qualidade a esse componente alimentar da produção animal "Queremos ainda popularizar a farinha de aveia", diz o vice-presidente, citando algumas das participações que serão propiciadas com a indústria.

VALORIZAÇÃO DO PRODUTOR - A abertura de novos mercados trará acima de tudo um incremento à produção da região. O milho, por exemplo, que já vem sendo

estimulado devido ao seu nutritivo na produção e também pelo aspecto econômico na rotação de culturas, freando os estragos causados com a monocultura, vai aumentar o seu espaço de propriedade, já que com a agroindústria se assegura um mercado de comercialização para o produto.

Quando a aveia e a cevada, podem se tornar grandes opções para o inverno, faltando produto vamos buscar em outras regiões, diz Casagrande, assegurando, entanto, que com a agroindústria, o produtor tem garantido o crescimento de sua produção diversificada.

A poucos dias do término das obras, o projeto da indústria terá como área construída nove mil metros quadrados e vai localizar-se ao lado da sede da Cooperativa, onde atualmente existe uma casaria e o posto de recebimento de suínos. A sua montagem, embora sirva inicialmente para todos os cereais citados anteriormente, não se esgota nestes. Segundo Casagrande, os modernos equipamentos utilizados pela indústria permitem que, a longo prazo, se amplie o beneficiamento, tanto dos cereais como de outros sem que para isso, a obra sofra grandes alterações. "O espaço, especialmente no caso da transformação do milho, é muito amplo, e para quem tem qualidade não falta mercado", finaliza o vice-presidente.

TILT® CUMPRE O QUE PROMETE E ASSINA EMBAIXO.



ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga o que o mesmo indicar. Siga as instruções de proteção individual (máscara, luvas, botas, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo. **ANDEF** VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

003 0291

LEITE

Salto na qualidade

Maior produtividade, maior rentabilidade, menor custo de produção e muito profissionalismo por parte do produtor



Um salto de qualidade na produção de leite...

... vai depender basicamente de dois pontos: alimentação e animais de qualidade

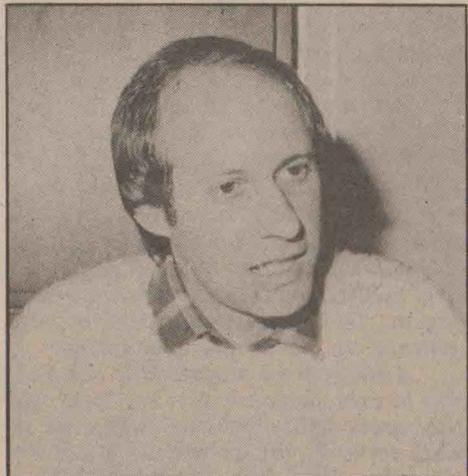
de 10 litros de leite por dia, "principalmente no período de outono/inverno. Na primavera/verão, esse número cai para 400.

VÁRIOS PROGRAMAS - É justamente pensando em encaminhar a atividade de leite para uma nova etapa, que a Cotrijuí, associada a CCGL está implantando na região uma série de programas, alguns já andando e que vão servir de suporte para a atividade. O programa mais forte, com o encargo de dar uma grande mexida na produção da região e até obrigar alguns produtores a sair do "imobilismo" em que se encontram, está fixando litragem mínima a ser entregue diariamente. Ao lançar o Programa Trienal de Recebimento Mínimo de Leite - a ser colocado em prática a partir do mês de setembro - a Cotrijuí não só vai estar mexendo com a questão da produtividade, mas dando seu primeiro passo em direção a meta de chegar aos 100 litros/dia por produtor.

"E essa não é uma meta irreal", avisa Orlando Bohrer, reconhecendo, no entanto, que o Programa vai exigir muitas mudanças, tanto no que diz respeito a estrutura da propriedade, alimentação e qualidade dos animais. Mas tudo é um somatório e os demais programas vão ajudar nossa nova eta-

pa. Entre os programas a serem implantados e os que já estão em andamento e à disposição do produtor que deseja transformar a sua atividade numa alternativa econômica, o Orlando cita o troca-troca de forrageiras, de máquinas e equipamentos, o de extensão e interiorização da inseminação artificial, o de alimentação e mamite, os de financiamento de caminhões tanques para recolhimento a granel, e de insumos para criação de terneiras e o de registro para gado Holandês e ainda os cursos para gado leiteiro no CTC e nas Unidades.

A seleção vai ser natural, concorda o Orlando, não vendo uma outra saída. "Quem quiser ser eficiente, vai ter que buscar uma especialização e isso não vale apenas para o leite e nem será determinado pela Cotrijuí. É uma consequência natural do contexto econômico em que vivemos", diz Orlando apontando o caminho do associativismo para aqueles produtores que não conseguirem, por falta de estrutura, se enquadrar nas novas metas do programa. As Associações de Produtores de Leite podem ser uma saída para estes minis e pequenos produtores. Eles não vão ficar de fora do processo, mas vão continuar produzindo conjuntamente".



Léo José Goi

Maior produção por animal



Ernesto Krug, da CCGL

A baixa produtividade afeta a indústria

O alerta do Mercosul

O Rio Grande do Sul desponta com o mais moderno parque industrial de laticínios da América do Sul, mas esbarra, ao operar com o setor leiteiro, cuja produtividade, em quilos, perde longe para os países vizinhos do Prata. Enquanto a Argentina tem uma produção leiteira de 2.319 litros vaca-ano e o Uruguai, 1.758, nós mal ultrapassamos os 1.200 litros. E se extrapolarmos essa produção leiteira para o nível nacional, a desproporção é ainda muito maior, pois a média brasileira é de 732 litros vaca-ano.

A declaração é do diretor técnico da Cooperativa Central Gaúcha de Leite - CCGL, Ernesto Budke Krug. Ele considera urgente uma tomada de consciência e comportamento mais agressivo no que se refere ao aumento de produção, em nível de tambo, pois a própria indústria do setor vê-se muitas vezes contida pela pouca resposta do campo, pela reduzida oferta.

MERCOSUL É ALERTA - Para Ernesto Krug, se a provável concorrência com a Argentina e o Uruguai, por consequência do advento do Mercosul, não preocupa a indústria gaúcha de laticínios, por seu estágio de tecnologia e parque de máquinas, não se pode dizer o mesmo no que se refere ao setor leiteiro, onde perdemos muito longe para eles. E é claro, diz ele, "a médio e longo prazo, a baixa produtividade no tambo acaba por afetar a indústria, por falta de demanda da matéria-prima".

O técnico da CCGL sugere que uma das maneiras de estímulo à produção leiteira poderá ser a adoção de uma política de liberação do preço do produto in natura. Ele acha que essa medida teria reflexo quase imediato na produção. Mas a assistência ao produtor também deve ser ampliada e melhorada. É preciso repensar a extensão. A tecnologia deve ser implantada a nível de grupo, para o melhor aproveitamento pela interrelação representada, enfatizou Krug.



**COTRIEXPORT
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS -
RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342

- 5º andar - Fone 33-50-32



LEITE

Um bom programa de alimentação, animais de qualidade e muito trabalho e dedicação. A...

Alimentação, o ponto básico

Proprietário de 33 hectares na localidade de Costa do Turvo, interior de Santo Augusto, seu Eudemar Fernandez conseguiu, em pouco mais de três anos, transformar a atividade leite num ótimo negócio. "A minha preocupação, quando montei o tambo, era fazer do leite uma atividade lucrativa", conta ele hoje também às voltas com a suinocultura.

O rebanho da propriedade chega a 50 cabeças entre vacas de leite, terneiras, terneiros e novilhas. Apenas o rebanho leiteiro soma 25 animais, embora apenas 18 estejam em lactação, dando uma produção média diária de 250 litros de leite. "É uma média que manteve-se durante todo o ano, mesmo nas épocas em que a pastagem escasseia", conta. A média de produção vaca/dia chega a 14 litros, "o que para a região é um índice excelente", diz satisfeito.

A propriedade abriga apenas duas atividades, o leite e a suinocultura. O suporte a estas atividades é dado pelo plântio do milho para silagem, milho, capim elefante, cana-de-açúcar, aveia e azevém. "Há um mês já não tenho mais pastagens na propriedade", explica. A produção, no entanto, fica garantida pelo fornecimento de silagem - são dois silos com capacidade para 250 toneladas de silagem de milho -, complementada com ração balanceada à base de torta de soja, milho, farinha de trigo e arroz. O gado recebe alimentação pela manhã, logo após a ordenha, permanecendo no estábulo até perto do meio-dia. À tarde recebe silagem e concentrado.

Seu Eudemar trabalha com duas raças, a Holandês e a Jersey, "esté último um animal caseiro com o qual gosto muito de lidar". Gostaria de investir mais no melhoramento destes animais, mas por considerar a raça Jersey quase em extinção na região, não vê muitas vantagens, inclusive no que diz respeito a futuros descartes.

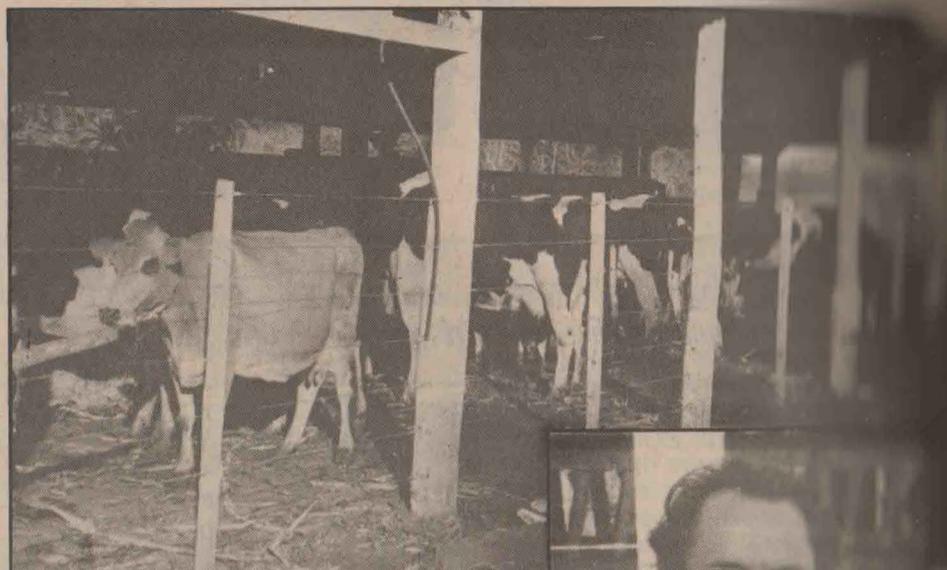
Como prefere oferecer alimentos para o gado em cocheiras, no estábulo fechado, seu Eudemar até já anda pensando em passar do sistema de semi-confinamento para o confinamento direto. "Um dia quero trabalhar só com gado parado", diz ele apostando no melhor aproveitamento do alimento e também na vantagem de poder recolher o máximo do esterco produzido pelos animais, que é armazenado em um depósito com capacidade para 60 mil litros e mais tarde espalhado pelas lavouras.

PROGRAMA ALIMENTAR - Uma boa produção de leite, segundo o seu Eudemar, sempre vai depender de um bom programa alimentar e de uma assistência técnica eficiente. "A alimentação é o ponto básico da atividade leite", diz o produtor, que também é mecânico na cidade. Acha que de nada adianta o produtor se tocar a comprar ordenhadeiras sofisticadíssimas ou então animais PO, se não tiver montado na propriedade um programa alimentar para oferecer ao gado. Conta que não pensa duas vezes em vender algum animal de leite para comprar alimento e manter a produção. "O retorno sempre vai existir", assegura, nem um pouco preocupado com a quantidade do rebanho. "O que me preocupa é a qualidade, tanto das vacas como do leite. E vaca, o que entra pela boca, sai pelas tetas".

Também acha que um bom programa alimentar deve ser complementado com um local adequado para servir esse alimento aos animais, "sem perdas". Um estábulo aberto, com cocheiras, é o local ideal em condições para que os animais recebam essa alimentação, tirando o máximo de proveito.

Um pouco de vivência e outro tanto de curiosidade, levaram o seu Eudemar chegar a essa conclusão em relação a vários aspectos da atividade leite. "Sempre fui muito curioso. Leio muito, discuto com os técnicos, troco idéias. Entendo que só assim posso tornar o leite e a suinocultura atividades comerciais, me oferecendo retornos mensais".

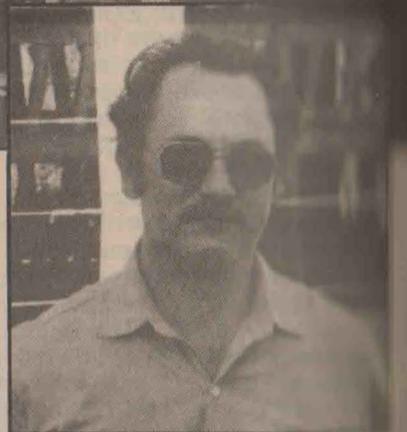
MUITO RUIM - Embora diga que o preço do leite não é o pior da atividade, seu Eudemar é obrigado a admitir que ele anda muito ruim. "O pior mesmo é não encontrar mão-de-obra especializada, lamenta. Fala mal do preço, mas acha que, de qualquer forma, tudo anda ruim mesmo. "Hoje nada é lucrativo", rebate, dizendo que, em vez de brigar por preço, prefere trabalhar para transformar o leite numa atividade comercial, "como se fosse qualquer outro negócio". Só isso já me garante parte



Eudemar Fernandes, foto ao lado. Os animais recebem alimento no estábulo pela manhã e à tarde, foto acima.

do sucesso", admite. Uma atividade comercial, é aquela que oferece retorno mensal. Diz que já vai longe o tempo em que era possível fazer receita apenas duas vezes por ano.

"Não perco tempo me preocupando com o preço", insiste. Me preocupo realmente em ter o que vender e em aumentar a produção. É da produção que vem o preço". Nos planos para o futuro, pretende buscar o aperfeiçoamento na qualidade dos animais e melhorar ainda mais o seu programa de alimentação. "A genética do animal representa 40 por cento e a alimentação



60. Então, de nada adianta ter uma vaca de grande potencial para leite e receber apenas 30 por cento de alimento. Assim, produtor nenhum vai conseguir alcançar uma boa produtividade e obter da produção um preço que cubra os custos da atividade", adverte.

O melhor investimento

"O leite é uma atividade que dá para investir", diz Jarbas Sperotto apostando no retorno econômico que o leite, quando bem conduzido pode oferecer a uma propriedade. O Jarbas, um médico veterinário que até já andou pela França conhecendo o sistema agrícola dos franceses, é o administrador da granja de 190 hectares de propriedade do pai, o produtor Celso Sperotto, localizada em Santo Augusto, saída para Coronel Bicaco. A granja dos Sperotto tem no leite uma atividade de peso, que se soma às demais em importância.

O seu Celso Sperotto começou a lidar com leite em 1979, quando, incentivado pelo governo, montou uma estrutura para receber 1.000 litros de leite por dia. "O pai chegou a produzir 1.200 litros de leite-dia", conta o Jarbas. Na época a granja era uma sociedade entre irmãos e cunhados. Com a separação, no início dos anos 80, seu Celso ficou com o tambo de leite.

Alguns anos mais tarde, o mesmo governo que incentivou a montagem do tambo de leite na propriedade do seu Celso, quase o tirou da atividade. "Foi um desestímulo muito grande", recorda o Jarbas reconhecendo que a falta de estrutura, de conhecimento técnico e de tradição da pecuária leiteira no município, contribuíram para que metade dos quase 15 tambos montados na mesma época fossem desativados.

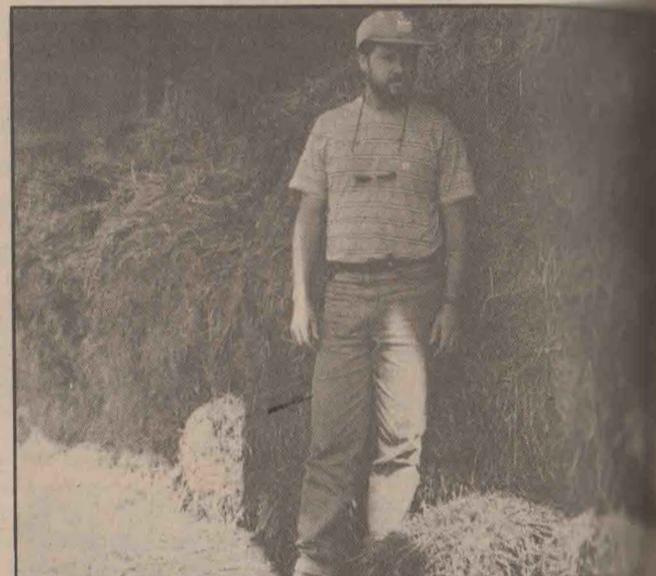
O MELHOR INVESTIMENTO A teimosia dos Sperotto em permanecer numa atividade totalmente desestimulada pelo governo não foi à toa, basta dar uma olhada nos números: a produção média diária dos 25 animais em lactação, chega a 370 litros de leite. "Essa evolução da atividade na nossa propriedade é o resultado de muito trabalho, de aprimoramento genético dos animais e de um bom programa de alimentação", deixa claro o Jarbas, o responsável pelo incremento da atividade leiteira na propriedade do pai. A média de produção

por animal é de 14,5 litros.

Para o Jarbas, hoje não existe melhor investimento que a atividade leiteira e cita como exemplo o volume de negócios fechados na última Expoleite. Na média geral, o volume de comercialização de vacas não chegou a Cr\$ 250.000,00, "no entanto, uma vaca com produção média de 15 litros diários, fecha esse valor em 10 meses de produção", diz. Então, para que razão mais forte para investir na atividade", diz ele lembrando que hoje, se estruturar na atividade está até mais fácil. O produtor não necessita mais fazer aqueles projetos gigantescos que se fazia anos atrás. "Até os silos são mais simples, de fácil manejo e de baixo custo".

BASE NA ALIMENTAÇÃO - Assim como o vizinho Eudemar, Jarbas também não consegue conceber uma boa produção de leite sem uma boa estrutura alimentar na propriedade. A alimentação é assegurada pelos quatro silos - neste ano foram ensilados 350 toneladas de silagem de milho -, boas pastagens, feno - de bermuda, aveia e azevém - e concentrados. "Para o produtor manter o plantel pelo menos com uma boa sanidade física, reprodutiva e produtiva, ele tem que pensar em reservas de fibras", diz o médico veterinário referindo-se a silagem. Os animais não perdem peso e entram em cio de qualquer forma.

A silagem na propriedade dos Sperotto já está chegando ao fim, "mas não estou preocupado, pois as pastagens de aveia, trevo Yuchi, cornichão e azevém estão em pleno funcionamento", diz o produtor. Para alimentar um rebanho



Jarbas Sperotto Reserva de feno para complementar a alimentação

de 120 animais - entre terneiras, vacas de leite, terneiros e novilhas -, o Jarbas planta pastagens de inverno em 80 hectares. No verão, as pastagens ocupam os outros 110 hectares da propriedade. Como parte dos animais é mantido em sistema de semi-confinamento, ele aplica o esterco, misturado com palha, para adubar as lavouras ou até mesmo os piquetes.

AS METAS - Apesar das dificuldades pelas quais passa o setor, os Sperotto não pretendem parar de investir em leite. A meta é de chegar a uma produção de 700 litros-dia de uma média de 50 animais. "Hoje estamos trabalhando com animais de raça Holandês contando que voltaram a trabalhar com a Associação Brasileira de Criadores de Gado Holandês. Além do leite, os animais também estão traçando metas para a suinocultura, terminação de bois e produção de grãos. "Pensamos chegar a 60 por cento de criadeiras na propriedade", comenta Jarbas programando transformar o potencial de grãos produzidos na propriedade em carne e leite. "A propriedade está sendo programada para esse fim", explica relacionando o retorno econômico da propriedade à eficiência produtiva.

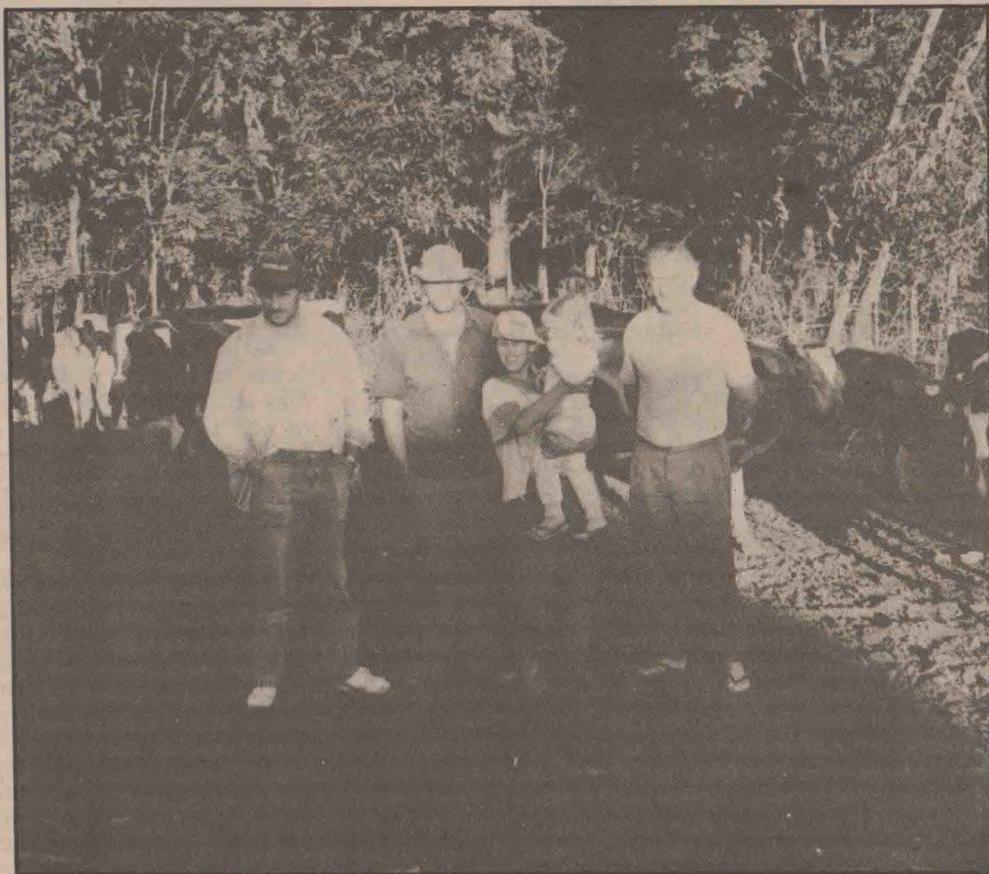
Primeiro o pasto. Depois a vaca

Aroldo Reinke, filho do seu pai, é proprietário de 10,9 hectares e arrendatário de mais cinco perto do pai, em Barro Preto. Na atividade leite há mais de 10 anos. Começou com três vacas Jersey, vendendo uma média de 12 litros por dia. Com o dinheiro da primeira venda de leite comprou mais uma vaca Holandês, "num negócio que vale para um filho", conta Aroldo. Quando questionado sobre a decisão de dizer que não gosta do leite tanto pelo gosto, responde que é porque era realmente a única opção, afirma, lembrando dos tempos em que era obrigado a carregar um balde de leite por mais de dois quilômetros até a propriedade do pai, onde o freiteiro recolhia a produção.

Desde o primeiro dia, o Aroldo sabia que o leite tinha que ser levado para o pai. Começou fazendo investimentos. O retorno era pequeno, "pois a produção era pouca e ainda precisava de novilhas", lembra. Não se queia do sacrifício inicial, pois hoje já conta com 13 animais. 12 delas estão em lactação, produzindo em torno de 120 litros por dia. Mas a média de 10 litros por dia por animal ele só alcançou em 1988, quando começou a ouvir conselhos do médico veterinário da região em Ajuricaba. "Foi o Weiller que me ensinou que não se pode pensar em leite ou em comprar uma vaca, mas produzir o alimento para alimentar os animais. Foi aí que comecei a usar pastagens".

PROGRAMA - O conselho do pai não foi jogado fora. O Aroldo começou a cobrir, durante o inverno, toda a área com azevém e aveia, complementando ainda a alimentação do gado com cana-de-açúcar, mais ração de milho à base de soja e de trigo. Foi um programa de alimentação que deu ao meu rebanho, e o resultado já está aparecendo em seguida". Em setembro ele planta um hectare de milho no pasto. Em fim de setembro seceia uns cinco hectares de milho, que chega até março". Em fevereiro seceia milho para cortar em abril. Em março, abril e maio planta a aveia e o azevém, "que dá mais no tarde" e em outubro e novembro, quando seceia o milho plantado em agosto". Assim termina o milho, os animais comem até entrar o milho.

Com essa programação alimentar e alguns melhoramentos, Aroldo chegou a um plantel de 20 animais. "que não é exagero querer 15 vacas em lactação produzindo uma média de 12 litros de leite-dia", afirma. Mas sabe que o desafio de aumentar a produtividade e a produção não se resume a um bom programa alimentar, também pretende investir na melhoria da qualidade do rebanho. Mas sabe que os planos para o dinheiro que vai para o pagamento da ensilagem só depois vou pensar em silagem". O desafio fica por conta do produtor que pretende melhorar fazendo o gado e plantando cada vez menos. Plantou oito sacos no ano passa-



Arnoldo, Arsênio e Aroldo Reinke
Leite, um negócio de família

Um bom negócio

No final da década de 70, quando a CCGL passou a receber leite na região, o seu Arnoldo Reinke, hoje com 71 anos, entrou para a atividade "meio que na marra". "Entrei meio contra a vontade", diz ele garantindo nunca ter ouvido falar em leite como uma alternativa econômica para a propriedade. "O leite que tirava de duas vaquinhas Jersey era para o gasto", conta. Todo o esforço da entrada do seu Arnoldo para a atividade ficou por conta dos técnicos da cooperativa. "Os técnicos me garantiram que vinham buscar o leite na porta, lembra ainda hoje o produtor que na época não acreditava que o negócio do leite fosse vingar.

A história do seu Arnoldo como produtor de leite já dura quase 20 anos. Bastou receber o primeiro pagamento para mudar de idéia em relação a atividade. "O primeiro pagamento foi, na verdade, o pontapé inicial", lembra achando, na época, que o leite era coisa de mulher.

Bem estruturado, apesar "da pouca terra", seu Arnoldo mantém em seus 42 hectares localizados em Barro Preto, interior de Ajuricaba, - na verdade a terra totaliza 50 hectares, mas oito hectares foram cedidos para os filhos -, além do leite, suínos para o gasto e as lavouras de soja e milho. O rebanho é hoje formado por 11 animais, sendo que 10 estão em lactação. Há dois anos trabalha em parceria com o genro Neri Foguesatto. A média de produção é de 120 litros-dia, "mas deixo 20 litros na propriedade para o trato dos três terneiros". O rebanho é formado por dois animais mestiços - Holandês com

do e este ano pretende plantar o suficiente para pagar a dívida do troca-troca que fez para calçar a terra. "Se plantar alguma coisa a mais, vai ser para o trato dos animais. O que quero mesmo, é o leite é a saída para o pequeno, é investir em produtividade".

Jersey - e o restante é Holandês PO ou PC.

AS PRIMEIRAS NOVILHAS - Assim que recebeu o primeiro pagamento de leite, seu Arnoldo achou que dava para investir na atividade. Em 79 adquiriu as primeiras novilhas em uma Feira, "por pura iniciativa própria", faz questão de dizer. Mais adiante comprou, via cooperativa, vacas do Uruguai, "mais tarde descartadas". Em seguida começou a usar inseminação, tentando melhorar a qualidade do rebanho. Não se acertou muito e, "por desgosto", deixou a inseminação e comprou um touro Holandês. Mas hoje só trabalha com inseminação e anda satisfeito com os resultados.

O MAIS DIFÍCIL - A alimentação é, ainda hoje, segundo o seu Arnoldo, o ponto crítico da atividade. "É o mais difícil. Faltam recursos e o clima não ajuda", lamenta. Não trabalha com silagem, "mais por falta de uma ensiladeira do que da vontade". Trabalhei uns dois anos com silagem e gostei". Tanto no verão como no inverno, deixa uma área de 10 hectares para o plantio de aveia, azevém e milho. A pastagem é complementada por um poteiro de quatro hectares, onde os animais pastoreiam pensacola e braquiária, além do pasto nativo.

Os tempos difíceis e do "preço nada convidativo", não estão animando o seu Arnoldo a fazer muitos planos em relação a atividade leite. Mas mesmo assim, ainda acha que o leite ainda é um bom negócio e uma das melhores alternativas, "principalmente para quem tem pouca terra". E para não parar no tempo, seu Arnoldo anda pensando em aumentar a produtividade do rebanho, mexendo com a qualidade dos animais e com a sua estrutura alimentar. Tem pensado muito numa ensiladeira, mas acha que primeiro precisa pagar a ordenhadeira recentemente adquirida. "Por enquanto vou investir em pastagens de melhor qualidade e melhorar o concentrado que é fornecido aos animais", diz.

Renda para manter a família, apesar das queixas

O começo também não foi fácil para um outro filho do seu Arnoldo, o Arsênio Reinke. Proprietário de 12,5 hectares e arrendatário de mais quatro, o Arsênio conta hoje com uma atividade relativamente bem estruturada, 10 vacas em lactação - apenas uma está "seca" - produzindo uma média de 12 litros-dia-animais. São todos animais da raça Holandês, PO e PC. O rebanho era um pouco maior, mas os prejuízos da seca e alguns compromissos obrigaram o Arsênio a vender alguns dos animais para pagar as contas. Mas diz que só vendeu porque o comprador era um produtor de leite.

O Arsênio também não entrou para a atividade leite por gosto. A linha na localidade de Barro Preto precisava funcionar e ele resolveu dar uma mão entregando a produção das três vacas Jersey que mantinha na propriedade para o consumo da família. Mas aos poucos foi tomando gosto e passou a investir todo o dinheiro que sobrava na atividade. Assim, ele construiu o estábulo, comprou uma ordenhadeira e resfriador e agora anda às voltas com uma ensiladeira, adquirida em conjunto com outros produtores. Nestes 12 anos em que trabalha com leite, ele não só descobriu a atividade, como também descobriu que esta é a saída. "O dinheiro do leite é uma renda que serve muito bem para manter a família", concorda Arsênio, apesar de alimentar algumas queixas.

O preço, "pouco animador", pago pelo produto não é, no entanto, a única queixa do Arsênio. Ele também reclama da assistência técnica. Na sua opinião, o técnico tinha que passar nas propriedades pelo menos uma vez por mês "e não apenas quando tem algum animal doente. Entende que ao visitar a propriedade, o técnico poderia orientar melhor o produtor e "inclusive ajudar no aumento da produtividade".

O esquema de pastagens do Arsênio é semelhante ao que o Aroldo faz na sua propriedade. A sua idéia é chegar ao final do ano, mantendo o mesmo número de animais, e uma produção de 200 litros-dia, "nem que para isso tenha que melhorar a alimentação". Mas o desafio do Arsênio não pára aí. A mesma produção que alcançar no verão, quer segurar no próximo inverno. "A saída, para amenizar um pouco os custos de produção, é aumentar a produtividade. E a produtividade só se aumenta dando mais comida para o gado", diz ele pensando em fornecer, além do pasto, mais concentrado, sem descartar a possibilidade de um dia trabalhar com silagem. "Esta é a grande alternativa para quem quer se manter na atividade de forma eficiente".



LEITE

Verticalizar, a saída

Quando começou a trabalhar com leite, mesma época em que a CCGL passou a operar na região, seu Elmário Korb, um produtor de 14 hectares próprio e mais seis arrendados em Alto da União, interior de Ijuí, tinha uma idéia muito diferente da atividade. "O leite se apresentou como uma alternativa para se tirar o dinheiro do rancho da casa", conta. Mas hoje, adianta a Lorena, esposa do seu Elmário, são as vacas que tocam a propriedade, e a receita do leite é o único dinheiro que tem entrando regularmente em casa."

A crise na área de grão levou os Korb a pensarem diferente em relação ao leite, que vão ainda mais longe quando dizem que hoje, a saída para o produtor passa pela verticalização de produção. "Para os laços não temos mais espaços", diz apontando para a necessidade de se buscar uma maior produção via aumento de produtividade. "E quem não conseguir verticalizar a sua produção, seja ela leite, suínos, soja ou até peixes, vai ficar de fora da agricultura, diz a Lorena, entendendo ser esta a única forma de tirar a desvantagem que existe entre custo de produção e preços. Reconhecem que a própria concorrência com produtores europeus e argentinos vai levar,

obrigatoriamente, a uma especialização da atividade. "Vamos ter que superar as barreiras da produtividade e competir com produtores de outros países, mesmo sem qualquer apoio oficial", assegura seu Elmário, colocando no mesmo barco a situação precária das estradas do interior do município de Ijuí. Então, como ser eficiente, se nem estradas boas temos para escoar a produção", indaga.

VAI SÓ O LEITE - Mas apesar do preço, "que não é bom", os Korb vêm procurando, ao longo dos anos, investir na atividade. "O leite é um negócio diferente das demais atividades. A gente vende o leite, mas fica com a vaca", diz o produtor. Com a soja ou o porco, a situação é diferente".

O rebanho do seu Elmário é formado por 25 animais, mas apenas oito estão produzindo uma média de 90 litros/dia. A produção média do ano, no entanto, é de 120 litros/dia. Além do suíno, ele também planta um pouco de soja, "mas mais em função do porco e do leite". A área de milho é praticamente igual a da soja. Planta ainda, para o trato do gado, aveia, ervilhaca e azevém. No verão, cultiva o capim elefante, a bermuda, o trevo, "o milho para silagem" e ainda alfafa para feno. Man-

tém dois silos na propriedade, "um para silagem de milho e outro de aveia". O gado recebe quase toda a alimentação no cocho, "porque senão a atividade não se viabiliza, principalmente para quem tem pouca terra", explica o produtor.

OS PIONEIROS - A Lorena gosta de lembrar do tempo em que começaram a fazer silagem de milho. "Fomos os pioneiros na região". O milho era cortado a facão e passado numa ensiladeira estacionária. Mas essa nova referência à atividade só veio a partir de 88, depois que o seu Elmário andou pelo Paraná e por Tapera, visitando algumas propriedades. "Foi o que vi por lá, tanto em termos de alimentação, de qualidade do gado e de produtividade e a própria crise na agricultura, que me fizeram repensar a atividade leite dentro da minha propriedade", conta. Os Korb integram dois grupos de ensiladeiras, uma de milho e outra de aveia. Mas a vontade de produzir mais leite não fica só na aquisição das ensiladeiras, de animais de qualidade, do triturador de milho ou da ordenhadeira, "tudo pago com dinheiro do próprio leite". Dia destes, a Lorena e o seu Elmário deixaram a lida do leite e dos suínos durante todo o dia, para participar de um treinamento



Elmário e Lorena Korb
As vacas tocam a propriedade

que aconteceu no CTG e que tratou de alimentação bovina. "Uma atividade só vai para frente se o casal puder trabalhar de comum acordo. E, para que isso aconteça, os dois precisam andar muito bem informados", explica Lorena, que todos os dias se responsabiliza pela ordenha dos animais.

O programa de alimentação para o gado de leite, feito via computador pela Cotrijui ajudou em muito, segundo o seu Elmário, para o salto de qualidade e de produtividade que o leite alcançou nestes últimos tempos. Antes do programa computadorizado, conta o produtor, pensava que o milho era tudo. Na verdade fiquei sabendo que estava desperdiçando comida, porque algumas das minhas vacas nem precisavam comer milho".

PLANOS - Os planos dos Korb não são muito diferentes dos demais produtores bem es-

truturados e que colocam o leite como uma alternativa econômica importante dentro da propriedade. Pretendem investir no melhoramento genético dos animais, "dias atrás comprei mais quatro terneiras para reposição", e na qualidade do alimento. "É claro que uma melhor produtividade também vai depender do melhoramento do solo e do uso de uma adubação adequada nas lavouras de pastagens. Uma coisa puxa a outra", reconhece. Dizem que a média de 10 litros de leite/animal/dia ainda é uma média baixa, "por isso queremos chegar a uma média de 20 litros por vaca. Temos vacas que produzem 5.000 litros de leite por período de lactação, mas em compensação temos outras que produzem bem menos. São animais que não respondem bem a um programa de alimentação e que precisam ser descartados e substituídos", declara Lorena.

Comida à vontade

Na Linha 13, interior de Ijuí, mora o Valdir Wilde, um dos poucos produtores da região que tem o leite como principal atividade da propriedade de pouco mais de seis hectares. No ramo há pouco tempo, "coisa de três anos", o Valdir destina toda a sua área para o plantio de milho para silagem e pastagens. A opção pelo leite fez com que o produtor deixasse de lado a produção de grãos. Não se arrepende, "apesar das dificuldades enfrentadas", pois conseguiu, em pouco tempo, transformar a atividade num meio de vida "até certo ponto lucrativo".

O Valdir começou a entregar leite meio por curiosidade. "Resolvi experimentar, mas com o correr do tempo fui descobrindo as vantagens, principalmente para alguém como eu, de pouca terra e de poucos recursos", diz ele sem pensar em voltar a plantar grãos. Conta que no início não acreditava muito que o leite pudesse dar certo, "por isso comecei com três animais". Em três anos as três vacas se transformaram em 10, produzindo uma média de 100 litros de leite por dia, "o que me dá uma boa média, se comparado com os demais índices do municí-



Valdir Wilde
Atividade única da propriedade

pio", ressalta. Somam-se às 10 vacas, da raça Holandês, duas novilhas cobertas e outras duas terneiras.

BOA VONTADE - Todo o sucesso da atividade, segundo Valdir, depende de um bom programa alimentar, "sem comida o gado não pode produzir". Animais de qualidade, estrutura para o desempenho da atividade montada e um pouco de boa vontade. "O sucesso depende destes pontos. De resto é tocar a atividade como se faz com qualquer outra. Quando entrei e vi que o negócio era bom, fui fundo", aconselha. Todo o dinheiro que entrava, o Valdir gastava na compra de mais animais, da ordenhadeira, do resfriador e na construção do estábulo e do silo. "O principal é pasto,

vaca boa e assistência técnica".

No verão o Valdir trata os animais com pastagens de milheto, trevo, capim elefante e crotalária, "que acho que paga a pena plantar". No inverno a pastagem é à base de aveia e azevém. Para silagem, planta o milho, "que é mais fácil de lidar". Como complemento alimentar mistura farelo de aveia ou de trigo e um pouco de soja. A ração é feita em casa. Além de continuar investindo no aumento da produtividade, "a única maneira do produtor aumentar a sua receita, já que o preço é um desgosto só, o Valdir pensando em criar alguma novilha boa. Assim, todos os anos me descarto das vacas e continuo com as novilhas", diz o produtor.

Quem dá um boi para experimentar Duotin, dá uma boiada para ficar com ele.

Duotin
Injetável para Bovinos

Controla parasitas internos e externos, inclusive o berne.

Agente de Vendas Coopers

90-CD-8-DP

* Trademark Abamectin é comercializado no Brasil sob a marca DUOTIN, licenciada de Merck & Co., Inc., Rahway, N.J. - U.S.A.

Um raio "X" da atividade

Um levantamento para situar a atividade leiteira no município de Jóia e apontar alguns caminhos



Gilberto Kosloski

O produtor está conseguindo visualizar a sua situação

Levantar um diagnóstico da situação da pecuária leiteira no município de Jóia. Com esta idéia na cabeça e um cadastro em mãos, o médico veterinário da Cotrijuí, unidade de Jóia, Gilberto Kosloski saiu a campo, no final do ano passado, buscando respostas para o seu trabalho. Distribuiu questionários para serem respondidos pelos produtores de leite, teve o retorno de 260, mas cadastrou dados de apenas 130, devolvidos até o final do ano passado. "A idéia era a de situar a atividade leiteira dentro da propriedade e no município como um todo", explica Gilberto que, neste seu trabalho de levantamento de dados contou também com o apoio dos freiteiros.

O levantamento mostrou que, embora a média mensal de entrega de leite seja de 180 mil litros, Jóia tem um bom potencial para a atividade. O que está faltando, segundo o Gilberto, pode constatar, é um melhor entendimento dos produtores em relação aos retornos econômicos que a atividade pode proporcionar. Garantir que só depois que os produtores descobrirem esse potencial e entenderem o leite como mais uma alternativa economicamente rentável dentro da propriedade, é que a atividade poderá crescer no município. Como forma de incentivo à existência deste potencial, Gilberto citou o projeto de construção de um Posto de Recebimento de leite no município.

DADOS - O levantamento mostrou que as 130 propriedades computadas, ocupam uma área de 4.708 hectares. As áreas não consideradas, "por não serem utilizadas economicamente", chegam a 576 hectares. A soja ocupa 2.797 hectares, correspondendo a 67 por cento do total da área. O milho ocupa 11,2 por cento da área, ou seja: 464 hectares. Para poteiros destinados 608 hectares, o que equivale a 14,7 por cento da área.

As pastagens cultivadas ocupam 145 hectares ou 3,5 por cento da área total agricultável destas 130 propriedades. Desta área com pastagens, 8,35 hectares são ocupados pela alfafa; 11,7 hectares pelo pasto elefante, cultivado em beira de estrada e ainda 24,6 hectares com a mandioca. Apenas 13 produtores fazem silagem e 34 fazem, mas não o recomendado tecnicamente. "O feno é feito mais para guardar a palha seca", observa Gilberto.

O número de vacas em lactação, na época, era de 732 animais. As vacas secas somavam 306. "Isto significa que 70 por cento do rebanho leiteiro estava em lactação na ocasião", assinala. As novilhas de três a quatro anos somavam 354 e as terneiras de até dois anos, 449 animais.

Dos 130 produtores, que tiveram seus dados computados, 61 fizeram pastagens de verão. Outros 25 plantaram alfafa "em canteiros". Comparando o número de animais com a área de potreiro, o Gilberto encontrou uma lotação de 2,5 animais por hectare. "Os poteiros, lembra, não têm nem como manter uma lotação de 0,5 cabeças, quanto mais de 2,5". Na relação animais com áreas de pastagens cultivadas, o dado "lotação" é ainda mais surpreendente. No caso, a lotação chega a 10,4 cabeças por hectare,

"quando sabemos que uma pastagem bem manejada pode suportar até três cabeças por hectare".

Outro dado levantado pelo Gilberto diz respeito a questão da produção do município, em torno de 180 mil litros/dia. A média de produção vaca/dia chega a 5,27 litros, "um índice considerado baixíssimo. Para formar a média de produção vaca/dia, o técnico considerou a produção de leite comercializada e mais uma estimativa de produção consumida nas propriedades.

CONSTATAÇÕES - Com os dados computados, o Gilberto chegou a algumas constatações que, "se melhoradas, poderiam aumentar a produtividade no município". Elas começam pelas dificuldades de mão-de-obra nas propriedades. As pessoas mais velhas têm certa dificuldade de incrementar uma atividade nova e os jovens, que teriam esse potencial, ou não estão mais na propriedade ou não se interessam pela atividade.

Outra constatação observada: a da utilização de quase 70 por cento da área com soja. Esta situação tem impedido um melhor planejamento da atividade leiteira, já que impede o plantio das forrageiras mais no cedo, sobrando muito pouco para que as pastagens fiquem à disposição do gado.

Mas a saída, de qualquer forma,

insiste o Gilberto, mesmo sabendo dos problemas existentes no município, passa por um planejamento da atividade, partindo de uma necessidade de alimentação condizente com o rebanho existente na propriedade, "principalmente para aqueles produtores que se indentificam com a pecuária de leite e que pretendem melhorar os índices de produtividade". Ele vai ter que definir uma área para o leite, onde não entre a soja", observa ainda satisfeito com a mexida que os dados levantados, mostrando a real situação da atividade leiteira do município, estão causando entre os produtores. "Pela primeira vez, eles estão conseguindo visualizar melhor a realidade da atividade em Jóia.

DESCULPAS - O argumento, tão usado por alguns produtores de que o preço do leite não cobre os investimentos feitos na atividade - tanto em pastagem como em material genético - não passa, segundo o Gilberto, de desculpas. Tem certeza de que os produtores não estão sabendo explorar o potencial genético de seus animais, "porque nunca ofereceram condições para que eles transformem toda a pastagem consumida em leite. Diz que Jóia, um município com um rebanho de gado leiteiro ao redor de 2.500 cabeças e uma produção média de 23 litros/dia/produtor, a alimentação for-

necida ao gado de leite ainda é muito deficiente. "Mesmo em período em que sobra pastagem, as vacas passam fome", tem observado o técnico em suas andanças pelo interior do município.

O que acontece, segundo Gilberto, é que o animal não tem acesso permanente às pastagens. Por questões de segurança, dificilmente o produtor solta suas vacas no pasto durante a noite, largando apenas de dia e por algumas horas, "período este que não é suficiente para o animal consumir tudo o que poderia consumir para transformar em leite." A silagem seria uma excelente alternativa para suprir essa deficiência de pastagem. Associado a alimentação deficiente, o Gilberto aponta ainda um outro ponto negativo em termos de produção de leite: a falta de uma programação da lactação das vacas.

CURSO DE GADO LEITEIRO

Treinamento intensivo

Treinar o produtor através da discussão de aspectos teóricos e práticos, de forma a melhor organizar a produção leiteira. Esse foi o objetivo maior do curso de gado leiteiro realizado durante três dias, 15, 16 e 17 de maio, no Centro de Treinamento da Cotrijuí. O curso reuniu 45 produtores de todas as unidades da Região Pioneira, com exceção da unidade de Ijuí, que pelo número de produtores na atividade participou da segunda edição nos dias 4, 5 e 6 de junho.

A exemplo do que já tinha sido realizado na área de suinocultura, o curso de gado leiteiro englobou todos os aspectos da atividade. No primeiro dia, o coordenador de pecuária leiteira da Cotrijuí, veterinário Orlando Bohrer apresentou aos produtores características do gado, relacionando-as a estrutura de propriedade, ao manejo que deve ser feito e as práticas que envolvem esta produção. "O produtor precisa pensar sobre a estrutura de sua propriedade de forma mais séria", salientou o veterinário, depois de avaliar as potencialidades genéticas de cada raça e os cruzamentos inadequados que rotineiramente ocorrem na região.

Por meio de um exemplo prático, o veterinário aproveitou para mostrar ainda como a organização pode melhorar a produtividade, onde ficou demonstrado a necessidade de eliminação de machos improdutivos e o acompanhamento de uma produção em relação aos níveis mais indicados pela pesquisa. "O parâmetro de produção mais indicado é o de se ter pelo menos 80 por cento do total de vacas produzindo leite", afirmou, lembrando que para se atingir isso é fundamental pensar em manejo, isto é, de que forma se administra a atividade e os recursos de alimentação, principalmente aqueles que podem ser produzidos na propriedade.

SANIDADE - Na parte de sanidade do gado, medicina preventiva e saúde animal, a veterinária Ivone Suffert apresentou todos os aspectos práticos relacionados a higiene e sanidade dos animais, que junto a outros fatores como manejo, alimentação e genética têm influência direta sobre a produtividade do rebanho. As características das doenças mais comuns ao gado de leite, assim como as formas tradicionais e alternativas de controle foram detalhadas pela



Produtor no GTC
Discussão da atividade leiteira

veterinária. Ivone deixou claro a importância das práticas de prevenção, já que são muitos os fatores causadores de doenças, desde a deficiência ou excesso de alimentação ou a falta de higiene, que quase sempre é responsável pelo aparecimento de todas as doenças como mamite, verminoses e infecções em geral.

Além disso, Ivone Suffert, juntamente com o engenheiro agrônomo Jair Mello, falou sobre as necessidades alimentares do gado leiteiro, considerando aqui o sistema dietético dos animais. O uso de forrageiras e o sistema de silagem, frequentemente abordado e recomendado pelo departamento técnico, mais uma vez foi enfatizado, quando se apresentou as melhores opções de época em culturas para fazer silagem e a forma adequada de fornecer esse alimento, além do uso correto de rações.

O segundo dia do curso foi destinado à discussão sobre instalações de máquinas e equipamentos, assunto tratado pelo técnico Vanderley Juswiak. O veterinário Alberto Abreu abordou a utilização da inseminação artificial, como objetivo de melhoramento genético dos animais com custos menores do que a aquisição de reprodutores e matrizes, além da vantagem de melhor controlar as enfermidades do rebanho. Por fim, Orlando Bohrer discutiu a estrutura leiteira na região Pioneira.

Modernização depende da agricultura

Foto: André Chassot - O Interior

Fecotrigo e Funcoop, com apoio da OCB, trouxeram a Porto Alegre analistas de produção e mercado internacional da soja, para debater e tirar conclusões sobre a situação do projeto hoje, e estudar perspectivas para o futuro próximo

Com a citação da máxima fatalista do sociólogo William Vogt, de que "se incendiarmos as cidades e preservarmos os campos, as cidades renascerão; mas se preservarmos as cidades em detrimento do campo, as cidades, fatalmente, perecerão", foi encaminhado ao governo federal o Manifesto da Agricultura, assinado por todos os secretários da Agricultura do país, Contag, OCB e Sociedade Rural Brasileira.

O documento, síntese do que foi debatido e aprovado no 2º Fórum Nacional da Soja 01, promovido em Porto Alegre, no dia 9 de maio, se constitui na mais séria e objetiva advertência que um governo possa ter recebido das lideranças agrícolas, nos últimos anos. Ele cobra do governo medidas concretas e adequadas para reverter o quadro de miséria que se estampa no país, principalmente pela ausência de política racional à produção agropecuária.

E no momento que esse mesmo governo fala tanto em modernidade, lembra que "nenhum país jamais chegou ao Primeiro Mundo aniquilando seus agricultores". E bem ao contrário - diz em outro trecho o Manifesto da Agricultura: os países desenvolvidos subsidiam a agropecuária, por terem consciência de que é fundamental à saúde financeira de seus respectivos países.

FECOTRIGO, OCB - O 2º Fórum Nacional da Soja 91, que questionou o tema, "Quais as perspectivas?", foi promovido pela Fecotrigo, Organização das Cooperativas Brasileiras, OCB



Debate da soja (Da esq. para a dir.): Rui Polidoro Pinto, Célio Porto, Martinho Faria, Paulo Roberto da Silva (coordenador), Ayrton Kanitz, Ademar da Cunha e Luiz de Figueiredo Forbes

e Fundação Cooperativa, Funcoop, e trouxe a Porto Alegre os nomes mais expressivos da economia agropecuária e do cooperativismo do país, destacando-se Roberto Rodrigues, ex-presidente da OCB e atual presidente da Eximcoop; Wilson Thiesen, presidente da OCB, Célio Porto, da Companhia Nacional de Abastecimento; Tjan Hin Tjong, da Promerc e Luiz de Figueiredo Forbes, da Comissão de Valores Mobiliários, além de analistas locais.

Iniciados os trabalhos do Fórum pelo presidente em exercício da Fecotrigo, Rui Polidoro Pinto, que traçou, num breve preâmbulo, a situação econômica e dificuldades enfrentadas pelo setor agropecuário. Ele ressaltou a significação do encontro e a importância dos debates que se travariam, pois de seu resultado "é que se traçará os rumos a serem seguidos pelos produtores de soja do país, cada vez mais premidos pelos problemas."

DEBENTURES AGRÍCOLAS - O economista Luiz de Figueiredo Forbes, da Comissão de Valores Mobiliários, foi o primeiro conferencista, um dos palestrantes do tema: Bolsa Mercantil e de Futuros. Ele começou

dizendo que o país sofre de um grave problema. E este problema chama-se agricultura.

Para a correção disso, neste estágio da vida brasileira, ele quer estimular maior agressividade dos produtores ou seus representantes da área comercial, uma presença mais atuante nos mercados interno e externo. Para o desafio financeiro dos produtores, num país de dinheiro caro e escasso, ele sugere a criação de debêntures agrícolas, que podem ser emitidos pelas cooperativas. Considera viável, até porque essa prática é comum nos países do Mercado Comum Europeu, que não sofrem nenhuma restrição em termos de financiamento de crédito para a produção agrícola.

O PIB DA AGRICULTURA - O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais - Abiove - Martinho Faria, abriu o painel sobre o tema: Qual o futuro do grão? Já no início, disse palavras duras contra o procedimento do governo - e não só deste atual governo - também de outros do passado, que sempre olharam de soslaio, quando não, em completa indiferença para a agricultura brasileira. Assim, reclamou o industrial, é muito difícil produzir.

Em seguida questionou as estatísticas do governo, que calculam uma percentual de 9% de participação de agricultura no PIB. Ele diz que esse dado é improcedente, pois a agricultura e pecuária alcançam 50% do PIB em ordem direta. Reclamou também dos impostos, que são os mais altos do mundo. Esses impostos, mais a precariedade de nosso sistema de transportes, armazenagem, custos portuários e fretes elevados, praticamente nos alijam da concorrência internacional.

Fez um comparativo com a Argentina, nosso mais próximo concorrente no mercado internacional da soja. O vizinho país do Prata, que vem demonstrando um crescimento espantoso na produção da oleaginosa, dá incentivos aos produtores. Comparativamente à situação do Brasil, nossa situação é quase dramática. Senão vejamos: na Argentina o imposto sobre a soja-grão é de 6 por cento. No Brasil o exportador paga 13 por cento. E quanto ao óleo refinado, diz Martinho Faria, enquanto a Argentina dá incentivo de 4 por cento ao exportador, o Brasil tributa em 8 por cento o mesmo exportador.

A soja e a concorrência

A criação de novas alternativas para os produtores foi defendida pelo técnico da Companhia Nacional de Abastecimento - CNA, economista Célio Porto. Ele fez comparações com o crescimento de mercados produtores próximos, como a Argentina, que tende a igualar-se a nós em volume de produção, já que nos deixou para trás em termos de rendimento por produtividade.

Essa mesma tese foi reforçada posteriormente por outros palestrantes, experts em mercado internacional, como Argemiro Luis Brum, representante do sistema cooperativo gaúcho na área do Mercado Comum Europeu, sediado há sete anos na França, e Silmar Cesar Müller.

Cai a nossa produção de soja, seja por culpa da seca, fator que não está ao alcance do produtor evitar. Mas cai também pela indiferença do governo, que nega apoio à produção. O Brasil, que já produziu mais de 24 milhões de toneladas do grão, está sujeito a colher menos de 15 milhões nesta safra.

MERCADO INSEGURO - Argemiro Luis Brum, ao longo da intervenção no plenário do 2º Fórum da Soja, não fez boas referências ao futuro do produto no mercado interna-

cional. Para ele, o mercado está consolidado e a tendência é manter-se calmo. "Nem a seca nem a Guerra do Golfo movimentaram o mercado do produto", lembrou Argemiro.

A União Soviética que despontou como um grande comprador é o único capaz de movimentar o mercado, não dá sinais de compra. E se vier a fazê-lo, adverte o analista, é mais provável que se dirija aos Estados Unidos. Sua preferência por esse mercado pode ser justificada pela atual política soviética de sepultar, de vez, a Guerra Fria.

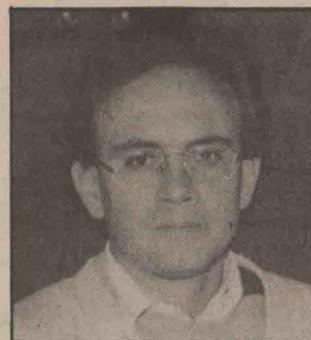
Ele substanciou em dez pontos a tese na qual justificou a provável manutenção tímida do mercado externo da soja. O principal ponto parece ser a diversificação da produção de sucedâneos para a ração animal, que a Europa está estimulando. A colza e a ervilha proteaginosas, estão nessa pauta. Além disso, diz Argemiro, os Estados Unidos vão aumentar a produção do grão. Eles estão decididos a recuperar o que deixaram de ganhar nos anos 80. E, obviamente, se produzirem mais, terão maior domínio ainda no mercado internacional.

PROBLEMAS VÊM DO GOVERNO - O ex-presidente da OCB, Ro-

berto Rodrigues, que dirige hoje, em São Paulo, a Eximcoop - Exportadora e Importadora das Cooperativas, foi simplesmente ácido com o governo. Para ele, a maioria dos problemas vêm do próprio governo. Tributos altíssimos, ausência efetiva da pesquisa, insegurança do produtor na hora de plantar e também ao vender, e reduzido poder de compra do povo. A soma desses fatores leva à quase insolvência da lavoura brasileira, como estamos vivenciando neste momento, criticou Rodrigues.

O atual presidente da OCB, Wilson Thiesen, que fez a palestra de encerramento do Fórum, também foi cáustico com o governo. Mas fez um apelo à autocrítica, pois considerou que alguns dos problemas vigentes no setor primário, e notadamente nas cooperativas de produtores, poderiam ser amenizados se existisse uma consciência de maior união cooperativista.

Outros debatedores do 2º Fórum Nacional da Soja, foram: o jornalista Silmar Cesar Müller, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Argentina, que abordou as perspectivas de comércio no Cone Sul; Valter Duarte, da Richco Cereais -



Argemiro Brum

Comércio e Exportação, que falou sobre perspectivas setoriais no meio, e o especialista internacional, Tjan Hin Tjong, sobre bolsa mercantil e de futuros.

O mediador dos debates foi o agrônomo Paulo Roberto da Silva, assessor da presidência da Fecotrigo.

Conforme o presidente em exercício da Fecotrigo, Rui Polidoro Pinto, o resultado do 2º Fórum somente poderá ser avaliado em profundidade, a médio prazo. A impressão inicial é que se alcançou o pretendido, visto o oportunismo das questões abordadas e o brilhantismo dos debatedores. Resta saber, concluiu Polidoro Pinto, se o governo e demais entidades envolvidas, terão sensibilidade suficiente para entender as mensagens, e principalmente a carta, Manifesto da Agricultura, assinada por 26 secretários, mais a Contag, OCB e Sociedade Rural Brasileira.

Uma história milenar de subordinação

Subordinar: "fazer dependente, dominar, subjugar, sujeitar, estabelecer em ordem de dependência do inferior ao superior, ou do que é dominado ao que domina", segundo o Dicionário Aurélio

Dinarte Belato

A história da mulher se inscreve exatamente no contexto da subordinação. Embora as sociedades humanas tenham passado por formas de organização muito diferentes, as sociedades escravistas, as capitalistas ou feudais, por exemplo, sempre tem havido em todas elas e tem persistido um conjunto de relações e práticas sociais mais ou menos invariáveis que determinaram e determinam a subordinação da mulher ao homem. Tal subordinação está ligada à garantia e à estabilização das condições de reprodução dos grupos humanos, transmissão de riquezas, privilégios e de poder.

As condições de reprodução dos grupos humanos, das quais a mulher é o elemento chave e imprescindível, se fixam em tradições culturais, em mitos, músicas, danças, códigos, que são socialmente repetidos, geração após geração, e que lhe dão uma apa-

rência natural, como se fossem coisas inerentes à natureza humana. E por que parecem naturais, não são discutidas e, o que é pior, frequentemente a discussão é reprimida, proibida, desprezada ou ridicularizada.

FONTES HISTÓRICAS - Esta história milenar, que se torna presente nas práticas cotidianas até os dias de hoje se alimenta de várias fontes que acabaram formando a cultura ocidental. A primeira e a mais importante vem da Bíblia. Em várias passagens se fixa o papel inferior da mulher, como no célebre episódio da expulsão do paraíso onde se define a função de reprodução da mulher e sua subordinação ao homem. Esta passagem, na verdade só justifica a prática corrente estabelecida pelos patriarcas que dispunham de suas mulheres como um bem de troca e a aliança com outros patriarcas. Esta tendência se transfere ao cristianismo através das epístolas de São Paulo onde o apóstolo requer que as mulheres se sujeitem e obedeçam (se subordinem) a seus maridos.

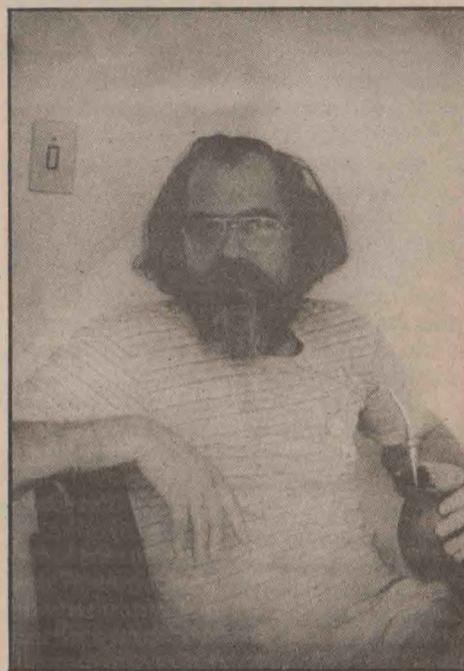
No mundo grego e romano, as mulheres são rigidamente circunscritas ao mundo doméstico onde são responsáveis pela continuidade da família e junto com os escravos pela sua manutenção econômica. Ao homem cabe viver a vida pública, fazer políti-

ca, participar dos cultos públicos, assembleias e da guerra.

O cristianismo medieval não mudou as relações de subordinação. Em alguns casos até aprofundou, estabelecendo o princípio de que nenhuma mulher, em virtude de sua condição de mulher, tem acesso às funções sacerdotais, prerrogativa masculina exclusiva.

Nas sociedades modernas, a subordinação se mantém, só que justificada pela glorificação do lar. No lar a mulher é proclamada rainha. Só a gradativa incorporação da mulher no trabalho fora da casa como operária, funcionária pública, professora, começa a romper o círculo doméstico. Isto, no entanto, não a libera da carga histórica das tarefas domésticas e ela passa a suportar o fardo da dupla jornada de trabalho.

No Brasil esta carga vem acompanhada pelo peso de quatrocentos anos de escravidão, que gerou nas elites masculinas do país a mentalidade e a prática do autoritarismo e da violência física. Separou as mulheres brancas, mães dos filhos dos senhores, encarceradas nas casas grandes, das mulheres negras, escravas e frequentemente vítimas das violências e arbitrariedades sexuais dos senhores. Ao estigma de ser escrava se acrescentava



Belato

Direitos de cidadania ainda negados o estigma de mulher e de promíscua. Essa situação se prolonga século XX a dentro e só na Constituição de 1932 se reconhecem direitos de cidadania à mulher, direitos que ainda hoje são negados na prática diária da discriminação social, jurídica, política e profissional.

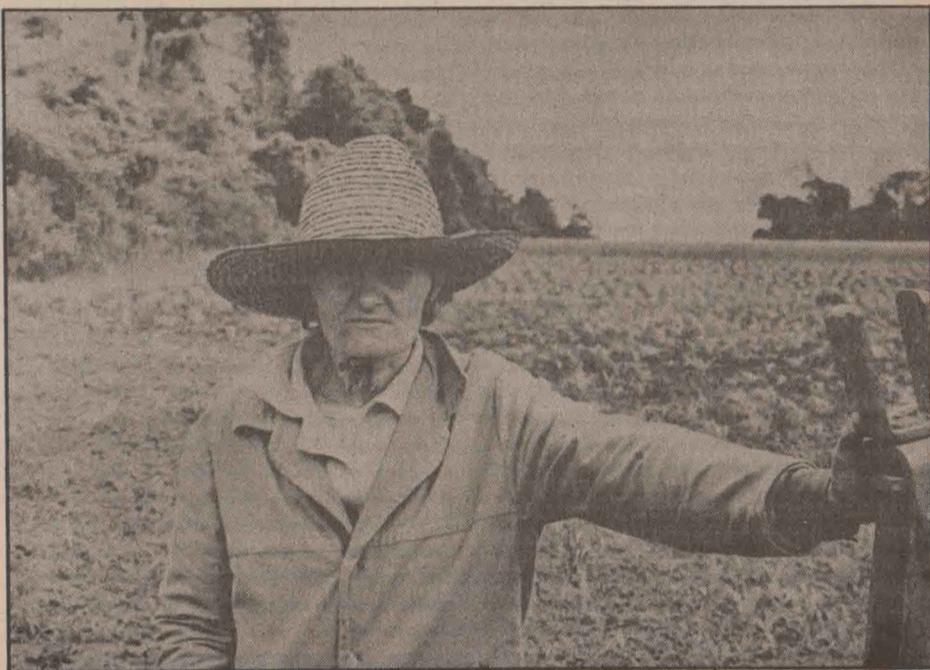
A dupla jornada no campo

A dupla jornada enfrentada pela trabalhadora rural através dos séculos, ganha uma nova avaliação frente às mudanças econômicas e sociais da agricultura

As mulheres trabalhadoras rurais têm ocupado um lugar estratégico na pequena produção familiar (Pequena produção essa que se refere ao modo específico como os imigrantes europeus chegaram ao sul do país organizaram as unidades produtivas em pequenas propriedades). Este modelo de organização se fundava sobre o trabalho direto, físico dos membros da família. O sucesso econômico dependia do número de pessoas que a família pudesse engajar na produção. Das famílias numerosas, às vezes com 14 ou 15 filhos. A mulher cabia gerar os braços necessários para produzir. Mas a ela cabia também executar todas aquelas tarefas inerentes ao dia a dia dos seus membros: vesti-los, alimentá-los, educá-los, cuidar de suas doenças, numa rotina que durava toda a vida. O trabalho da mulher, porém, não parava aí. Ela também assumia, junto com o marido e os filhos homens, o trabalho da lavoura e da criação dos animais. Para a mulher camponesa se tornava menos visível a dupla jornada de trabalho. As tarefas da casa se misturavam com as tarefas da produção, o que não ocorria com a mulher assalariada que tem seu trabalho produtivo separado de sua casa.

Esta estranha divisão de trabalho entre homens e mulheres produziu diferenças importantes na maneira como a sociedade percebe as funções do homem e da mulher. Nesta percepção estão embutidas as velhas formas de subordinação. Podemos, esquematicamente, sistematizar esta divisão de funções da seguinte forma: o homem é o chefe da família e da unidade de produção, a ele cabe organizar a lavoura e o trabalho produtivo que é aquele que gera uma renda monetária e liga a unidade familiar com o mercado. E como este é o trabalho socialmente considerado importante, ao homem cabe o direito de gerenciar o dinheiro, de gastá-lo com mais liberdade, de ter acesso ao lazer e à vida pública: participar da política, das associações de classe, da vida pública, enfim. Já à mulher cabe zelar pela reprodução dos membros da família, cuidar da casa e de todas as operações de manutenção diária de seus membros. Sem este trabalho, a família entra em colapso.

Mas este trabalho, embora socialmente importante, não é considerado trabalho, ele não é produtivo no sentido de produzir algo que se vende. É um trabalho que é consu-



No campo
Pesada herança histórica

mido diretamente pelos membros da família. É, então, um trabalho improdutivo, aparentemente mais leve, menos exigente de descanso, negado enfim como trabalho. As mulheres se lhes nega, por conseguinte, o acesso ao lazer na mesma proporção que se admite ao homem. Em inúmeros casos, o lazer da mulher é trabalho disfarçado porque acaba no meio da conversa com a comadre costurando a roupa, fazendo tricot, atividades típicas de manutenção das condições de vida e trabalho do grupo familiar.

A fixação social do campo do trabalho feminino e masculino é de tal força que a maioria dos homens sente como humilhação executar tarefas consideradas próprias das mulheres.

Hoje, o que está sob discussão

é esta pesada herança histórica, não só porque o número de mulheres chefes de família cresce continuamente, nem só porque é cada vez maior o número de mulheres que se profissionaliza e se independiza economicamente, mas também e principalmente porque as próprias mulheres estão criando espaços próprios de discussão e organização e de ação em busca de uma igualdade jurídica, política e econômica que vem sendo negada há séculos. Seguramente, as contínuas mudanças que ocorrem nas condições técnicas, econômicas e sociais da agricultura permitem visualizar melhor as formas de subordinação a que foram submetidas as mulheres camponesas.

Dinarte Belato

é professor de História e pesquisador da Universidade de Ijuí

Cotrijuí tenta viabilizar draw-back

A frustração da safra, afetando sobremaneira a economia do Estado, faz com que a cooperativa estude formas de implantar operações alternativas no terminal de Rio Grande

A quebra da safra agrícola e o desestímulo para a compra da soja gaúcha trazem perspectivas pouco positivas para a economia do Estado. Esta avaliação parte do gerente geral do Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, economista Bolivar de Souza Lima, considerando ainda que o contexto político-econômico mundial está falido em vários pontos. "1991 é, sem dúvida, o pior ano dos últimos tempos", afirma.

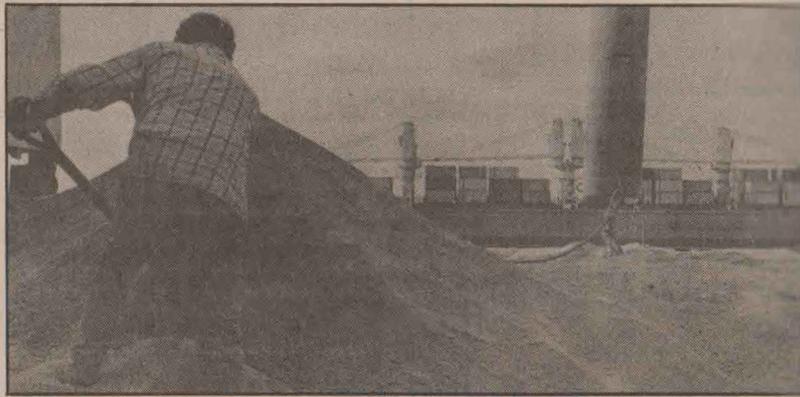
Uma quebra de mais de 50 por cento na safra de soja tem repercussão extremamente negativa ao Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta toda sua economia calcada no duo soja/exportação. Se não bastasse a pouca oferta do produto, Bolivar Lima lembra o desestímulo do mercado internacional para a compra da soja gaúcha.

sua safra normalizada, além de ter um custo exportador inferior ao do porto marítimo de Rio Grande", informa o gerente da Cotrijuí, citando que a diferença se encontra nos patamares

de 08 a 12 dólares/toneladas, mas que já esteve a 17 dólares/ton. "Não há nenhum estímulo atualmente, que faça o importador comprar a soja do Estado, pois estamos sem competitividade no mercado internacional".

A Cotrijuí, a partir desta realidade, tenta se adequar técnica e provisoriamente para operações de "draw-back". A idéia é viabilizá-las economicamente, beneficiando as indústrias moageiras mais próximas ao porto. Para que isto ocorra, espera-se que em agosto/setembro, diminua a oferta de grãos/farelo na Bolsa de Chicago, permitindo uma redução de custos que favoreça a efetivação deste tipo operacional.

No ano passado, o terminal da cooperativa recebeu por volta de 1,5 milhão de toneladas. Este ano, a expectativa de recebimento está em torno de um milhão de toneladas, sendo que pelo "draw-back" espera-se receber uma média de 300 mil toneladas. **ENTRAVES** - As questões citadas recebem um peso maior se somadas aos



Operações alternativas para atender a falta de espaço

problemas enfrentados pelo sistema de transporte alimentador. No setor ferroviário, uma rede falida, sem vagões e fretes altos. No rodoviário de carga, poucos caminhões estão disponíveis e um custo alto do Km/h para o caminhoneiro por uma série de fatores. Entre eles, as estradas precárias que pedem uma manutenção mais frequente dos veículos.

Os analistas de mercado dizem que o aumento dos fretes no setor rodoviário de carga está maior que a inflação. Avaliam especificamente o chamado frete-ida, cuja origem é a região de alta densidade de carga, enquanto

o destino, geralmente caracterizado por volumes escassos de cargas. Assim de escasso, o chamado frete-retorno, nesta época, vale metade do frete-ida.

No ponto de estrangulamento, isto é, no porto exportador, a situação que deveria andar melhor, também deixa a desejar. "Neste ano, diz Bolivar Lima, houve a mudança de Governo de Estado, reformulações de nomes e indefinições, sendo que em fins de maio ainda não estavam definidos os nomes dos diretores efetivos para o DEPRC. Em consequência, os equipamentos continuam sem manutenção e o porto moralmente prejudicado no exterior".

Maior representação na ABTP

A Cotrijuí, que há alguns anos, é uma das 29 filiadas da Associação Brasileira de Terminais Portuários Privativos (ABTP), tem agora cadeira cativeira na diretoria da entidade. Desde o dia 26 de abril, o gerente da unidade de Rio Grande, Bolivar de Souza Lima, é o atual diretor-técnico da ABTP com sede no Rio de Janeiro. Uma de suas funções é projetar a modernização e adequação técnica-operacional dos terminais privativos dentro da nova proposta do Governo Federal. Ou seja, do produto brasileiro ter mais competitividade no mercado internacional, principalmente nos rigorosos parâmetros da Comunidade Econômica Européia (CEE).

Para Bolivar Lima, a primeira necessidade, que é a modernização dos terminais, só pode ser viabilizada desativando a forte intromissão do Governo no setor. "A iniciativa privada se propõe a investir, afirma, mas quer uma maior liberação". Hoje, a ABTP tem assento no Ministério da Infra-Estrutura onde discute os problemas portuários e agiliza, a nível de Congresso, principalmente a liberação dos terminais privativos.

Ná última reunião da entidade ficou claro, conforme o diretor-técnico, que a ABTP não acredita que hoje o Governo tenha um plano para o setor exportador a médio e longo prazo. "Pensamos que na atualidade, existe somente um plano arquitetado na base do dia-a-dia, gerando insegurança e incompetência". No ano passado, a entidade teve uma forte atuação junto à esfera da administração pública. Informou e obteve esclarecimentos sobre os problemas das empresas detentoras de instalações portuárias privativas. Entre eles, as restrições ao uso das instalações, reivindicações de entidades sindicais, utilização de pessoal nos terminais privativos para movimentação de cargas de terceiros e eliminação da cobrança de taxas sobre estes terminais. Além disso, houve um trabalho de sensibilização das autoridades competentes para obter maior facilidade nestes itens.

Correia de expedição

A expedição dos produtos escoados pelo terminal marítimo da Cotrijuí está de cara nova. Desde 1972, quando entrou em funcionamento, que a correia transportadora número 12 é trocada. Não se pode desconsiderar a manutenção preventiva, feita assiduamente a cada entressafra, em uma iniciativa que tem garantido o bom andamento operacional da unidade.

O gerente técnico, Ivo Aquino Rasia, explica que a mudança ocorreu com a correia transportadora número 12 (350 metros), mais conhecida como T-12, que retira soja ou farelo de seis armazéns até as balanças de expedição, de onde saem duas outras correias, levando os produtos ao navio.

Com capacidade para 1.000 toneladas, a T-12 é a correia-chave de

um túnel central, receptor das correias dos armazéns 02, 03, 04, 06, 07 e 08. As outras 1.000 toneladas que completam a capacidade de carregamento dos navios (2.000 toneladas) são abastecidas pelos chamados armazéns-pulmões (01 e 05), os quais não são ligados à T-12, podendo auxiliar no carregamento, complementando a capacidade operacional.

O término da vida útil da T-12 estava prejudicando o próprio equipamento mecânico. Na ocorrência de um atrito maior, havia desprendimento de material da correia, o que paralisava o carregamento por necessidade de revisão na T-12 e nas balanças. Isto significava tempo perdido e, o que é pior, falta de agilidade operacional.

Indefinição no setor portuário



Ruben Ilgenfritz: perspectivas para a Unidade de Rio Grande

Os planos de investimento no Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, no superporto de Rio Grande, estão diretamente ligados a uma melhor definição de regras para as operações de importação e exportação através de terminais privados. Foi o que anunciou à imprensa rio-grandina, o presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva, em sua visita àquela unidade no início de abril, junto com o vice, Euclides Casagrande.

Para isto, estão pendentes contatos a nível estadual, além da votação do projeto de lei que tramita no Congresso Nacional, contemplando entre outros itens, a liberação dos terminais portuários privativos para operação de cargas de terceiros. Na opinião de Ilgenfritz, as atuais regras inviabilizam qualquer investimento. Entre os projetos previstos para o terminal de Rio Grande, está a adequação para a descarga de barcaças e pequenas embarcações, além do recebimento de granéis via importação para viabilizar as indústrias moageiras do Estado.

Apesar de hoje, o terminal ter permissão para operar cargas de terceiros através do sistema "pool" de escoamento, é limitado pelo Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais (DEPRC). "É preciso dar aos ex-

portadores e importadores, opções de escolha para suas operações", disse Ilgenfritz, alegando que se vier a ocorrer, a Cotrijuí terá condições de competir com eficiência. "Com segurança e confiabilidade, os nossos clientes poderão efetuar qualquer tipo de movimentação de granéis em nosso terminal, - comparado em qualidade com os melhores do mundo".

A sede da autarquia que administra os portos e hidrovias do Estado deverá ter definitivamente sua transferência assinada para o município do porto marítimo gaúcho, conforme previsão do próprio governo do Estado. A medida é vista com bons olhos pelo presidente da Cotrijuí.

Ele concorda com as lideranças locais quando dizem que esta transferência deve promover agilização dos serviços do porto de Rio Grande e seu melhor comando. Porém, indica como fundamentais ao novo diretor (atualmente responde interinamente pela autarquia o diretor do Daer), o reconhecimento de causa e competência, destacando ainda que a transferência do DEPRC não resolverá os problemas, se permanecerem as atuais regras de utilização dos terminais.

A pesquisa reforçada

O Posto do Ibama de Alto da União em Ijuí, foi transformado em Estação Florestal de Experimentação

O antigo Posto do Ibama, localizado no distrito de Alto da União, em Ijuí, foi transformado em Estação Florestal de Experimentação. O anúncio da transformação foi feita pelo engenheiro florestal e chefe do Posto, Alexandre Barnewitz, durante o Encontro Tecnológico da Cultura da Erva-Mate e do Reflorestamento. A Estação de Experimentação vai utilizar conhecimentos teóricos e práticos para serem aplicados na região, comemora Alexandre.

Para o Alexandre Barnewitz, de nada adianta pesquisar a erva-mate, em Santa Catarina ou no Paraná por exemplo, se a realidade da região é diferente. "Vamos trabalhar com pesquisa aplicada, que respondam as perguntas básicas dos agricultores", disse colocando como prioridade a realidade da pesquisa estar voltada para a realidade dos agricultores. A transformação do Posto em Estação de Experimentação, no entanto, não deixou de lado o trabalho que já vinha sendo feito na região. "Vamos continuar com a produção de mudas, aumento e a extensão florestal. A diferença é que a pesquisa está sendo acrescentada a este trabalho que já vinha sendo feito", explica Alexandre.

Dentro desta nova etapa, o Pos-

to, hoje transformado em Estação de Experimentação, vai trabalhar prioritariamente com a pesquisa da erva-mate e espécies nativas. Um primeiro projeto, tratando do desempenho de sementes de erva-mate de diferentes procedências nesta região já foi encaminhado para Brasília e aguarda aprovação e recursos para ser colocado em prática. O trabalho de pesquisa será feito na área de 33 hectares do antigo Posto "ou em propriedades particulares, desde que os produtores mostrem interesses", salienta.

O Encontro Tecnológico da Cultura da Erva-Mate e do Reflorestamento aconteceu no Parque de Exposições Assis Brasil de Ijuí, no dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente. Além de Paulo Afonso Floss e de Peri Korb, da Emater de Ijuí, participou do Encontro, como palestrante o engenheiro florestal e professor da Universidade Federal de Santa Maria, Juarez Martins Hope. No Encontro foi feito o lançamento da "Campanha de Reflorestamento em Ijuí" que tem como meta produzir neste ano, um milhão de mudas. O Encontro foi promovido pela Secretaria Municipal do Desenvolvimento Econômico, pela Coordenadoria de Agropecuária, Ibama, Emater, Arfom, Cotrijuí e Smec.

ERVA-MATE

Bom manejo e mudas de qualidade

Há seis anos a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina - Empasc - vem desenvolvendo projetos com a erva-mate, buscando melhorar a qualidade dos ervais e aumentar os rendimentos alcançados. Um destes projetos trata da recuperação de ervais nativos através da poda. "Este é um trabalho comprovado na prática e que já obteve bons resultados em termos de recuperação de ervais que já não tinham mais condições de produzir", informou o engenheiro florestal Paulo Floss, da Empasc durante sua palestra no Encontro Tecnológico da Cultura da Erva-Mate e do Reflorestamento.

Um outro projeto desenvolvido está relacionado com o cultivo de outras culturas como milho, o feijão e soja intercalados com a erva-mate. "É um projeto com grandes perspectivas de utilização, principalmente para as pequenas propriedades", disse o pesquisador. A respeito do espaçamento também vem merecendo a atenção da Empasc, "ainda hoje uma das maiores dúvidas dos produtores". Mas é o projeto que vem analisando as diferentes épocas de poda, o que tem merecido uma atenção especial da pesquisa. Ele avalia o comportamento dos ervais em relação aos efeitos das podas de verão e safrinha. "Em Santa Catarina muitos produtores já vêm fazendo podas anuais há cinco anos com excelentes resultados", disse Paulo Floss citando um outro Projeto: o de avaliação de sementes.

MANEJO - Uma boa produtividade vai depender de um bom manejo dos ervais, deixou o pesquisador lamentando que hoje o produtor esteja mais preocupado com a quantidade do que com a qualidade. Também somam importância os cuidados com a qualidade das mudas e com o solo. Mas o que é um bom manejo? quiseram saber os produtores. Um bom manejo é uma poda bem feita e uma área ao redor dos pés de erva-mate bem limpa, "sem ervas daninhas".

A primeira poda é a de formação, "que pode ser feita de 10 a 15 centímetros de altura. Até há pouco tempo se fazia a poda de formação a um metro de altura, mas agora essa poda foi baixada para o chão", explicou dizendo que, desta forma é possível fazer com que a copa se forme desde o chão. Essa poda também, inclusive uma redução no período de maturação do erval, caindo para quatro, no máximo cinco anos, produzindo de cinco a seis toneladas de erva-mate por hectare/ano, alertou o pesquisador, insistindo no uso da tecnologia

recomendada pela pesquisa para se aumentar a produtividade.

A situação energética de Ijuí

Um balanço energético do município de Ijuí. O trabalho foi feito pela Emater, Ibama e Secretaria Municipal de Energia e apresentado, na abertura do Encontro, pelo engenheiro agrônomo da Emater de Ijuí, Peri Osmar Korb. De acordo com os dados apresentados, a energia elétrica responde por 11,4 por cento da energia consumida pelo município. Os derivados do petróleo, com 55,13 por cento e a lenha com 28,68 por cento. "Índice bastante próximo da realidade do balanço energético do Estado", destacou Peri Korb.

Baseado nestes dados, Ibama, Emater e Secretaria Municipal de Energia partiram para uma constatação da situação da área florestada e reflorestada de Ijuí. Em termos de faixa de domínio de rodovias asfaltadas, Ijuí conta com uma área disponível de 126 hectares aproximadamente, "isso considerando apenas uma das margens da rodovia e uma largura de 10 metros". Em margens de rios, o município dispõe de uma área de 1.050 hectares, também considerando apenas uma das margens. Em se falando de solos, de classe 6 a 8 - de topografia acidentada - foi constatada uma área disponível para floresta de 3.500 hectares. A área disponível em solos classe 1 a 5 - os solos nobres -, o município dispõe de 1.800 hectares. "Neste caso foi

horta & pomar

Os meses de junho e julho são perfeitamente adequados para que o produtor efetue algumas atividades imprescindíveis na sua propriedade. As principais dizem respeito a uma boa condução e manejo do pomar, hortas e pequenas culturas são as seguintes:

* * Semeadura de leguminosas como a ervilhaca entre as linhas de plantas de um pomar;

* * Semeadura de leguminosas como a ervilhaca entre as linhas de plantas de uma pomar;

* * Poda das frutíferas e eliminação de galhos secos e doentes do pomar;

* Tratamento do pomar com calda sulfocálcica para o combate de ácaros, insetos e alguns fungos;



Uma demonstração de como se faz a poda do pessegueiro ... num dia de campo no CTC

* * Conclusão do plantio dos alhos tardios;

* * Transplante da cebola

HORTALIÇAS RECOMENDADAS PARA SEMEADURA NESTE PERÍODO

ESPÉCIE	CULTIVAR	ESPÉCIE	CULTIVAR
** Alface	Maravilha de Inverno Regina Crespas Kagraner Outras	*** Rúcula	Cultivada
** Almeirão	Pão-de-açúcar Folha larga	* Repolho	Híbridos Coração de Boi Brunswick Chato de Quintal Torta de Flor Roxa Telefone Alta
** Beterraba	Early Wonder Chata do Egito	*** Ervilha	Chicória Escarola
*** Cenouras	Nantes Chantenay	*** Rabanete	Comet Crimson Gigante Comprido Vermelho e Branco
* Couve Flor	Teresópolis Bola de Neve		

* Transplante necessário

** Admite transplante e sementeira direta

*** Não devem ser transplantadas

IMPORTANTE: Na implantação de uma horta, utilizar até 20 toneladas por hectare de esterco curtido

ou composto. O produtor também não pode esquecer de corrigir a acidez com calcário.

considerado um hectare por propriedade rural, o mínimo necessário para a manutenção da família.

O município conta com uma área florestada de 6.500 hectares. Dois mil hectares são de solo com topografia acidentada; 3.450 hectares de solo classe 1 a 5 - basicamente de florestadas nativas. A área a reflorestar do município é de 13 mil hectares.

O consumo de madeira e lenha do município chega a 41.600 metros estéreos/ano, "apenas para movelaria e construção civil". O consumo industrial de lenha chega a 95 mil metros estéreos/ano; o residencial urbano a 38.400 metros estéreos/ano e o consumo residencial rural a 50.670 metros estéreos/ano, "o que nos dá um total de 225 mil metros estéreos/ano de lenha consumida de município de Ijuí,

observou o engenheiro agrônomo da Emater.

Usando os dados de consumo de madeira e lenha do município por ano, o Peri traçou uma projeção de consumo para os próximos 10 anos e chegou a conclusão que, para movelaria e construção civil - considerando um crescimento de 20 por cento no período - se chegará a perto de 55 mil metros estéreos/ano. A projeção para o consumo industrial chega a 70-80 mil metros de lenha/ano. O residencial urbano deve ficar em torno de 48 mil metros estéreos/ano e residencial rural, mais ou menos no mesmo nível, "já que não está havendo crescimento populacional no meio rural". Pela projeção, até o ano 2.000, o consumo de madeira e lenha do município de Ijuí deverá andar ao redor dos 340 mil metros estéreos/ano.

MUNICÍPIO DE IJUÍ - ÍNDICES COMPARATIVOS EM RELAÇÃO À ÁREA TOTAL DO MUNICÍPIO (106.156 HA)

Finalidade	Área florestada existente (ha)	%	Área reflorestável (ha)	%	Área necessária p/suprir demanda (ha)	%
Madeira (Nativas)	4.000	3,76	5.050	4,75	13.900	13,09
Lenha	2.500	2,36	7.926	7,46	9.622	9,06
TOTAIS	6.500	6,12	12.976	12,21	23.522	22,15

FONTE: EMATER/RS - IJUÍ - ENGº AGRº PERI OSMAR KORB

Produzir com qualidade



A presença de muitos produtores na reunião. E muitas recomendações no cultivo do trigo e da aveia.

"Para produto de qualidade sempre vai existir negócio", alertou o diretor vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande durante reunião com produtores de trigo e de aveia da região. "Trigo com aveia branca, aveia preta ou ervilhaca misturado, vai para a fábrica de ração", avisou Casagrande insistindo na questão de qualidade. "Precisamos acompanhar um pouco a modernização e produzir um trigo bom, se não quisermos ficar para trás".

Recado semelhante foi dado pelo Heinz Jurgen Dreyer, gerente da Área de Operações da Cooperativa e pelo engenheiro agrônomo responsável pelo CTC, Luiz Volney de Mattos Viau. "Estamos perdendo competitividade", alertou o Heinz numa alusão ao fato dos grandes moageiros só trabalharem com trigo que apresente pH superior a 78.

O Volney Viau reforçou as recomendações ditadas pelo vice-presidente da Cotrijuí e pelo gerente de Operações. "As lavouras de trigo terão que seguir um padrão mais rigoroso quanto as impurezas ou misturas de

outros grãos", disse o agrônomo aconselhando o produtor a dar mais atenção à cultivar a ser plantada. "A nova realidade de mercado vai levar o produtor a escolher uma cultivar muito mais pela qualidade tecnológica do que pela sua produtividade". Recomendação semelhante foi dada para o caso da lavoura de aveia. "A indústria que trabalha com aveia é ainda mais exigente em padrão de qualidade que os moageiros", alertou avisando que o produto que não estiver dentro do padrão exigido pela indústria será rejeitado.

A reunião realizada na Afucotri de Ijuí com a presença de um grande número de produtores da região, contou ainda com a participação de representantes da Sandoz e da Hoescht. Norberto Abreu, da Sandoz falou sobre as vantagens do produtor controlar os invasores de folha larga usando Banvel 480. Rafael Neves Camargo, da Hoescht, apresentou o Iloxan, um produto que controla as invasoras de folha estreita.



A reunião de fundação da Apsat de Jóia ... e a eleição da nova diretoria

A primeira Apsat de Jóia

Os exemplos de Augusto Pestana, atualmente com oito Apsats formadas, de Ijuí, Ajuricaba, Tenente Portela, São Martinho, entre tantos outros municípios da região, também estão chegando a Jóia. No dia 22 de março, reunidos em assembléia geral ordinária, 26 agricultores das localidades de Cará, Esquina Santo Antônio, Esquina 21 de Abril, Coronel Lima, São Pedro e São João da Bela Vista, fundaram a primeira Associação do município, a Apsat Jóia.

Além dos estatutos, discutidos e aprovados em assembléia, os produtores aproveitaram para eleger a primeira diretoria da Apsat, constituída por Valdir Sarturi, para presidente e Jorge Conceição, para vice-presidente. Como primeiro secretário foi eleito

José Tamiozzo e Marcelino Bazzan e Antônio Carlos Conceição para primeiro e segundo tesoureiro respectivamente. O Conselho Fiscal ficou formado por José Ataídes Conceição, Vasco Pillar e Hermes Coró. Para suplentes foram empossados Cláudio Pascoal e José Carneiro.

A primeira meta da diretoria da Apsat Jóia é tentar captar recursos para colocar o projeto em funcionamento. "A nossa idéia é financiar todo o projeto, disse Valdir Sarturi lembrando da descapitalização do agricultor. Se depender de recursos do agricultor, não tem como tocar a Apsat", insistiu esperando, também, o apoio da Prefeitura municipal "que poderá ceder a área para a construção do matizário".

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do Eng. Agr. M. SC Volney Viau — Pesquisador do CTC

TRIGO DE QUALIDADE

As alterações na política de compra do trigo vêm determinando a observação de certos parâmetros de qualidade tecnológica que deverão ser considerados pelas indústrias moageiras. Frente a esta nova realidade, as lavouras de trigo deverão seguir um padrão mais rigoroso quanto às impurezas ou misturas de outros grãos. Alguns indicadores revelam que o trigo deverá apresentar um alto padrão de qualidade para ter sua comercialização facilitada. As lavouras destinadas a produto comercial deverão ficar isentas de outras plantas - aveia branca, preta, ervilhaca, etc. O rendimento da farinha e a capacidade de purificação são importantes indicadores de qualidade tecnológica do trigo. Provavelmente o produtor terá de escolher a cultivar a ser plantada muito mais pela sua qualidade tecnológica do que pela sua produtividade.

O QUADRO ABAIXO REVELA A QUALIDADE DAS VARIEDADES DE TRIGO RECOMENDADAS

CULTIVAR	QUALIDADE TECNOLÓGICA	
	Rendimento da farinha	Panificação
BR 14	Inferior	Superior
BR 15	Inferior	Superior
BR 23	Inferior	Inferior
BR 32	Médio	Médio
BR 34	Superior	Inferior
BR 35	Inferior	Médio
BR 37	Superior	Inferior
BR 38	Inferior	Superior
BR 43	Inferior	Inferior
CEP 17	Superior	Inferior
CEP 19	Superior	Superior
CEP 21	Superior	Superior
RS-1	Superior	Inferior
RS-8	Médio	Superior
BR-4	Médio	Médio
Butuí	Superior	Médio
CEP 11	Superior	Superior
CEP 14	Superior	Superior
Peladinho	Inferior	Inferior

AVEIA DE QUALIDADE

A indústria que processa o grão de aveia exige padrão de qualidade mais rígido que o moageiro do grão de trigo. Se por um lado não pode ter aveia misturada no trigo comercial, também não pode existir trigo ou outros grãos misturados à aveia destinada a indústria.

O padrão de qualidade para a aveia é o seguinte:

Aveia branca	90% (mínimo)
Aveia fina	2% (máximo)
Aveia preta	2% (máximo)
Aveia descascada	5% (máximo)
Impurezas	2% (máximo)
Grãos manchados	15% (máximo)
Cereais	48% (máximo)
Sementes silvestres	10% (máximo)
Outros grãos	8% (máximo)
Peso hectolitro	52% (mínimo)

Os resultados das análises do produto comercializado em anos anteriores têm revelado índices de sementes silvestres, mostrando que o produtor deverá ter mais cuidado com as invasoras que ocorrem na lavoura de aveia. O produto comercial que não estiver dentro deste padrão será rejeitado pela indústria.

AVEIA PARA SUÍNOS

Com o objetivo de verificar os efeitos da inclusão da aveia desaristada sobre o desempenho e as características de carcaça, assim como a viabilidade econômica para alimentação de suínos, foi conduzido no CTC um experimento, juntamente com o Centro Nacional de Suínos e Aves. De acordo com os resultados obtidos, é possível, técnica e economicamente a inclusão de aveia desaristada em até 36 por cento em rações para suínos em crescimento e terminação. Nas rações testadas, a inclusão deste cereal propiciou uma redução média de 11 por cento do milho e 1 por cento no farelo de soja nas rações para crescimento e terminação. Dessa forma, será viável economicamente a utilização da aveia desaristada quando se verificarem as seguintes desigualdades: (11 x preço do milho) + (1 x preço do farelo de soja) for maior que 12 x o preço da aveia desaristada.

TRITICALE NA ALIMENTAÇÃO ANIMAL

Um comunicado técnico do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves revela a possibilidade da utilização do triticale que não apresenta inibidores de crescimento na alimentação de suínos. O referido trabalho inclui que o triticale pode substituir até 100 por cento do milho nas dietas dos suínos, possibilitando pequena redução no uso do farelo de soja. A Cotrijuí está aumentando seu programa de produção de triticale com o objetivo de colocar à disposição do suinocultor mais uma alternativa para a alimentação animal.

INFORME TÉCNICO



Agostinho Boaro

A poda é uma prática indispensável para algumas espécies de frutíferas como a figueira e o pessegueiro. Num pomar intermediário, estão a pereira, a maçã e o caqui. Outras espécies são a laranjeira, o limoeiro, a bergamota, a goiabeira e o abacateiro, a poda resume a uma simples retirada dos ramos secos ou doentes, buscando o crescimento da planta.

As podas tanto podem ser de formação como de frutificação. A poda de formação tem por objetivo proporcionar altura ao tronco da planta e a distribuição adequada dos principais ramos da copa, resumindo importância no melhor aproveitamento da luz solar. Já a poda de frutificação serve para regular a produção evitando excessos de brotação ou excessos de frutificação, contribuindo para a vida útil da planta. Também proporciona melhor qualidade à fruta pelo equilíbrio da produção e pela eliminação de ramos sombreados e doentes.

As podas devem ser processadas no outono ou de inverno, aproveitando o período de "repouso" das plantas. Nesta fase a seiva da planta é deslocada dos ramos para os ramos mais grossos. Assim, a planta sofre menos stress pelo corte e a poda nesta época de inverno.

FRUTÍFERAS DOS CITROS - É importante que a poda venha do viveiro com boa formação da copa. Para tanto, precisa ter de quatro ramos que devem partir de pontos diferentes do tronco, distribuídos em ângulos contrários.

Após o plantio, durante o primeiro ano normal o surgimento de brotações nos ramos das mudas. Estes brotos, no entanto, devem ser eliminados, pois, por serem próximos do solo, absorvendo a umidade da planta, prejudicam a produção.

As plantas cítricas estabelecidas aconselha a prática de podas regulares apenas a de eliminação de ramos doentes ou mortos.

DA FIGUEIRA - A figueira produz frutos nos ramos novos, ou seja, as frutíferas se localizam nas axilas das folhas dos ramos que estão crescendo. Por esta razão, os ramos já produziram devem ser podados, deixando apenas duas gemas para brotar, o que proporcionará o crescimento vigoroso dos brotos no ano seguinte.

A partir do plantio da muda, o ideal é manter a haste da mesma a 40 centímetros de altura. Desta vara surgirão muitos brotos, dos quais aconselha-se a deixar apenas os quatro ramos que estejam bem distribuídos. No segundo ano após o plantio, no inverno, podar os ramos do primeiro ano, deixando tocos de 30 centímetros de comprimento. Em seguida, destes tocos deixa-se dois ramos para a planta já estará com seis a oito ramos frutíferos. Nos anos seguintes o mesmo a ser tomado deverá ser o mesmo, resultando cada vez em maior número de ramos novos.

A prática da poda na figueira também visa a evitar o desenvolvimento de doenças como a broca e de doenças.

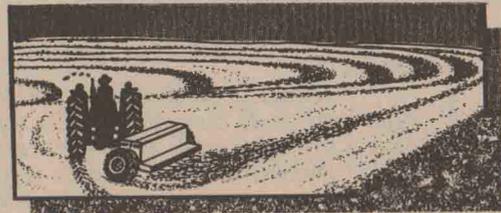
DA VIDEIRA - A videira apresenta característica de só frutificar em ramos

do ano e a quantidade e o vigor destes ramos é sempre proporcional às gemas do ano anterior deixados por ocasião da poda. Então, neste caso, a poda tem o papel de evitar o surgimento de um número excessivo de ramos, o que provocaria desequilíbrio na planta e consequentemente prejuízos nos anos seguintes, além de comprometer a vida útil da planta.

Todos os ramos do ano anterior devem ser cortados. Alguns podem ser eliminados cortando-se na base e outros podem ser aparados, ficando apenas de três a quatro gemas. Também podem ser deixados alguns ramos maiores com 10 a 12 gemas. Esse procedimento vai possibilitar o surgimento de ramos vigorosos para a frutificação do ano em curso e ainda dar origem às brotações do ano seguinte. Este tipo de poda é adequada para as videiras americanas como a Concord - francesa - Isabel, Niágara, Bordô. Para as videiras européias se faz necessária uma poda mais longa.

A prática da poda requer o conhecimento teórico e prático. Só assim é possível se obter bons resultados. Por esta razão, cada produtor deve fazer sua observação na condução específica do seu pomar, considerando o solo, o vigor das plantas e as respostas obtidas em podas anteriores.

* O Engenheiro Agrônomo João Agostinho Boaro é supervisor de Hortigranjeiro da Cotrijuí



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí, com a colaboração do engenheiro agrônomo Fernando Rodrigues, coordenador da unidade da Cotrijuí, Ijuí e do engenheiro florestal Alexandre Barnewitz

Reflorestar, necessidade urgente para o Estado

O reflorestamento como uma prática conservacionista e também econômica já vem há um bom tempo sendo divulgada e recomendada aos produtores, por todos os órgãos que trabalham diretamente com a agricultura. Pode-se dizer até que ele vem sendo propalado desde o momento em que, esses mesmos órgãos começaram a se servir de pesquisas que alertavam sobre o crescente índice de desmatamento. Além disso, essas mesmas pesquisas, cada vez mais alarmantes servem para nortear os programas de reflorestamento, de forma a minimizar os problemas causados pela devastação das matas.

De maneira mais específica pode-se apontar nos dias de hoje, alguns aspectos fortemente dependentes da floresta, que cada vez mais assumem maior valor e influência na vida humana. São eles o consumo crescente de água e a perda gradativa da fertilidade do solo, por um lado, e a diminuição gradual e constante da qualidade de água, aliada à crescente deterioração.

Diante desses fatos cabe inquirir que o solo da floresta é o que está em melhor condição de solucionar este problema absorvendo e armazenando a maior quantidade de água possível que irá cedendo, aos poucos, às fontes, aos cursos d'água e os lençóis

subterrâneos que abastecem os nossos poços.

Afora esse valor ecológico demonstrado acima, deve-se salientar também o grande valor econômico proporcionado pelo reflorestamento. O estado do Rio Grande do Sul, segundo o último Inventário Florestal consome 12.600.000 metros de lenha ao ano como fonte energética e 3.585 metros de madeira ao ano para a indústria, representando um total de 87.486 hectares. No entanto, para fazer frente a esse elevado consumo, são plantados somente 50.000 hectares de florestas por ano, o que representa um déficit de 37.486 hectares por ano.

Precisamos de uma política que reveja a forma como se desequilibrou e se arruinou o patrimônio florístico e pedológico em nosso Estado, para que possa ressurgir pelo menos na medida das nossas necessidades econômicas e ecológicas. Em Ijuí, como resposta a esta necessidade criou-se a Associação de Reposição Florestal Obrigatória Municipal de Ijuí, a Arfom.

Como sociedade que tem por finalidade a promoção e a reposição florestal obrigatória, através do plantio em propriedades rurais, a Arfom congrega os agricultores e consumidores de matéria-prima florestal, e tem por objetivo integrar as entidades representativas dos diversos segmentos, com-

por programas específicos através de termos de adesão do consumidor e de cadastramento do proprietário rural, a fim de reflorestar o estado do Rio Grande do Sul com a maior urgência possível.

Como já disse, os dois sócios da Arfom são o produtor e o consumidor. O sócio produtor é todo o proprietário rural com área disponível para efetuar o reflorestamento. Ele vai receber as mudas gratuitamente, porém, no momento da exploração deste povoamento terá que vender a lenha ao sócio consumidor. O produtor recebe ainda todo o acompanhamento técnico.

Já o sócio consumidor é toda a empresa proprietária de indústria que consome matéria-prima lenhosa ou carvão vegetal - as serrarias, olarias, padarias, secadores de grão, fumicultores, cooperativas, etc. -, que segundo a legislação do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente) são obrigados a repor 4 mudas por m³ (metro cúbico) de lenha consumida.

Através da instalação da Arfom, prevê-se para este ano, um plantio de mais de 100 mil mudas em Ijuí. Os interessados em entrar em contato com a Arfom devem se dirigir a sede da Associação Comercial de Ijuí, na Rua Albino Brendler, 864, Ijuí ou pelo fone 332-1950 - Fax 332-1864 - Telex 551-231.

Falta controle confiável

Sanidade animal. Este foi o tema do 1º Encontro Regional de Atualização em Sanidade Animal, realizado na Universidade Federal de Santa Maria no período de 6 a 10 de maio. Representando a Cotrijuí, estiveram presentes ao Encontro os médicos veterinários Orlando Bohrer, supervisor da área de Leite, Daniel Heuser, da unidade de Tenente Portela e Gilberto Kosloski, da unidade de Jóia. "O Encontro serviu para que fosse feita uma avaliação da situação das principais doenças que ainda hoje atacam o rebanho gaúcho, assinalou Orlando Bohrer. Ao final do Encontro os profissionais da área fizeram um levantamento das principais doenças e problemas que ainda hoje atingem, "com sérios prejuízos", o rebanho de bovinos e suínos do Estado, e apontaram algumas tendências.

* As principais doenças

Hidatidose e Cisticercose - A tendência é de redução pela melhor especialização dos rebanhos bovinos e suínos do Estado.

Brucelose e Tuberculose - Estas duas doenças vêm se mantendo em níveis situados entre 2 e 3 por cento, dependendo da região. A manutenção é resultado dos precários, mas importantes testes laboratoriais realizados pelos produtores e também pela eliminação dos animais afetados.

Coccidiose e Leptospirose - A incidência destas duas doenças vêm aumentando, principalmente devido a maior concentração de animais e a falta de higiene nas propriedades. Animais jovens - terneiros e leitões - são os mais atingidos.

Leucose Bovina - A incidência de leucose bovina vem aumentando a cada ano. Mas é uma doença que vem sendo estudada a fundo pelos pesquisadores, na tentativa de avaliar melhor os danos causados a nível de rebanho. Já está comprovado que a doença difundiu-se no Brasil através da entrada de animais importados dos Estados Unidos, Uruguai e Argentina. É uma doença que, pelo menos no Brasil, ainda não tem controle através de vacinas. Ela pode ser detectada nos animais via testes laboratoriais. Aqueles que apresentarem testes positivos devem ser eliminados.

Parasitoses - Verminoses e Carrapatos - Problemas que vêm se mantendo dentro dos parâmetros normais, com leve queda de incidência devido ao controle feito pelas lavouras de pastagens cultivadas, carrapaticidas e vermífugos mais eficientes e uso de rotação de área de pastejo. Está comprovado que ocorre uma melhora sensível no combate às verminoses quan-

do se faz alternância periódica - ano a ano - dos vermífugos.

Tristeza parasitária - A incidência da tristeza parasitária vem aumentando devido a maior perda de imunidade dos animais - pelo menor contato com o carrapato ou alta infestação. A que mais danos tem causado ao rebanho é a tristeza parasitária causada pela Babesia Bovis - mais violenta e com morte mais rápida. O Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor e a Universidade Federal de Pelotas estão com trabalhos bem adiantados no sentido de obter uma vacina contra a Tristeza Parasitária.

Toxoplasmose - (zoonose, doenças de animais e do homem). A incidência vem aumentando no homem em função do consumo de carnes contaminadas e contatos com animais, principalmente com os gatos - fezes.

* Plantas tóxicas

O número de plantas confirmadamente tóxicas vem aumentando acen-tuadamente, até porque hoje existem estudos avaliando melhor a toxidez das plantas. Um exemplo, confirmado por trabalhos científicos, é o caso do **Timbó** - árvore -, causadora de timpanismo e aborto. Também são plantas tóxicas a Samambaia e a Maria Mole, com altos índices de toxidez nos rebanhos da região.

Fungos Tóxicos - Os médicos veterinários deram destaque para os fungos **Gênero Fusarium**, causador da intoxicação por Alfatoxina em milho e amendoim e ainda o **Gênero Aspergillus**, responsável pela produção da toxina presente nos grãos de aveia e trigo.

Bactérias Tóxicas - Na área alimentar apontaram os clostridioses, causadores de intoxicações principalmente em animais jovens. Ele é responsável pela apresentação de um desequilíbrio alimentar brusco seguido de queda de resistência - mudança ou falta de alimentação em períodos extremamente curtos.

* Controle Sanitário

A conclusão dos palestrantes e presentes ao Encontro é que, diante de um quadro ainda não muito animador é a de que no Brasil ainda não existe, por parte dos governos, nenhum controle sanitário confiável. "Esta situação abrange os medicamentos e vacinas de um modo em geral", observou Orlando Bohrer, fazendo uma ressalva para o caso da vacina contra a Aftosa. Produtos para consumo animal e humano também se destacam pela mesma situação. Um exemplo é o caso da contaminação por Aflatoxina, que ocorre no amendoim e no milho e que não tem controle algum.

COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer
Colaboração: Engenheiro agrônomo Jair Mello

A PRODUÇÃO DE LEITE NA COTRIJUI

A produção de leite da região, área de atuação da Cotrijuí, continua em franca evolução, mesmo sofrendo ainda hoje os efeitos da estiagem que exterminou as pastagens de verão e atrasou a formação de novas áreas com aveia, azevém, trevos, entre outros. A evolução mostra que a tecnologia difundida pelos técnicos e adotada pelos produtores, somadas às condições climáticas, pode resultar em maior produção e, principalmente, em maior produtividade e lucratividade. Desta forma, produtor entender essa relação.

MÊS/ANO	1990	1991	%	COND. CLIMÁTICA
Janeiro	3.592.505	3.654.841	(+) 1,73	Seca
Fevereiro	3.099.961	3.033.027	(-) 2,13	Seca
Março	2.853.194	2.874.787	(+) 0,74	Seca
Abril	2.183.311	2.664.538	(+) 22,03	Chuvvas normais

REUNIÃO COM A CCGL

Em reunião técnica realizada entre a Cooperativa Central Gaúcha de Leite e suas filiadas, no dia 06 de maio, em Santa Maria, foram debatidos os seguintes assuntos.

- * O Código do Consumidor e o setor de leite;
- * Novo tipo de resfriador com água gelada, já revestido - pronto para ser usado;
- * Remessa para análise de pastagem e silagem, para a formação de dados regionais e confiáveis. Os resultados destas análises serão utilizados para a formulação de uma dieta alimentar ideal para as vacas leiteiras;
- * Análise do programa de recolhimento de leite a granel. Hoje já se tem cooperativas com 100 por cento do seu recolhimento feito a granel. Foi decidido que em breve acontecerão treinamentos para freiteiros de caminhões de recolhimento de leite a granel.
- * A diretoria técnica da CCGL confirmou, na ocasião, que a retomada dos financiamentos para a aquisição de máquinas e caminhões de leite a granel acontecerá a partir de meados de junho.

PROGRAMAS DO SETOR

Os programas de financiamentos pelo troca-troca produto por leite, ora em andamento na cooperativa são os seguintes:

- * Resfriadores USPEL, 300 litros - Prazo para pagamento em parcelas iguais.
 - Tipo normal = valores correspondentes a 3.280 litros;
 - Tipo revestido = valor correspondente a 4.022 litros;
 - + Guincho para tarros = valor igual a 280 litros de leite.
- * Ordenhadeira satélite - Prazo para pagamento: 12 parcelas iguais.
 - Tipo A: Um conjunto de ordenha = valor igual a 11.196 litros de leite;
 - Tipo B: Um conjunto de ordenha = valor igual a 14.772 litros de leite;
 - + motor = valor igual a 768 litros de leite.
- * Insumos para criação de Terneiras - Terneleite, ração, desinfestante, vermífugos e vacinas. Até os seis meses de idade. Valor total do programa corresponde a 678 litros de leite. O pagamento pode ser feito em 12 parcelas, ano e meio, da seguinte maneira:
 - Três parcelas de 226 litros por semestre;
 - Seis parcelas de 113 litros por trimestre;
 - Os associados interessados poderão procurar suas unidades para conhecer o financiamento.
- * Os demais programas de financiamento como para caminhões a granel, ensiladeiras, conjuntos de fenação, novilhos e demais equipamentos terão continuidade a partir de junho/julho/91.

PREÇOS DO LEITE

Os preços do leite praticados durante o mês de maio foram os seguintes:

LEITE (tipo)	VALOR (Cr\$ por litro)	PERÍODO
Consumo	51,00	1º a 21 de maio
Indústria	46,00	1º a 21 de maio
Consumo	60,00	22 a 31 de maio
Indústria	46,00	22 a 31 de maio



COTRIEXPORT
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS -
RESIDENCIAIS E OUTROS
Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342
- 5º andar - Fone 33-50-32

Novidades

Tafona em São Martinho

Deixando a monocultura para trás e procurando investir de forma mais eficiente na diversificação, a família Schneider, no município de São Martinho, partiu para um novo investimento: uma tafona de farinha de mandioca com capacidade de moagem de aproximadamente 3 toneladas por dia. Em funcionamento desde o mês de abril, a tafona, como afirma o associado Paulo Luiz Schneider, tem o objetivo de servir não somente à produção própria da família, hoje com 15 hectares e com a pretensão de atingir os 50 hectares de mandioca -, mas de todos os produtores interessados em obter uma renda extra, através de um excedente que não é aproveitado pelo mercado in natura. O projeto de tafona partiu justamente de um excedente próprio, salienta o produtor, apontando o grande potencial da cultura. Com pouco adubo, pode-se obter até 30 toneladas de mandioca por hectare ao ano. Instalada na localidade de Lajeado Taborá, a tafona deve produzir 30 mil quilos de farinha ao ano.



Balança d'água

O Multiplicador Hidráulico Roepke conquistou, em Esteio, na Expointer 90, o Prêmio Gerdau Melhor da Terra. A balança d'água é um equipamento instalado em circunstâncias semelhantes ao do carneiro hidráulico, oferecendo, no entanto, uma série de vantagens como:

- * Desnível mínimo da fonte a bomba de oito metros, podendo se estender até 300 metros;
- * Produção média diária de 18 mil litros;
- * Adaptação a fontes de baixa vazão;
- * Pode-se utilizar duas fontes independentes;
- * Altura máxima de recalque de 150 metros;
- * Possui sistema revolucionário de controle - liga e desliga por torneiro ou torneira boia da própria residência;
- * É construída com materiais especiais - resistente a oxidação causada pela água.

* Dispensa o uso de energia elétrica ou de combustível;

Os testes com o Multiplicador Hidráulico Roepke foram realizados pelo Centro de Experimentação de Máquinas Agrícolas da Universidade Federal de Pelotas. Maiores informações sobre a balança d'água podem ser obtidas junto a Metalúrgica Roepke Ltda, Av. Júlio de Castilhos, 74, em Restinga Seca ou pelo telefone (055) 261-1213 ou ainda na Universidade Federal de Pelotas, Cx. Postal 354 ou telefone (0532) 21-2033, ramal 126.

Reuniões... Cursos... Dias de Campo... Reuniões...

ENGENHARIA AGRÍCOLA

De 21 a 26 de junho acontece em Londrina, norte do Paraná, o 20º Congresso Brasileiro de Engenharia Agrícola. A promoção é do Instituto Agrônomo de Pesquisas do Paraná e da Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola. O tema do encontro será "A Engenharia Agrícola na Definição do Plano Estratégico da Agropecuária Brasileira." Maiores informações sobre o Congresso poderão ser obtidas através do telefone (0432) 26-1525.



Feiras & Exposições

Sucesso em Ijuí

Os 400 animais expostos na XVII Feira de Terneiros, na VIII Feira de Terneiras e na VII Feira da Vaquilhona de Verão, foram comercializados no primeiro dia de vendas. As três Feiras conjuntas, realizadas em Ijuí nos dias 16 e 17 de maio, no Parque de Exposições Assis Brasil, foram promovidas pelo Sindicato Rural Patronal de Ijuí e pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado.

O mau tempo atrapalhou um pouco a Feira, frustrando em parte as expectativas dos promotores em relação ao número de animais expostos.

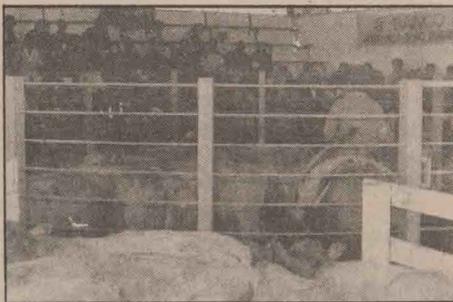
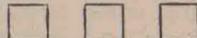
Mas de qualquer forma, o sucesso das Feiras ficou garantido pela qualidade dos animais expostos, pela procura por parte de compradores da região e pelo volume dos negócios realizados.

A média de vendas ficou em torno de Cr\$ 35 mil por animal, totalizando Cr\$ 14 milhões de vendas. A comercialização esteve a cargo da Camará Remates, de Cruz Alta, que levou pouco mais de quatro horas para vender os 400 animais.

Ainda na quinta-feira, os promotores entregaram os prêmios concedidos aos melhores lotes expostos. O expositor Constantino Goi, de Cruz

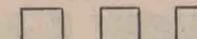
LEITE/EMBRAPA

Difundir tecnologia entre os produtores de leite brasileiros. Esta é mais uma proposta da Embrapa, tendo por meta uma produção nacional de 30 bilhões de litros no ano 2.000. O programa é a longo prazo, se estendendo pelos próximos 10 anos. Nos cinco primeiros, a meta é reduzir o intervalo entre os partos para 12 meses, aumentando a produção leiteira em 50 por cento. Nos outros cinco anos, o esforço ficará concentrado no melhoramento genético, aumentando em mais 50 por cento a produção de leite do país.



Os 400 animais expostos nas três Feiras... foram comercializados no primeiro dia

Alta, recebeu o primeiro prêmio pelo lote de terneiros e Luiz Alberto Stumm, de Ijuí, a segunda premiação. O lote de terneiras classificado em primeiro lugar pertencia ao expositor Rivadávia de Freitas, de Jóia e o segundo prêmio, na mesma classificação, coube ao lote de Paulo Fernandez dos Santos Sobrinho, de Cruz Alta. O lote de Vaquilhona classificado em primeiro lugar, pertencia a Rivadávia de Freitas e o lote classificado em segundo lugar a Herbert Krombauer, de Augusto Pestana. Os troféus entregues foram patrocinados pela Cotrijuí e Banrisul.



EXPOINTER

Já se encontram abertas as inscrições para a Expointer 91, a realizar-se em fins de agosto e início de setembro, em Esteio. As inscrições se estendem até 14 de junho. A taxa de inscrição para os bovinos e bubalinos é de Cr\$ 5 mil; para eqüinos, de Cr\$ 10 mil, para chinchilas e suínos Cr\$ 3 mil; aves, coelhos e pequenos animais, Cr\$ 1 mil e ovinos Cr\$ 10 mil por cabeça.

TOURO CHAROLÊS

Vende-se ou troca-se um touro charolês por gado de engorde. Idade, 10 meses. Peso, 450 quilos. Tratar com Sirineu Pavani, no Barreiro, interior de Ijuí.

TERRA

Vendem-se 16,4 hectares de terra para agricultura, 100 por cento mecanizável, localizada a 2 quilômetros de Ijuí. Aceita-se caminhão, automóvel, soja e terrenos no negócio. Estudam-se outras condições de pagamento. Tratar com Valdemar pelo telefone (055) 332-2174.

COLHEITADEIRA

Vendo uma colheitadeira, marca SLC 1000, ano 79, com motor 1.113, 800 horas. Valor de Cr\$ 2.000.000,00. Vendo também somente o motor. Preço 50 por cento inferior ao de um motor novo. Aribildes Toso, Linha 21 - Espinilho, interior de Ajuricaba.

TRIGO

Dourados, no Mato Grosso do Sul, sediará, de 22 a 26 de julho, a 16ª Reunião Nacional de Pesquisa do Trigo. A organização é da Embrapa e da UEPAE de Dourados. Os interessados em participar do encontro poderão obter maiores informações pelo telefone (067) 421-0411; pelo fax (067) 421-0811 ou ainda pelo telex 67.4026.

AGROINDUSTRIALIZAÇÃO

A descentralização agroindustrial, as relações econômico-jurídicas entre produtores e complexos agroindustriais, a abertura do mercado no cone sul e o impacto dos dejetos industriais no meio ambiente são alguns dos assuntos que serão debatidos no I Fórum Regional sobre Pequena Produção e Desenvolvimento Agroindustrial nos próximos dias 25 e 26 de julho, em Chapecó, Santa Catarina. O evento é promovido pela Associação dos Engenheiros Agrônomos de Santa Catarina e conta com o apoio das Associações do Paraná e Rio Grande do Sul e também da Faeab (Federação Nacional das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil). Maiores informações sobre o Fórum da Agroindústria podem ser obtidos pelos fones (0482) 228155 ou 341344, ramal 48.

AGENDA

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO AGROTÉCNICO MÊS DE JUNHO

- * De 17 a 28 - Treinamento para filhos e filhas de associados da Cotrijuí. Local: CTC
- * Dia 19 - Uso de Defensivos Agrícolas e Regulagem de Pulverizador. Local: CTC.
- * Dia 19 - Curso sobre raças, cruzamento, alimentação e manejo de suínos. Local: CTC
- * Dia 13 - Seminário sobre Associativismo, Produção e Comercialização de Hortigranjeiros. Local: Ijuí
- * Dia 25 - Reunião da Comissão de Produtores de Leite. Local: Afucotri de Ijuí. Horário: às 14 horas.
- * Dia 25 - Curso de Máquinas Agrícolas - Regulagem e Manutenção de Máquinas Agrícolas - Massey Ferguson. Local: CTC. Horário: 9 horas.

VACA

Vende-se uma vaca Jersey, com cinco meses de cria, pelo valor de Cr\$ 60 mil. Tratar com Volmar Vicente Bertollo, na Linha 23, interior de Ajuricaba.

NOVILHA

Vendo duas novilhas. Uma mestiça Holandês com Jersey, com quatro meses de cria e outra, também mestiça, com um ano de idade. Também vendo um terneiro com seis meses de idade. Os três animais pelo preço de Cr\$ 80 mil. Adalberto Uhde, Barro Preto, interior de Ajuricaba.

NOVILHAS

Vende-se uma novilha Holandês com três meses de cria pelo preço de Cr\$ 80 mil. Duas novilhas com um ano de idade, mestiças, pelo preço de Cr\$ 60 mil. Tratar com Valfrides Alves de Souza, no Barro Preto, Ajuricaba.

Negócios

VENDE-SE

Um terreno de 11,5 x 40 m. luz, calçamento e esgoto situado na rua Vilson Tabile no Bairro Munstock em Ijuí. Recebo carro ou soja no negócio. Tratar com Jeovani Dellaflora na Linha 22 Ajuricaba.

VACAS

Vendem-se oito vacas holandesas. Aceita-se soja e milho no negócio. Tratar pelo telefone (055) 332-1282.

TERRENO

Troca-se um terreno localizado no Bairro das Palmeiras, em Ijuí, por soja. Interessados poderão tratar do assunto pelo telefone (055) 332-3361.

EDUCAÇÃO

Despertando para os dois lados

Em funcionamento há três anos, o curso de Engenharia Agronômica da Unijuí, em Ijuí, é semelhante a qualquer outro curso superior ministrado em qualquer universidade brasileira. Necessita de muitos recursos para projetos, enfrenta falta de professores, tem alunos descontentes, enfim, como é de se esperar, não está isolado da realidade da educação brasileira em nível superior, que talvez não seja mais complicada somente do que a educação básica no país.

Semelhante, entretanto, é o melhor termo que pode ser usado à Agronomia da Unijuí, pois de longe já ganha de muitas outras faculdades que se espalham pelo Brasil, pelo autêntico projeto de desenvolvimento rural. Esse, no entanto, meio no papel, meio na prática, pelo seu pouco tempo de existência, pode ser melhor avaliado por uma das suas características mais exclusivas: os estágios curriculares que se intercalam durante os cinco anos de duração do curso.

CONTATO PERMANENTE - Ao contrário de outros cursos que somente possuem um estágio, os quais às vezes nem são obrigatórios, e realizados em final de curso, a faculdade de Agronomia da Unijuí, coloca o aluno recém saído do forno, em contato dire-

to com a realidade social e econômica do meio rural, já nos primeiros dias de aula. Ao todo são três estágios obrigatórios, explica o orientador Alвори C. dos Santos. O primeiro, chamado de curta duração, é realizado durante uma semana do primeiro semestre, como parte da disciplina de Introdução à Agronomia.

Lá no quinto semestre do curso, os alunos novamente voltam ao campo, desta vez para fazer o estágio de longa duração, que é dividido em três fases, sendo cada uma de três semanas. A primeira ocorre em outubro, quando o estudante aproveita para acompanhar o preparo das culturas de verão. A segunda acontece no mês de fevereiro, época que serve a um acompanhamento da condução da lavoura, do sistema de manejo e as próprias condições do solo da propriedade. O último é realizado em junho, quando o produtor já tem todos os resultados da colheita e já tem instalada a sua lavoura de inverno. Pra fechar o ciclo de estágios, os alunos fazem então o estágio de final do curso, quando por opção individual e seguindo áreas mais definidas de atuação, escolhem o local a ser trabalhado.

Mas tantas idas e vindas a diversas propriedades, demandam tempo,

recursos e estrutura humana. Afora o primeiro contato, feito no início do curso, os demais estágios distribuem cerca de 30 alunos em regiões variadas, como Tapejara, Livramento, Tenente Portela, Teutônia, etc, de forma a propiciar uma visão conjunta de todas as especificidades econômicas, climáticas e sociais do setor primário do Estado.

É na propriedade, contudo, que se revela o maior objetivo do curso. Ali, ele não vai apenas buscar um conhecimento dos resultados de determinadas atividades de produção, mas sim de um acompanhamento total da propriedade, afirma Alвори. O objetivo do curso é buscar, antes de mais nada, um histórico da propriedade, assegura o professor, listando os vários questionamentos trazidos pelos alunos, como a origem de posse da terra, a forma como foi implantada a linha de produção atual, o acesso ao maquinário, o tipo de mão-de-obra utilizado, entre outras tantas questões. Tudo isso, porque, segundo Alвори, se pretende alcançar não uma visão simplista da realidade, mas um acompanhamento da trajetória de todas as decisões tomadas pelo produtor e todos os fatores que a ela estão ligados, sejam internos ou externos à propriedade.



Alвори C. dos Santos, coordenador do curso, não desvincula o estágio do dia-a-dia

INTERAÇÃO - Assim como a escolha dos locais onde são realizados os estágios são decididos através de uma conversa conjunta entre os responsáveis pelas diversas disciplinas do curso, também o aproveitamento final do estágio é integrado. Aliás, a escolha de locais é bastante ampliada, já que participam inclusive alguns pesquisadores da Cotrijuí, a qual funciona como entidade de apoio através do convênio e do PRCT (Programa Regional de Capacitação Tecnológica).

Com as experiências colocadas no papel, os alunos partem para uma etapa de discussão com os próprios colegas nas mais variadas disciplinas. "Procura-se fazer uma retroalimentação do trabalho", destaca Alвори, citando que a avaliação dos estágios é feita "de maneira interdisciplinar, para que essa fase do curso não seja, como geralmente acontece, um processo desvinculado do seu dia-a-dia".

Contato fundamental

Os maiores envolvidos com os estágios realizados na propriedade são também os mais entusiasmados com o processo. Os alunos, mesmo os do 2º semestre, que há pouco incorporam as idéias básicas do curso ou que, como é o caso daqueles que não pertencem a uma família rural, recém se acostumaram com os termos chaves propalados pela agricultura, já discutem entre si a realidade da profissão e do campo. Do estágio primeiro, várias descobertas e a afirmação dos propósitos ou do próprio papel do agrônomo perante o agricultor. A conservação do solo já é enfatizada, mesmo que a primeira observação prática não permita uma total apreensão da agricultura como um todo.

Técnicos complementando seus estudos, seguindo uma decisão familiar ou mesmo por opção própria, os alunos do primeiro estágio falam com muita decisão. Enquanto Juliano Acaçio Nunes, por exemplo, acha que com a agronomia pode contribuir com a agricultura de maneira mais eficaz, a estudante Patricia Volkman, do município de Alecrim, não economiza o seu entusiasmo. Ao contrário de outros colegas que pretendem fazer o curso para trabalhar na propriedade da família, ela diz que mesmo que pertencesse a uma família rural, não faria isso. O trabalho tem que ser mais abrangente, pensa a estudante, ao falar sobre os problemas ocorridos na monocultura e as dificuldades dos agricultores para reverterem a situação.

Com uma informação mais rebuscada, os alunos do sexto semestre já têm em mente as grandes diferenças regio-



Paulo Burtet



Delmar Frühling

nais, mesmo aqueles que não são oriundos da agricultura. Ainda assim, sempre há alguém que deixa escapar a gratificação por ter conhecido algo que somente sabia por referência teórica. Todos salientam, no entanto, a importância do estágio para a melhor formação do agrônomo, já que partindo de uma realidade individual fica mais fácil compreender os rumos que vão sendo dados às diversas propriedades, nas mais variadas regiões do Estado.

A conservação do solo também é um ponto muito discutido nesta turma, que já aponta seus benefícios diretos e ao mesmo tempo as dificuldades para que os projetos do setor sejam postos em prática. Sabem ainda, por observação proporcionada via os inúmeros estágios, do valor da organização comunitária e do melhor aproveitamento de tudo quanto é produzido na propriedade. Os alunos do sexto semestre, contudo, não esquecem de discutir no fim de todas as suas análises, a situação conjuntural da agricultura nacional, apontando como um dos seus efeitos mais latentes a grande descapitalização do produtor e a ausência de investimentos.

ENCURTAR DISTÂNCIAS - Os produtores que recebem os alunos, pelo seu lado, também vêm os estágios de forma positiva. Alguns, inclusive, demonstram muito interesse pela proposta, já que não dispensando de forma alguma a orientação técnica, pensam que ela deve estar o mais próximo possível dos seus interesses. Paulo Burtet, produtor em Bom Princípio, Augusto Pestana, passou pela experiência que

ele próprio poderia estar vivendo. Curso três semestres da Agronomia e resolveu retornar exclusivamente à propriedade, devido a urgência colocada pela crise. "Apesar disso, estamos conseguindo sair da estagnação da monocultura", diz ele satisfeito.

A troca de experiências vividas pelos alunos com o produtor é uma forma de encurtar distância que a própria universidade pode criar, afirma Burtet, avaliando o entrosamento dos alunos. Acha ainda que os estágios podem, ao mesmo tempo, aproximar o produtor da universidade, da sua realidade e do que ela propõe em mudanças, hoje tão necessárias para o segmento da agricultura. Burtet pensa também que muitos produtores gostariam que o questionamento surgido no estágio tivesse continuação e contasse com a sua participação. É um estágio que



Os novatos

As primeiras discussões sobre o papel profissional



Turma do 6º semestre

Entendimento sobre a descapitalização da agricultura

desperta para os dois lados", resume o agricultor.

De Alto Alegre, Tenente Portela o produtor Delmar Frühling se sente muito gratificado em ter proporcionado os primeiros passos para um estudante. Tanto gostou que deixou o convite para o aluno voltar outra vez para trabalharem juntos. "É uma forma de os técnicos começarem de baixo para cima", interpreta ele, sem transparecer nenhuma queixa da assistência que recebe. A boa receptividade colocada por Delmar é baseada na expectativa de que muitos produtores venham a ter sempre profissionais formados dentro da lavoura". Ele aproveita o espaço até para sugerir mudança de datas nos estágios. "Era bom que viessem em maio e novembro, época que tem mais serviço e o acompanhamento pode ser maior".

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração: Irene Lorenzoni
Montagem: Z Comunicação

ANIMAIS... ANIMAIS



DIVERTIMENTOS

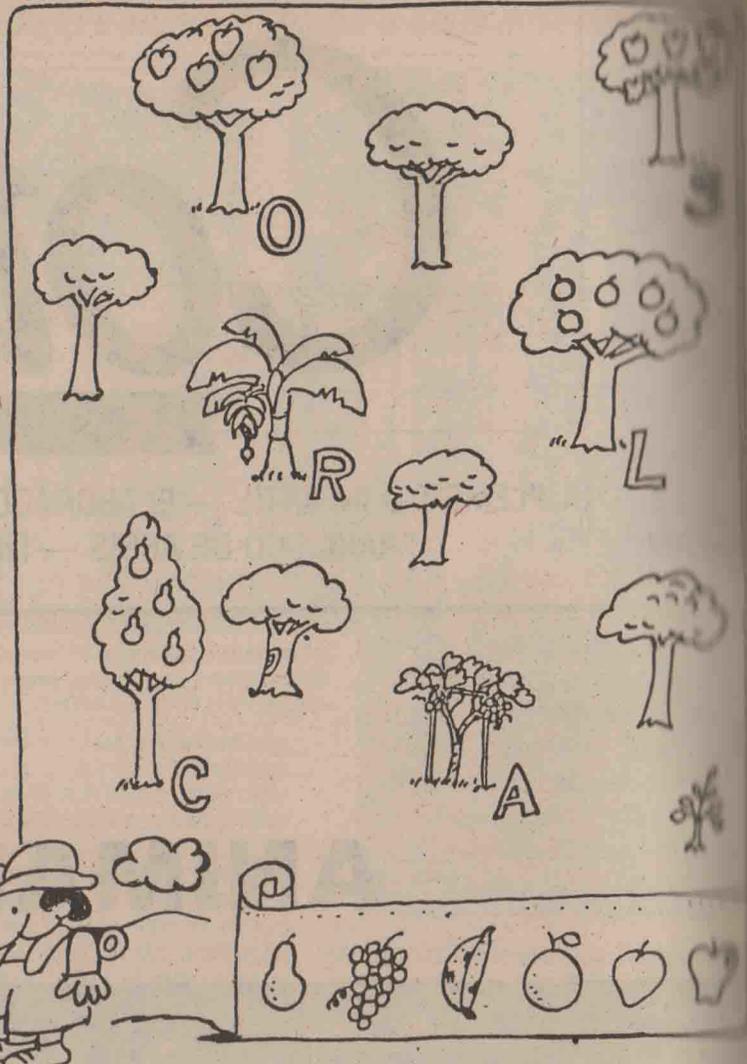
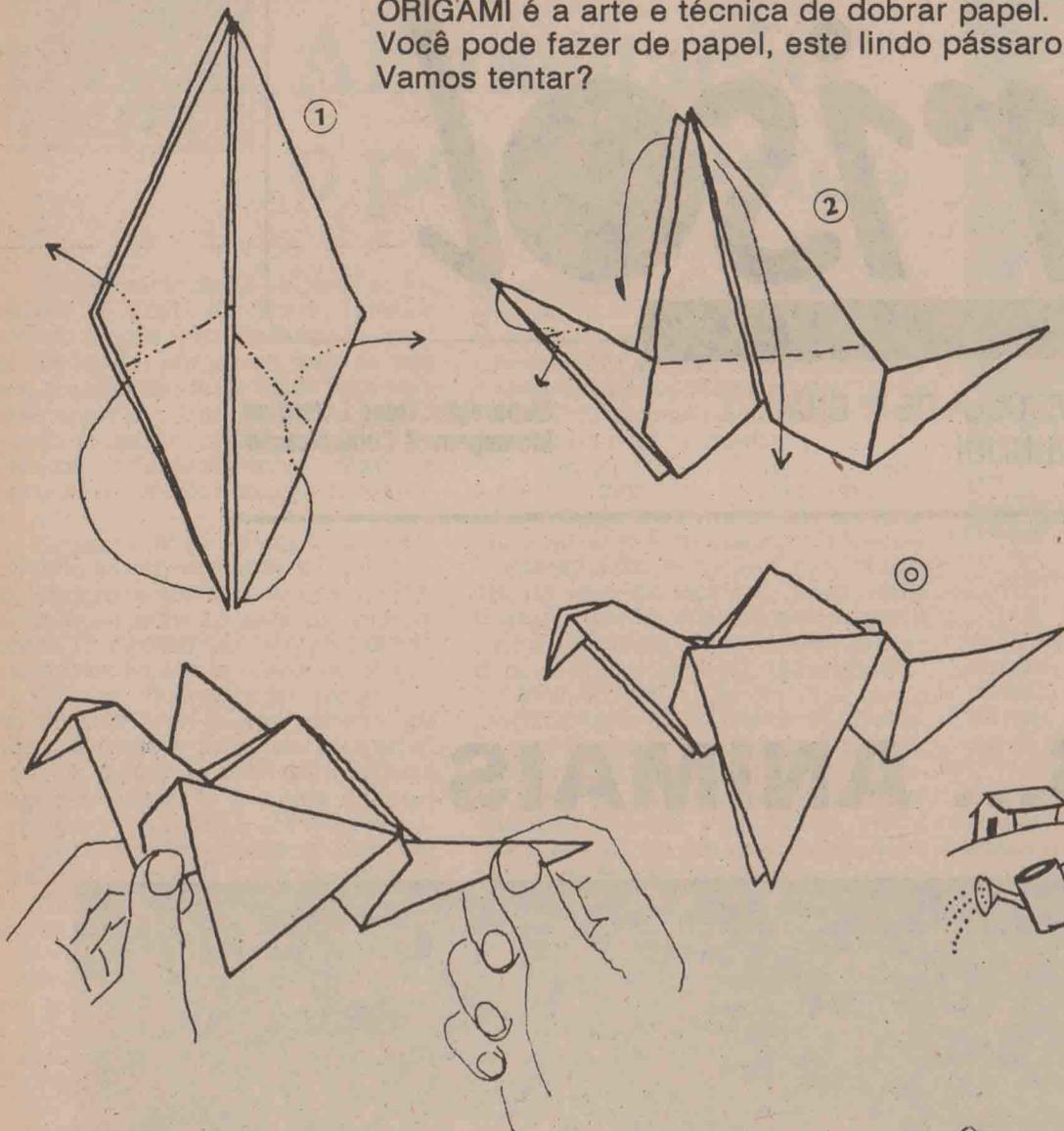
ORIGAMI

**CRIANÇA
ESCREVE TEXTO**

**CIÊNCIA - DO OVO
NASCE O PINTINHO**

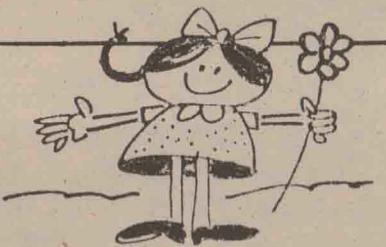
PÁSSARO que bate asas

ORIGAMI é a arte e técnica de dobrar papel. Você pode fazer de papel, este lindo pássaro. Vamos tentar?



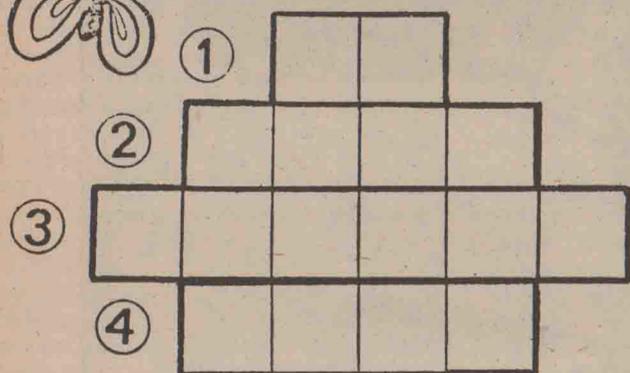
Decifre o nome do agricultor seguindo a ordem indicada pelas frutas. Ele cuida com carinho o seu pomar.

4 15 2 3 8 0 6	9 4 2 5 8 3 0 1	6 1 8 2 3 9 4 7	0 5 2 9 1 3 8 5
----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------



EM QUAL DESTES QUADROS A SOMA DOS ALGARISMOS É MAIOR?

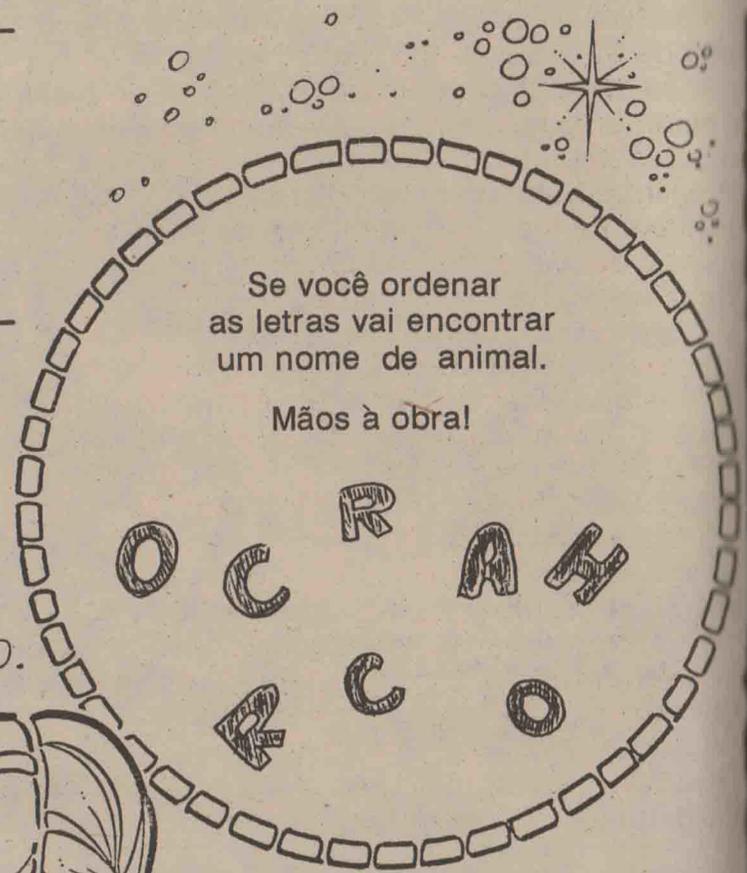
ESCREVA NA HORIZONTAL



- 1 - Pula e vive na lagoa
- 2 - Gosta de nadar
- 3 - Galopa e ajuda a transportar
- 4 - Canta na madrugada

Respostas:

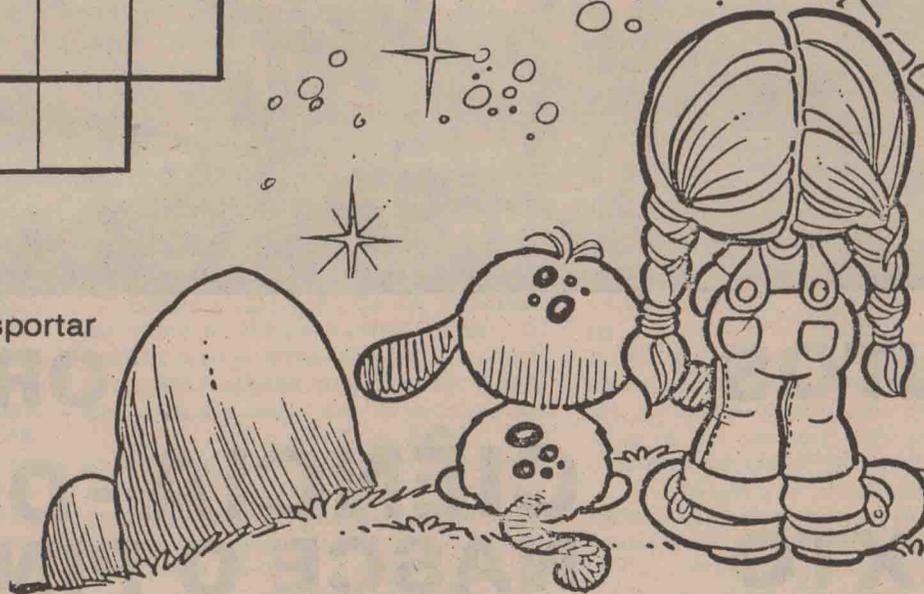
rá, pato, cavalo, galo.



Se você ordenar as letras vai encontrar um nome de animal.

Mãos à obra!

Resposta:
cachorro.



DO OVO AO PINTO

É bem difícil entender como é que o pinto surge de uma única célula microscópica. Essa primeira célula, ou célula inicial, resulta da união de uma célula reprodutora da galinha com uma célula reprodutora do galo. Quando o galo trepa na galinha, ele injeta dentro dela suas células reprodutoras microscópicas.

Cada célula inicial cresce e se divide muitas vezes, até formar um grupo de centenas de células, que formam a gema. Em torno desse embrião diminuto junta-se muito alimento que forma a gema, grudada na gema, que depois é envolvida pela clara e, por fim, por um líquido que seca logo e forma a casca do ovo. Quando a galinha bota o ovo, ele é como um imenso navio carregado de mantimentos que duram até o fim da viagem. Esses mantimentos alimentam o embrião até ele se tornar um pinto completo.

Quando a galinha bota o ovo, a gema pára de crescer, mas continua viva por várias semanas. Para que o desenvolvimento continue, é preciso apenas que o ovo fique numa temperatura de cerca de 37 graus e que a umidade do ar esteja perto de 60%. O oxigênio do ar necessário à vida do embrião, passa através da casca do ovo, que tem furos imperceptíveis.

A galinha bota, no máximo, um ovo por dia, o que já é uma façanha quando se compara o tamanho do ovo com o corpo da galinha.

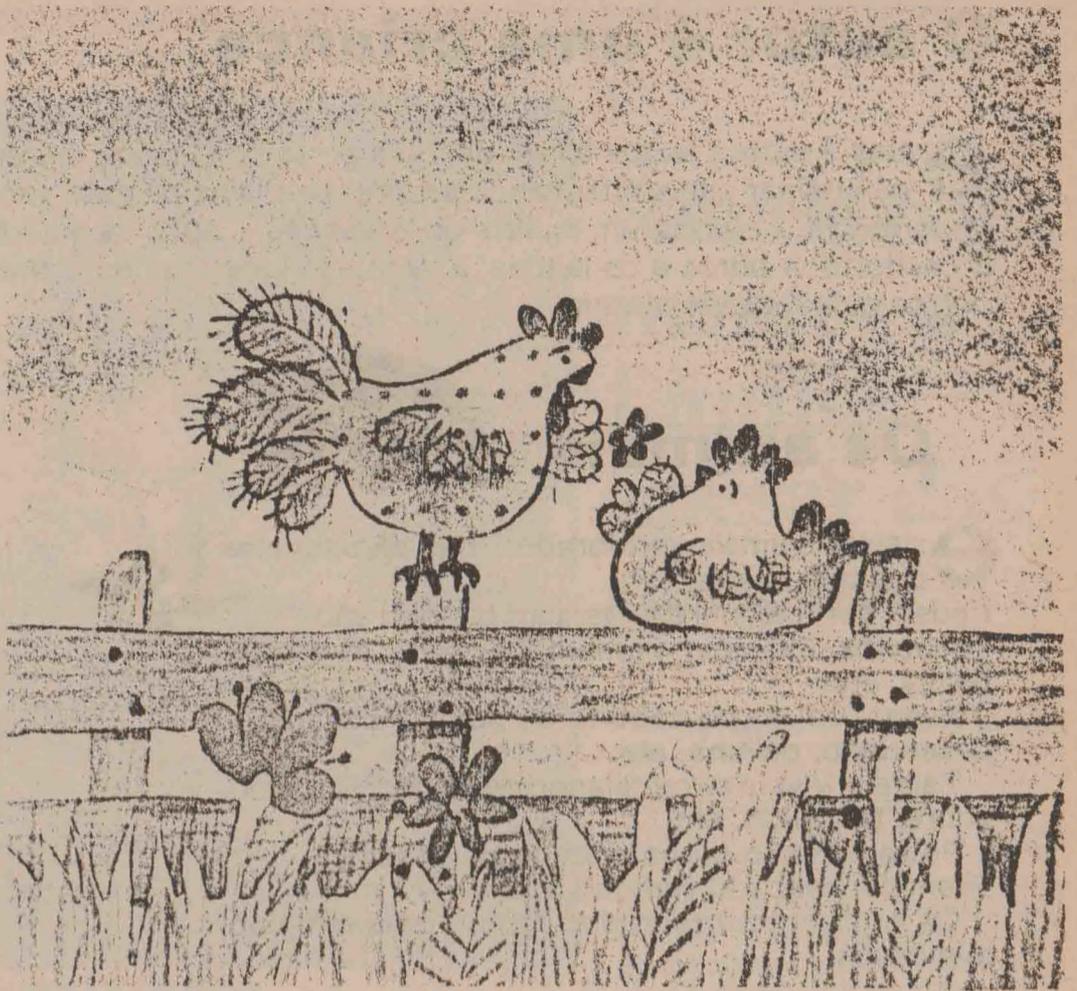
Se os embriões continuassem a se desenvolver à temperatura ambiente, os pintos iriam nascer em dias seguidos. Como é que a mãe ia tomar conta deles, cada um com uma idade? Mas não acontece assim. A galinha vai botando os ovos tranquilamente até acumular no ninho um bom número deles. Aí, em lugar de passar o dia inteiro marcando e namorando o galo, ela deita no ninho e só levanta dali de vez em quando.

Comparada com gente, galinha está sempre com febre. E febre de mais de 40 graus. É só botar o termômetro. No dia em que ela fica choca e cobre os ovos com o corpo, os embriões retomam o seu desenvolvimento ao mesmo tempo, pois debaixo da galinha está marcando entre 37 e 38 graus e a umidade está na medida conveniente.

A galinha continua protegendo os filhotes até eles se tornarem frangotes.

Passeia com eles, mostra-lhes os alimentos, defende-os contra outras galinhas. De noite, abraça-os sob o seu corpo, pois eles não suportam o frio.

Como é que a célula inicial e a gema conseguem orientar seu próprio desenvolvimento para fabricar um pinto e não outro bicho qualquer? Esse enigma preocupou inúmeros cientistas desde muito antigamente. Mas só foi solucionado na segunda metade do nosso século.



Em certo sentido, percebeu-se que tudo era muito mais simples do que se imaginava: dentro da célula inicial da galinha existe um programa seguido pelo embrião, que faz com que as coisas aconteçam de modo a se formar um pinto. No caso da célula inicial do pombo, o programa é diferente. O resultado é um pombinho. E assim acontece com todas as espécies e raças.

Na célula inicial não existe uma miniatura de pinto. Existe simplesmente um programa, como se fosse uma receita de livro de cozinha. Para preparar um bolo, a gente segue a receita. Mas o livro não traz um bolo em miniatura.

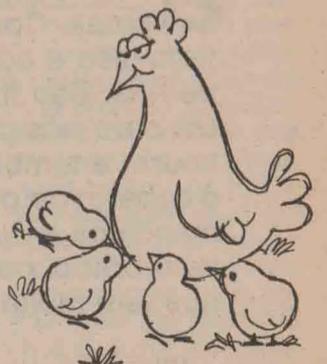
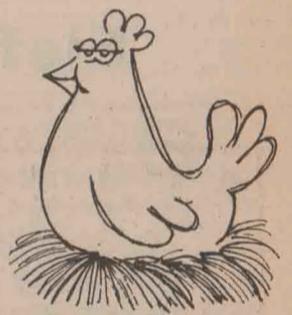
No caso do livro, a receita (o programa) está registrada em palavras impressas. Quem segue a receita não é o livro, mas a cozinheira. No caso das células iniciais há duas diferenças. Primeiro, não existem letras ou palavras: o programa está registrado sob a forma de moléculas, chamadas genes. Além disso, quem segue as instruções do programa são as próprias células, dentro das quais estão os genes, e não alguém de fora.

O programa funciona assim: como os genes são diferentes entre si, cada um faz acontecer certa coisa dentro da célula em determinada ocasião. Numa única célula, há centenas de milhares de genes, cada qual desempenhando sua função, a tempo e hora. O resultado é que as coisas se encaminham organizadamente para a formação do pinto ou do pombo, conforme o caso.

Certos genes da célula inicial do pombo são iguais aos da galinha, mas outros são diferentes, de modo que, entre um pombo e uma galinha, encontramos semelhanças e diferenças. Os programas contidos nos genes da minhoca ou do pé de alface são ainda mais diferentes.

Será que o programa da espécie humana é mais parecido com o da galinha, o da minhoca ou o do pé de alface?

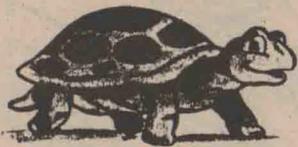
Oswaldo Frota-Pessoa
Departamento de Biologia - USP



O autor é uma criança

Estes e outros textos foram escritos por crianças que moram na zona rural. As professoras encarregadas de ensinar estas crianças, discutiram em sala de aula sobre os animais, suas características, classificações, importância, e realizaram muitas observações. Após os estudos, escreveram seus próprios textos. O cachorro, a porca e os leitões, a vaca, são mostras desse trabalho e não foi fácil selecioná-los entre tantos outros que vocês enviaram.

Os animais



Existem animais vertebrados, que são aqueles que têm ossos.

Podem ser mamíferos. Mamam quando são pequenos. Exemplo: homem, boi, gato, morcego, baleia, etc.

Aves: Têm corpo coberto de penas. Exemplo: passarinho, galinha, etc.

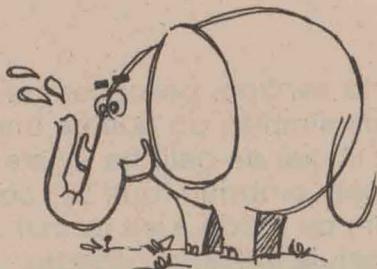
Répteis: Vivem se rastejando pelo chão. Exemplo: cobra, tartaruga, etc.

Peixes: Têm o corpo coberto de escamas. Exemplo: cascudo, lambari, etc.

Os animais invertebrados são aqueles que não têm ossos.

Nome: Sandra Schneider
3ª série - Augusto Pestana

Elefante



Eu sou o elefante. Gosto de comer amendoins. Eu sou gordo, por isso minha jaula tem que ser bem grande.

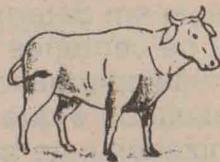
Quando os macacos ganham amendoim, eu como antes deles. Eu sou um comilão. Para eles me lavarem, os homens precisam de escadas. O meu nome é Xuxinho. Sou bonitinho.

Eles botaram dois topezinhos nas minhas orelhas para parecer uma Xuxinha mesmo. No circo eu encosto o meu nariz no rabo do outro, deito em cima de uma mocinha jovem, faço milhares de coisas.

No circo e no zoológico, todos vêm me olhar e escutar o meu grito de fome. Quando eu estou com fome, eu faço "chacoalhar" a jaula.

Nome: Marieli Heusser
Ponte do Ijuzinho - Augusto Pestana

A vaca



A vaca é um animal quadrúpede, tem quatro patas. Com suas patas ela dá coice. Ela faz tudo isso e outras coisas também com ajuda das pernas. Seu filhote nasce da barriga. A vaca é útil para nós porque nos fornece, carne, leite, couro, e também cria outros terneiros. Seu corpo é coberto de pêlos. Ela come pasto, milho, quirera, mandioca e outras coisas. A vaca é um animal vertebrado, porque tem ossos. A vaca é um animal que tem muita força.

Vilmar Lamberty
Augusto Pestana.

A porca e os leitões



Dia 24 de junho, minha porca deu cria, deu 12 leitões.

Os leitões são um mais bonitinho do que o outro. Só um nasceu e ficou com tanto frio que não conseguiu tomar leite e nós o esquentamos com a luz, daí ele conseguiu mamar. Fiquei muito contente.

Quando eles estiverem gordos, eu vou carnear dois para, no Natal, fazer uma janta em família e vou vender os outros para pagar a ração.

Nome: William Eduardo Krüger
Santo Augusto - 08 anos

Um cão de estimação

Era uma vez um cão chamado Tupi. O dono dele era meu tio. Tupi era um bom companheiro e um bom caçador. Quando o meu tio pegava a espingarda, Tupi ficava muito alegre, porque ele sabia que era hora de sair para uma caçada. Quando chegavam no campo, Tupi farejava para lá e para cá até que levantava alguma coisa. Quando voltavam para casa, Tupi estava muito cansado.

Certo dia meu tio foi caçar em Tupã, lá havia muita caça. Até que uma noite, Tupi desapareceu e terminaram as caçadas.

Nome: Rodrigo Alan Goi
Parador - Ijuí



A importância do rabo dos cães

A Sociedade de Veterinários da Inglaterra pediu recentemente ao Parlamento que aprove uma lei proibindo cortar os rabos dos cachorros por "motivos estéticos". Os veterinários afirmam que a cauda é um órgão importantíssimo para os cães, pois serve como leme, freio ou estabilizador.

Quando um cão está correndo, e precisa fazer uma curva, a cauda o ajuda a manter o equilíbrio. Se precisar breicar de repente, usa a cauda como freio. (Já notaram que quando um cão pára de frente ergue a cauda?). E ao nadar, usa a cauda como leme.

O cão se vale também da cauda para manifestar seu contentamento. Mas há muito cão abanando "toquinhos" por aí...